



Rota das Casas Brasonadas da Póvoa de Lanhoso

JOSÉ MANUEL GONÇALVES LOPES

UMinho 2012



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

JOSÉ MANUEL GONÇALVES LOPES

**Rota das Casas Brasonadas da  
Póvoa de Lanhoso**

Outubro 2012



## DECLARAÇÃO

**Nome:** JOSÉ MANUEL GONÇALVES LOPES

**Endereço electrónico:** [josegoncalveslopes89@gmail.com](mailto:josegoncalveslopes89@gmail.com)

**Telefone:** 915896668

**N.º do Bilhete de Identidade:** 13466722

**Título da dissertação:** Rota das Casas Brasonadas da Póvoa de Lanhoso

**Orientadores:** Prof. Dr. José Manuel Lopes Cordeiro

**Ano de conclusão:** 2012

**Ramo de Conhecimento do Mestrado:** Património e Turismo Cultural

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO

Universidade do Minho, \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ 2012.

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais

## **AGRADECIMENTOS**

A realização deste trabalho tornou-se possível com a disponibilidade e ajuda do Sr. Doutor José Manuel Lopes Cordeiro que me orientou nesta dissertação, de forma a seguir o caminho correcto para atingir o resultado pretendido.

Não me esqueço também dos técnicos de Turismo e de Património da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso que auxiliaram de boa vontade sempre que necessitei.

Agradeço também à minha família que fez o possível para que tivesse as condições necessárias para elaborar da melhor forma tanto este trabalho como tantos outros durante a minha vida de estudante.

Por fim agradeço a alguém muito importante que nos momentos em que o projecto não estava a decorrer como pretendido, foi essa pessoa que me ajudou a recuperar e a acreditar que era possível concretizar aquilo que foi idealizado.

## **RESUMO**

O trabalho procura analisar, promover e divulgar as Casas Brasonadas na Póvoa de Lanhoso.

As 18 casas incluídas neste projecto variam no ambiente em que estão inseridas, na época de construção e consequentemente no estilo arquitectónico.

A ordenação das casas no trabalho é relativamente à data de construção do brasão. A pesquisa sobre os brasões, as famílias, as suas habitações, turismo, marketing e marketing turístico foram as bases que sustentaram este projecto.

O grande objectivo deste trabalho é homogeneizar os efeitos positivos da actividade turística na Póvoa de Lanhoso. Este recurso abrange uma grande percentagem da área do concelho, tornando-se assim na nossa perspectiva no recurso com maior margem de progressão e importância na região.

Para divulgar e consolidar a Rota de Casas Brasonadas da Póvoa de Lanhoso como um atractivo turístico de sucesso, estabelecemos estratégias e formas de acção para que com um pequeno orçamento seja possível atingir todos os resultados pretendidos.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyse, promote and disclose the Stately Houses in Póvoa de Lanhoso.

The eighteen houses that are included on the project are different on the environment in which they are built, at the time of construction and consequently in architectural style.

The ordering of the houses in this work results on the date of construction of the coats of arms. The research on the coats of arms, their families, their own houses, tourism, marketing and tourism marketing were the foundations that supported this project.

The biggest goal of this work is to equalize the positive effects of tourism in Póvoa de Lanhoso. This resource covers a large percentage of the Póvoa de Lanhoso area, becoming in our perspective the resource with the highest margin progression and importance on the district.

To promote and consolidate the Póvoa de Lanhoso Route of Stately Houses, as a success tourist attraction, we establish strategies and forms of action for that with a small budget we can achieve all the desired results.

# ÍNDICE

DEDICATÓRIA .....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO .....	iv
ABSTRACT .....	v
ÍNDICE de IMAGENS .....	viii
ÍNDICE de ILUSTRAÇÕES.....	ix
ABREVIATURAS.....	x
CAPÍTULO I .....	1
INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO II .....	9
1 – Casa do Souto (Lanhoso) .....	9
2 – Casa da Costa (Geraz do Minho) .....	10
3 – Casa de Sinde (Covelas).....	11
4 – Casal da Quintã (Galegos) .....	13
5 – Torre da Mota (S. Martinho) – 1722 .....	14
6 – Casa do Bárrio (Moure) .....	18
7 – Casa do Couço (Louredo).....	20
8 – Casa da Comenda (Garfe).....	21
9 – Casa do Pomar (Taíde).....	23
10 – Casa do Recobello (Águas Santas).....	24
11 – Casa do Penedo (Geraz do Minho).....	28
12 – Casa da Pedreira (Lanhoso) .....	30
13 – Casa do Barro (Lanhoso).....	32
14 – Casa de Vicente (Frades) .....	33
15 – Casa de Passos (Geraz do Minho) .....	38
16 – Casa da Bandeira (Ferreiros) .....	39
17 – Casa do Outeiro (Moure).....	41
18 – Casa das Agrads (Nossa Sr <sup>a</sup> . Do Amparo).....	43
CAPÍTULO III .....	47
Definição de Turismo .....	47
Impactos Positivos e Negativos do Turismo.....	51
Estudo Sobre Turismo .....	53
Análise SWOT .....	56



Proximidade com a População .....	62
CAPÍTULO IV .....	63
Definição e Evolução de Marketing .....	63
Marketing Turístico .....	66
Internet como meio difusor .....	67
O Marketing e o Futuro.....	68
Oferta Turística.....	69
Rota das Casa Brasonadas da Póvoa de Lanhoso.....	70
Estratégias de promoção e viabilização da rota.....	71
CAPÍTULO V .....	78
Conclusão .....	78
Importância do Turismo em Portugal e no Mundo.....	78
Património e Turismo Cultural .....	83
BIBLIOGRAFIA.....	86
LEGISLAÇÃO.....	90
SITES .....	91
ANEXOS .....	92

## **INDICE de IMAGENS**

Imagem 1 - Pedra de Armas - Casa do Souto; Fonte: Autor; .....	9
Imagem 2 - Pedra de Armas - Casa da Costa; Fonte: Autor; .....	10
Imagem 3- Fachada principal - Casa de Sinde; Fonte: Autor; .....	11
Imagem 4 - Pedra de Armas - Casal da Quintã; Fonte: Autor; .....	13
Imagem 5 - Pedra de Armas - Torre da Mota; Fonte: Autor; .....	14
Imagem 6 - Pedra de Armas - Casa do Bárrio; Fonte: Autor; .....	18
Imagem 7 - Pedra de Armas - Casa do Couço; Fonte: Autor; .....	20
Imagem 8 - Pedra de Armas - Casa da Comenda; Fonte: Autor; .....	21
Imagem 9 - Pedra de Armas - Casa do Pomar; Fonte: Autor; .....	23
Imagem 10 - Pedra de Armas - Casa do Recobello; Fonte: Autor; .....	24
Imagem 11 - Pedra de Armas - Casa do Penedo; Fonte: Autor; .....	28
Imagem 12 - Pedra de Armas - Casa da Pedreira; Fonte: Autor; .....	30
Imagem 13 - Pedra de Armas - Casa do Barro; Fonte: Autor; .....	32
Imagem 14 - Pedra de Armas - Casa de Vicente; Fonte: Autor; .....	33
Imagem 15 - Pedra de Armas - Casa de Passos; Fonte: Autor; .....	38
Imagem 16 - Pedra de Armas - Casa da Bandeira; Fonte: Autor; .....	39
Imagem 17 - Pedra de Armas - Casa do Outeiro; Fonte: Autor; .....	41
Imagem 18 - Pedra de Armas fachada principal - Casa das Agrads; Fonte: Autor; .....	43
Imagem 19 - Portal mais antigo - Casa das Agrads; Fonte: Autor; .....	43
Imagem 20 - Página principal do perfil no Facebook; Fonte: Facebook; .....	72
Imagem 21 - Imagem representativa das pedras de armas integrantes do projecto; Fonte: Autor; .....	73
Imagem 22 - Várias plataformas na Internet; Fonte: Autor; .....	74
Imagem 23 - Localização das Casas no Mapa do Concelho; Fonte: Autor; .....	75

## **INDICE de ILUSTRAÇÕES**

Ilustração 1 - Exemplo de outdoor publicitário; Fonte: Autor; .....	92
Ilustração 2 - Exemplo de outdoor publicitário; Fonte: Autor; .....	92
Ilustração 3 - Exemplo ficha individual de cada casa; Fonte: Autor; .....	93

## **ABREVIATURAS**

ACERG - Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana  
ACJP - Associação Cultural da Juventude Povoense  
ADRAVE - Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave  
AIEST - Associação Internacional de Técnicos de Turismo  
AMA - American Marketing Association  
APCA - Associação Portuguesa das Casas Antigas  
ATPL - Associação Turismo da Póvoa de Lanhoso  
BENELUX - Bélgica, Holanda e Luxemburgo  
CCDR - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional  
CITI - Centro de Investigação Turística Internacional  
ERIH - European Route of Industrial Heritage  
ERTPNP - Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal  
ESPL - Escola Secundária da Póvoa de Lanhoso  
ICN - Instituto da Conservação da Natureza  
IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico  
INE - Instituto Nacional de Estatística  
IPDT - Instituto do Planeamento e Desenvolvimento do Turismo  
IPVC - Instituto Politécnico de Viana do Castelo  
ISAVE - Instituto Superior de Saúde do Alto Ave  
LEADER - Liason Entre Actions pour le Développement de L'Economie Rurale  
NUT - Nomenclatura das Unidades Territoriais  
OCDE - Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico  
OMT - Organização Mundial do Turismo  
PENT - Plano Estratégico Nacional do Turismo  
PIB - Produto Interno Bruto  
QREN - Quadro de Referência Estratégico Nacional  
SWOT - Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats  
TAP - Transportes Aéreos Portugueses  
TER - Turismo em Espaço Rural  
TICCIH - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage  
UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation

# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado de Património e Turismo Cultural que se apresenta ao Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho tem como principal tem como objectivos a análise, a definição, estruturação e a divulgação de um recurso turístico e patrimonial, que apesar de identificado, não está devidamente aproveitado.

Os objectivos acima descritos estão criteriosamente apoiados nos conhecimentos obtidos na Licenciatura em História, no 1ºano do Mestrado em Património e Turismo Cultural, numa vasta procura e numa criteriosa selecção da bibliografia preponderante para o estudo do tema.

O recurso Patrimonial e Turístico que vamos examinar são as Casas Brasonadas existentes na Póvoa de Lanhoso.

O primeiro passo na elaboração deste projecto é saber o que já existe e o que já foi feito nesta temática, tanto em Portugal como no estrangeiro.

Após a pesquisa inicial deparamo-nos com uma associação britânica com um projecto bastante interessante. A UK Historic Houses & Stately Houses, Royal Palaces, Gardens and Castles, Heritage Sites for England<sup>1</sup> engloba no seu site um número significativo de casas brasonadas e apalaçadas no Reino Unido.

É um projecto muito bem conseguido, onde cada propriedade está inserida na região a que pertence, o que facilita a pesquisa, acompanhada de uma quantidade suficiente de informação para conhecer minimamente a história de cada edifício. Salientamos também a existência de um site individual de cada propriedade, com uma qualidade de fotografia bastante elevada, aumentando assim a curiosidade e a motivação de nos deslocarmos ao local.

No mesmo site está também disponível a lista das propriedades divididas por regiões onde se pode realizar eventos, como casamentos por exemplo.

O único aspecto menos positivo deste projecto é claramente o site, que apesar de ter a informação, o processo de pesquisa poderia ser mais intuitivo, e a imagem ser melhorada, já que esteticamente o site deixa um pouco a desejar.

Ainda no Reino Unido encontramos também outro exemplo muito semelhante ao que queremos implantar. Chama-se National Trust<sup>2</sup>, e profissionalismo e qualidade que este recurso

---

<sup>1</sup>[www.stately-homes.com](http://www.stately-homes.com);

<sup>2</sup>[www.nationaltrust.org.uk](http://www.nationaltrust.org.uk);

possui está acima da média. O site em si apesar de já ser bastante atractivo e de qualidade acima da média está neste momento a ser alvo de uma reestruturação.

Na página principal do site o visitante tem logo acesso a toda a informação disponível do site, o que é um aspecto fulcral para manter a atenção e o interesse do utilizador. Sendo assim na página principal podemos visualizar a lista de espaços a visitar, os eventos a acontecer em cada desses locais e possuem também um espaço para os interessados tornarem-se sócios do National Trust onde perante o pagamento de um valor, podem usufruir de preços especiais em vários espaços inerentes ao recurso. O espaço para donativos também não foi esquecido e existe também uma loja online onde podemos comprar não só itens com a denominação da rota, como também produtos artesanais e gastronómicos confeccionados em diversos espaços da National Trust. Por fim existe ainda um espaço a notícias relacionadas com a National Trust e a possibilidade de subscrevermos uma newsletter onde temos acesso às últimas novidades.

Tudo isto é acompanhado com uma excelente qualidade fotográfica, e sem esquecer algo essencial nos dias de hoje, ligações para todas as redes sociais em que a National Trust possui um perfil, aumentando assim o número de possíveis entre o público mais jovem.

Relativamente a Portugal, após pesquisa, encontramos um Roteiro das Casas Brasonadas composto por dezasseis edifícios, todos eles no centro urbano de Portalegre. A informação disponível é reduzida, e não contém contactos para possíveis visitas guiadas. O que aparentemente é algo bastante interessante que poderia obter algumas receitas para a Câmara Municipal local ou para uma empresa privada que estivesse apta e disponível para dinamizar este recurso. Não basta apenas construir a rota, é necessário planear, dinamizar e divulgar, para que seja um recurso com sucesso.

Em Ponte de Lima existe uma rota criada pela Associação de Turismo de Habitação<sup>3</sup>. Esta rota está bem desenvolvida, com relativo sucesso. O passo a seguir na nossa opinião para uma consolidação, é claramente a aposta numa divulgação mais expressiva do que é o recurso, do que disponibilizam ao visitante.

A Turihab lançou a marca Casas no Campo<sup>4</sup> com o objectivo de criar uma rede de Turismo em Espaço Rural. O site é bastante simples, com alguma qualidade fotográfica, mas a usabilidade deixa um pouco a desejar, o que diminui desde logo o interesse do utilizador. Um

---

<sup>3</sup>[www.turihab.pt](http://www.turihab.pt);  
<sup>4</sup>[www.casasnocampo.net](http://www.casasnocampo.net);

aspecto muito interessante que queremos salientar é a actividade da Casa da Semana, em que todas as semanas dão destaque a uma casa, disponibilizando mais informação sobre a mesma.

Também sob a alçada da Turihab está os Solares de Portugal. Neste site, apesar de estar disponível em três línguas (Português; Inglês; Francês;) a informação na página principal apesar de ser em grande número, está muito mal distribuída, remetendo assim o utilizador para uma certa confusão na utilização do site. Este é um aspecto a ser melhorado, porque reduz substancialmente o tempo em que o utilizador despende no site. Contudo, a informação presente é bastante positiva, mostra que é uma actividade já consolidada.

Para concluir o exemplo Português referimos a existência da APCA<sup>5</sup> que promove a conservação, valorização, o estudo, a divulgação e promoção do património privado português. Tem mais de 25 anos de experiência, e reconhecimento internacional.<sup>6</sup>

Em comparação com Inglaterra, Portugal ainda tem um longo caminho a percorrer, tanto numa maior aposta e promoção deste tipo de edifício. Outro aspecto a melhorar é o grafismo e usabilidade dos sites portugueses deste tema, que em comparação com os ingleses são de qualidade muito inferior.

O comportamento dos responsáveis em Portugal em relação a este recurso cultural tem de ser alterado, é necessário ter consciência que este tipo de património pode dinamizar a economia local, mesmo que em muitos casos estes edifícios sejam privados, aí a cooperação entre o sector privado e público é essencial.

Despendemos algum tempo e pesquisa para determinar a melhor bibliografia que nos permitisse efectuar o melhor projecto possível. Devido à especificidade do tema, para além de obras relativas a Casas Brasonadas, salientamos também obras relativas ao marketing em geral e ao marketing turístico, e sobre a importância das novas tecnologias na promoção de projectos.

Para o estudo das Casas Brasonadas nesta região, temos indiscutivelmente de utilizar a obra de Artur Vaz-Osório da Nóbrega.<sup>7</sup> Apesar de já ter sido editado em 1974, continua a ser uma referência. A informação de cada habitação é muito pormenorizada, interessante, aumenta o interesse de conhecer mais sobre a casa, e é perceptível que o autor foi ao local.

Consideramos também como um auxílio muito importante para quem se inicia no estudo da Heráldica em geral e a heráldica da família a que a habitação está associada, e que é pormenorizadamente descrita nesta obra.

---

<sup>5</sup> Associação Portuguesa das Casas Antigas;

<sup>6</sup> [www.ap-casas-antigas.pt](http://www.ap-casas-antigas.pt);

<sup>7</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

O último ponto positivo que salientamos neste livro é a existência de um mapa na parte final da obra que facilita a localização das habitações integradas neste projecto.

Os únicos pontos negativos que destacamos são relativos à antiguidade da obra, porque aspectos como os proprietários da casa, a qualidade das fotografias e o estado de conservação das habitações, que actualmente é totalmente diferente na maioria dos casos.

Outra das obras fundamentais para o estudo deste tipo de habitações na região minhota é o livro de Anne de Stoop.<sup>8</sup>

Esta obra oferece ao leitor uma qualidade fotográfica acima da média que permite vislumbrar a imponência da habitação e os pormenores mais importantes.

A informação disponibilizada é de qualidade e concede-nos uma melhor compreensão histórica e arquitectónica dos locais.

Apenas com esta obra para quem não conhece a região, torna-se difícil em alguns casos encontrar a casa brasonada pretendida. É importante salientar que esta obra não contém apenas Casas Brasonadas, aliás algumas das existentes no concelho não estão nesta obra representadas.

Outra obra muito importante para o estudo das Casas Brasonadas é o livro de Maria Henriqueta da Mota Norton.<sup>9</sup> Com o auxílio desta obra, apesar da qualidade das fotografias ser inferior às outras obras já mencionadas, facilita a localização das habitações. Para além deste aspecto, a forma como a informação é disponibilizada concede ao leitor a vontade de visitar os locais e conhecer melhor o concelho.

Para complementar da melhor forma o estudo sobre cada habitação, o estudo das pedras brasonadas é fundamental. Para nos auxiliar relativamente à heráldica utilizamos a obra de Afonso Zúquete<sup>10</sup>. Este livro é bastante completo, já que contém informação muito interessante sobre as principais famílias nobres de Portugal, sem esquecer a região minhota. Este ponto foi muito importante durante a realização do projecto, porque permitiu-nos introduzir aspectos preponderantes para uma melhor compreensão das pedras brasonadas.

Salientamos também na obra a presença de um texto no início do livro que retrata a origem e a evolução da Nobreza, e na parte final a existência de uma parte dedicada ao

---

<sup>8</sup> STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo 1*, Editora Civilização, Porto, 1993;

<sup>9</sup> NORTON, Maria Henriqueta C. R. Teixeira da Mota – *Terras de Lanhoso, O Inquérito de 1758 do P.e Luis Cardoso*, 1987;

<sup>10</sup> ZÚQUETE, Afonso – *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica, Famílias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000;



vocabulário heráldico. É uma obra fundamental para quem inicia o estudo em heráldica.

Na área do Marketing salientamos a obra de Michael J. Baker<sup>11</sup> que engloba os conceitos e estratégias fundamentais para a implementação de uma campanha de marketing de excelente qualidade. Este livro confere a várias casos, os caminhos, alternativas e acções que podemos realizar.

O livro de Philip Kotler<sup>12</sup>, um autor de relevância nesta área, concede ao leitor as ferramentas necessárias para um melhor comportamento em todas as etapas do processo em Marketing.

O livro de Jean-Jacques Lambin<sup>13</sup> é alvo de realce devido ao elevado nível de pormenores nas várias etapas do processo em Marketing. Esta obra concentra-se essencialmente na estratégia presente em marketing. A estratégia é fundamental, porque quem estratêgia e planeia tem o controlo daquilo que quer desenvolver, divulgar e promover.

A última obra que destacamos na área do Marketing, concentra-se no Turismo, dos autores João Couto, Cláudia Faias e João Faias.<sup>14</sup> Este livro coloca à disposição os conceitos e as tendências sobre Marketing Turístico. É um livro muito interessante para quem esteja interessado a desenvolver projectos em turismo. É um auxílio primordial para uma melhor promoção, divulgação e planeamento.

Também em Turismo salientamos a obra de Maria Olinda Marques<sup>15</sup>. A autora neste livro engloba informação sobre a situação do Turismo e do Marketing em Portugal, e como devemos interpretar, implementar e desenvolver projectos em turismo.

Numa sociedade em que cada vez mais a população está ligada à internet, as novas tecnologias ganham todos os dias mais preponderância.

O autor Chris Fill<sup>16</sup> contempla todos os aspectos necessários para uma melhor eficácia em todas as acções efectuadas e desenvolvidas por e em novas tecnologias. Com esta obra todos os passos são estruturados e planeados de forma minuciosa. É um livro essencial para quem não possua os conhecimentos mínimos sobre os efeitos que as novas tecnologias podem desenvolver em projectos de diferentes áreas.

---

<sup>11</sup> BAKER, Michael J.; HART, Susan – *The Marketing Book, Sixth Edition*, Elsevier Ltd., Curlington, 2008;

<sup>12</sup> KOTLER, Philip – *Administração de Marketing: análise, planeamento, implementação e controlo, 3ª edição*, Atlas, São Paulo, 2006;

<sup>13</sup> LAMBIN, Jean-Jacques – *Marketing Estratégico, 4ª edição*, Mcgraw-Hill, Lisboa, 2000;

<sup>14</sup> COUTO, João; FAIAS, Cláudia; FAIAS, João - *Marketing Turístico Conceitos e Tendências*, Univ. dos Açores, 2009;

<sup>15</sup> MARQUES, Maria Olinda – *Turismo e Marketing Turístico*, Publicações Europa-América, Lisboa, 2005;

<sup>16</sup> FILL, Chris – *Marketing Communications, Interactivity, Communities and Content, Fifth Edition*, Pearson Education Limited, Edinburgh, 2009;

Nesta área salientamos também a autora portuguesa Eva Milheiro<sup>17</sup> que exemplo a exemplo concede ao leitor o que ele deve realizar em cada determinada tecnologia, essencialmente as da Informação.

Actualmente um projecto em qualquer área, mas mais precisamente em turismo, que não esteja presente em várias plataformas nomeadamente na internet, dificilmente consegue manter o mesmo número de visitantes e a qualidade inerente ao processo.

Concelho do norte do país e pertencente ao Distrito de Braga, NUT III Vale do Ave, faz fronteira com cinco concelhos, Vieira do Minho, Fafe, Guimarães, Braga e Amares.

Os vestígios arqueológicos encontrados no Monte do Pilar datados da Idade do Ferro (I Milénio a.C. – séc.IV d.C.) comprovam a ocupação humana nesta região.

A continuidade da ocupação destas terras é justificada e corroborada com a construção do Castelo de Lanhoso no séc.XI por parte do Arcebispo D. Pedro para proteger a arquidiocese de Braga, nas bases de uma construção primitiva romana.

Este Castelo está intimamente ligado à fundação da nacionalidade e é um local de lendas associadas a violência do 1º Rei de Portugal para com a sua mãe.

Em 1121 é aqui que duas meias-irmãs lutam pelo domínio do território e que determina o assinar do Tratado de Lanhoso.

Nos finais do séc.XII o Castelo de Lanhoso é o local de um crime passional, em que o se alcaide, D. Rui Gonçalves Pereira (Tetravô do Condestável Nuno Álvares Pereira) incendiou o Castelo com a sua esposa Inês Sanches e o seu amante, um frade beneditino do Convento de Stª Maria de Bouro, no interior do edifício.

A 25 de Setembro de 1292 D. Dinis, o agricultor, concedeu à Póvoa de Lanhoso Carta de Foral para garantir o controlo e o sucesso deste posto estratégico militar.

A 14 de Janeiro de 1514 o Foral foi renovado por D. Manuel I comprova a continuação do povoamento nesta localidade.

A Póvoa de Lanhoso sobrevive no séc.XIX em 1809 à 2ª Invasão Francesa que após a retirada das tropas napoleónicas, estas pilharam e incendiaram tudo no seu caminho.

Também no séc.XIX, em 1846 a Póvoa de Lanhoso é o palco inicial de uma revolta que alastrou para todo o país, a Revolução da Maria da Fonte, contra a medida do governo de Costa Cabral.

---

<sup>17</sup> MILHEIRO, Eva - *A Informação Turística e as Tecnologias da Informação e da Comunicação: o Caso Português*, Instituto de Turismo de Portugal, 2006;

O séc.XIX é ainda o século onde António Ferreira Lopes nasceu e que ainda jovem foi para o Brasil, onde fez riqueza e quando voltou despendeu grande parte da opulência em equipamentos e edifícios à Póvoa de Lanhoso até então inexistentes ou deficitários, como por exemplo o Hospital e o Theatro Club.

. A localização da Póvoa de Lanhoso é crucial. Situa-se entre as bacias do Rio Ave e do Rio Cávado. Terra fértil.

O trabalho consiste no desenvolvimento de uma Rota Turística sobre as Casas Brasonadas existentes no concelho. Para além de darmos a conhecer as Casas existentes, vamos dar exemplos sobre como potencializar cada habitação, iremos dar informação sobre pontos de interesse que se localizem perto de cada exemplo. Para além disso, vamos criar ligações com a restauração local, de forma que os excursionistas/turistas disfrutem e passem mais tempo na Póvoa de Lanhoso.

Este tipo de património tem vindo a obter muito interesse. Salientamos aqui a região de Celorico de Basto, uma das localidades do país onde existem mais casas brasonadas, atraiu em 2008 segundo um artigo do Jornal de Notícias<sup>18</sup> investidores alemães. As informações sobre os valores investidos variam de 10 milhões de euros até 40 milhões de euros.

O vice-presidente desta câmara municipal do interior do distrito de Braga Joaquim Mota e Silva, que é o vereador do Turismo e Desenvolvimento Rural, foi o intermediário tendo ido a Berlim.

Nos últimos anos, algumas casas brasonadas já tinham sido alvo de recuperação. Para o vice-presidente a restauração especializada destas casas existentes no concelho, é uma aposta forte do município.

O aproveitamento deste tipo de património em forma de rota permite construir uma lista sustentada neste recurso, que para além das casas brasonadas, inclui a gastronomia, artesanato e tradições culturais.

Outro dos aspectos positivos da criação de uma Rota é a possibilidade do visitante e o visitado estabelecer níveis de relacionamento mais fortes, devido ao tempo despendido e à forma em que este recurso é elaborado.

A criação de uma Rota, é na nossa perspectiva um aspecto que favorece o desenvolvimento local sustentável, já que provoca uma entreaajuda entre os recursos patrimoniais e os outros serviços de apoio. Estes recursos e serviços não devem apenas cingirem-se ao limite concelho,

---

<sup>18</sup> Publicado a 09-05-2008;

já que defendemos a cooperação entre concelhos como um aspecto fulcral para a manutenção e sucesso de qualquer actividade turística.

Para autores como José Manuel Simões e Carlos Cardoso Ferreira<sup>19</sup> a fórmula Rota, estabelece parcerias entre os diferentes agentes locais e regionais, criando mecanismos de solidariedade.

As Rotas Patrimoniais surgem actualmente um pouco por todo o país e exploram as marcas tradicionais das localidades nas dimensões sociais, económicas e patrimoniais.

Este recurso pode ser considerado como uma forte alternativa às zonas mais privilegiadas pelas entidades turísticas nacionais.

Apesar deste crescimento, em comparação com países como a França ou o Reino Unido, ainda é necessário fortalecer este recurso. Para José Manuel Simões e Carlos Cardoso Ferreira<sup>20</sup>, o que inibe esse passo em frente é a inactividade do sector privado e o afastamento dos poderes regionais em relação ao património.

As pessoas têm de recuperar o património, mas o património também tem como função beneficiar as populações com a criação de serviços turísticos para partilharem as experiências e tradições com os visitantes.

---

<sup>19</sup>SIMÕES, José Manuel; FERREIRA, Carlos Cardoso - Turismo de Nicho, Motivações, Produtos, Territórios, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 2009

<sup>20</sup>Idem;

## CAPÍTULO II

A Póvoa de Lanhoso possui uma enorme riqueza neste recurso patrimonial. Para além das Casas Brasonadas existem também casas apalaçadas de várias épocas que enriquecem este concelho no coração do Minho. É urgente e necessário a defesa e a promoção deste recurso para que perdure nas gerações futuras.

### 1 – Casa do Souto (Lanhoso)

Situada na freguesia de Lanhoso, dista da sede de concelho quase 2km. A casa do Souto está localizada numa via secundária da freguesia o que dificulta a sua descoberta.

Rodeada por terrenos agrícolas repletos de vinhas do célebre vinho verde da região minhota a aproximação ao portão principal faz-se por um pequeno acesso a estes terrenos férteis.

O portal é brasonado tendo a sua origem no último quartel do séc. XVII. Tem um escudo claramente peninsular devido à sua ponta redonda. As pedras de armas representadas no escudo são das famílias Rebelo e Macedo.

Quem mandou lavar a pedra de armas foi Alexandre Rebelo Macedo, avô materno de Alexandre Rebelo de Macedo e Silva, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e que foi baptizado a 20 de Julho de 1704 freguesia de Lanhoso.<sup>21</sup>

A ladear o portal encontra-se uma capela consagrada a Sto. António. Esta capela pertence a Casa de Souto, contudo, a sua entrada está virada para a via pública.

Tanto a capela como a estrutura do portal e o corpo habitacional necessitam de obras de restauração para que esta marca do passado não se perca no tempo.

Os últimos dados conhecidos relativos a habitantes da Casa do Souto são de 1800, onde é mencionada a morte de Custódia Gomes de Abreu a 7 de Outubro desse ano e foi sepultada dois dias depois, sem descendência na sua Capela de Santo António.<sup>22</sup>



Imagem 1 - Pedra de Armas - Casa do Souto; Fonte: Autor;

<sup>21</sup>NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

<sup>22</sup>Idem;

Actualmente sabemos que a casa não pertence à família que a construiu. Durante a execução deste trabalho, Maria Augusta de Carvalho Antunes Fernandes da Costa, a proprietária da Casa do Souto faleceu.

As principais razões para visitar esta casa prendem-se à sua próxima localização à sede do concelho e a sua vizinhança face à Casa da Pedreira e à Casa do Barro também pertencentes à freguesia de Lanhoso. Esta é uma localidade onde o passado alia-se à natureza criando espaços ideais para percursos pedestres que para além da vertente desportiva concentra a vertente cultural.

## 2 – Casa da Costa (Geraz do Minho)

Situada na freguesia de Geraz do Minho apenas a 5km do centro do Concelho, a Casa da Costa tem um fácil acesso já que se localiza na margem da estrada municipal que atravessa a freguesia em direcção à freguesia vizinha, Ferreiros.



Imagem 2 - Pedra de Armas - Casa da Costa; Fonte: Autor;

Dessa construção, apenas podemos ver actualmente o portão brasonado que possui uma característica muito pouco frequente. Essa característica encima o portão onde podemos ver a seguinte inscrição “FRANCISCO DA/COSTA O MANDOV/FAZER ANNO 1668”. Apesar desta inscrição nos levar para o séc.XVII, tudo indica que a casa já existia e era habitada.

Quem mandou construir a Casa da Costa foi possivelmente o sobrinho de Francisco da Costa de Mesquita (nome da inscrição) Jorge da Costa Mesquita (faleceu em Geraz a 17 de Maio de 1643). Isto conclui-se através da construção e da doação por escritura de uma Capela em honra de Nossa Senhora da Luz (actual Nossa Senhora da Mercês), que actualmente faz parte da Igreja Paroquial em 25 de Julho de 1615.

Concederam a Francisco da Mota de Mesquita a Carta de Brasão de armas a 10 de Maio de 1571. A inscrição no portal data de 1668, ou seja, 97 anos depois da concessão a Francisco da Mota de Mesquita. Sendo assim concluímos que todo o portal que sustenta actualmente a pedra de armas é claramente posterior e que o ano presente na inscrição seja o ano em que a reconstrução aconteceu.

Na pedra de armas está representada a família Costa, em que o escudo francês está assente numa cartela. Possui uma grande sobriedade que é caracterizada pelo pouco ornamento.

«Ao centro, a cruz assente numa peanha<sup>23</sup>, que simboliza o monte Gólgota<sup>24</sup>, encontra-se rodeada de remates em forma de balas de canhão. Esses símbolos do furor das batalhas dos homens acham-se quase engatados em conchas de S. Tiago e sustentam uma emocionante cabeça de anjo, talvez para lembrar que o combate espiritual é também violento?<sup>25</sup>» Neste excerto Anne de Stoop<sup>26</sup> caracteriza a estrutura e a sua simbologia cristã, muito usual nestas construções. Não esquece também de referir a parte bélica que por vezes a religião assume.

Esta habitação ainda actualmente habitada e mesmo encontrando afirmações em contrário afirmamos que pertence à mesma família.

Até há poucos anos esta habitação dedicava-se ao turismo em espaço rural.

Actualmente o movimento intenso que se presencia neste espaço deve-se a trabalhos agrícolas tão usuais nesta região. Estes trabalhos agrícolas relacionados com a produção de milho, vinho, entre outros, mesmo com a inovação das alaias agrícolas ainda necessitam de mão-de-obra.

Esta carência de mão-de-obra para trabalhar nos meios rurais poderia ser facilmente ultrapassada pela disponibilização destas actividades a turistas ou visitantes que pretendessem usufruir. Este sector do turismo de experiências, de algo que há muito tempo não fazemos ou que nunca fizemos é algo cada vez mais usual e em crescimento.

É esta a solução para a continuidade destas tradições neste vale do baixo concelho tão rico em propriedades agrícolas e em Casas Brasonadas.

### **3 – Casa de Sinde (Covelas)**

Situada no local de menor altitude da freguesia e quase na fronteira entre Covelas e Moure, esta casa é visível desde o cimo da freguesia, mas só apenas no local é que vemos a



Imagem 3- Fachada principal - Casa de Sinde; Fonte: Autor;

<sup>23</sup> Pequeno pedestal de base redonda ou quadrada;

<sup>24</sup> Nome dado à colina onde Jesus foi crucificado;

<sup>25</sup> STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo 1*, Editora Civilização, Porto, 1993;

<sup>26</sup> Idem;

beleza e a imponência da Casa e da Capela. A capela foi inaugurada pelo Rei D. Carlos em 1891.

A Casa e Capela de Sinde foi a habitação de figuras importantes para a administração concelhia. Provenientes desta casa, foram Capitães-mor do concelho das Terras de Lanhoso entre 1570 e 1795, Carlos Araújo Vasconcelos, Pedro Araújo Vasconcelos, Gabriel Araújo Vasconcelos, Francisco Xavier Araújo Vasconcelos e Manuel José Araújo Vasconcelos.

Dentro destas figuras salientamos Gabriel Araújo Vasconcelos, que foi Senhor da Casa de Sinde, fidalgo da Casa Real, familiar do Santo Ofício, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, sem esquecer o já referido posto de Capitão-Mor de Lanhoso.

Certamente foi devido a estas figuras a existência das duas pedras brasonadas existentes nesta propriedade.

A primeira pedra de armas datada provavelmente do séc.XVII situa-se no portal principal.

Apesar da pequena dimensão tem uma composição plena e segundo Artur-Vaz Osório da Nóbrega<sup>27</sup> o timbre é dos Araújo. Nesta obra constatamos a referência à Genealogia dos Sosas da Casa da Barca, que refere a semelhança entre as pedras de armas dos Araújo e dos Velosos. Este caso levou-nos a pesquisar sobre as pedras de armas das famílias em Portugal.

Na obra<sup>28</sup> descobrimos que a pedra de armas existente no portal da Casa de Sinde é primitivo do actual brasão dos Veloso, uma torre coberta, rematada por uma flor-de-lis e encimada por outras duas, as três flores-de-lis postas em roquete e um açor segurando uma perdiz nas garras.

O segundo brasão existente que se situa na Capela da Casa de Sinde vem complicar esta questão, já que tanto na obra de Artur Vaz-Osório da Nóbrega<sup>29</sup> como na obra dirigida por Afonso Eduardo Martins Zúquete<sup>30</sup>, esta pedra de armas pertence aqui sim aos Araújo, uma aspa carregada de cinco besantes<sup>31</sup> de ouro. Este tem um escudo peninsular de composição plena e um coronel de nobreza. O escudo está assente numa cartela decorativa.

O que podemos concluir, já que não há dados conhecidos que confirmem a presença dos Velosos nesta habitação, é que os Araújo em tempos usaram armas semelhantes às dos

---

<sup>27</sup>NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

<sup>28</sup>ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, Dir. - *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica, Famílias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000;

<sup>29</sup>NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

<sup>30</sup>ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, Dir. - *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica, Famílias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000;

<sup>31</sup> Moeda sem marca;



Velosos, muito por causa provavelmente de ambas as famílias terem a Galiza como mesmo local de origem.

O edifício em si está dividido em duas partes. A fachada principal ainda contém as características originais, já a parte detrás da habitação foi renovada dando um aspecto contemporâneo ao edifício. A fachada principal é revestida por seis amplos janelões que concedem à casa bastante luminosidade. Na parte inferior da fachada existem várias entradas, sendo uma delas gradeada.

Na fachada principal a existência de um escadório que dá acesso à entrada principal da habitação confere uma monumentalidade rara no concelho. Este conjunto de escadas está a encimar a entrada inferior da cada que dá acesso ao local onde se situam as alfaias agrícolas e os produtos resultantes de actividades agrícolas dos vastos férteis campos agrícolas que circundam a Casa de Sinde.

Para além dos campos agrícolas existem também pequenas habitações que confirmam as actividades ligadas à agricultura que ainda actualmente são praticadas.

A Casa de Sinde já não pertence à família, sendo actualmente um dos proprietários, Artur da Conceição Alves Dias.

A localização desta nobre casa favorece a prática de actividades ligadas à agricultura, mas também ao pedestrianismo com belos espaços verdes que nos levam às freguesias vizinhas por locais quase não intervencionados pelo homem.

A criação de um espaço para turismo em espaço rural também era uma boa alternativa, mesmo com a existência a pouca distância de espaços de oferta turística semelhantes, nenhum deles oferece esta viagem no tempo com uma ligação à natureza selvagem.

#### **4 – Casal da Quintã (Galegos)**

O Casal da Quintã na freguesia de Galegos está situado a pouco mais de 1km do centro da Vila da Póvoa de Lanhoso. Da habitação inicial apenas o Portal continua com as características originais. Esta descaracterização do corpo habitacional leva a uma quase camuflagem desta marca do passado, ou seja, é difícil a sua



Imagem 4 - Pedra de Armas - Casal da Quintã; Fonte: Autor;

descoberta mesmo estando situada à margem da estrada que recorta a freguesia.

No sentido ascendente dessa via de comunicação a certo momento do lado esquerdo podemos ver já um pouco abraçado pela vegetação o brasão desta casa que é datado do último quartel do séc.XVII. É claramente um escudo peninsular, devido à sua ponta redonda. Este mesmo escudo assenta sobre a cruz da Ordem de Cristo. Ainda é facilmente perceptível que o elmo<sup>32</sup> é aberto e voltado de perfil para a direita.

As pedras de armas são das famílias Perdigão e Azevedo e o timbre Perdigão.

Podemos afirmar segundo o livro de Afonso Zúquete<sup>33</sup> que as pedras de armas representadas neste brasão são as representações mais comuns e fidedignas destas famílias.

O Casal da Quintã já existia aquando do lavramento do brasão, sendo o autor desconhecido. Contudo, através da obra de Artur Vaz-Osório da Nóbrega<sup>34</sup> podemos ver que o primeiro dono conhecido do Casal da Quintã foi João Antunes Pacheco. Como era cavaleiro professo da Ordem de Cristo, pode ter estado ligado directa ou indirectamente à construção do brasão, já que este assenta sobre uma cruz dessa ordem religiosa.

Como já referimos anteriormente esta casa é habitada, ou seja, condiciona as actividades que podíamos realizar. A restauração e a limpeza do portal desta habitação seria o primeiro passo a tomar, seguido da colocação de uma placa informativa sobre o brasão e as famílias adjacentes.

## 5 – Torre da Mota (S. Martinho) – 1722

Em termos de degradação é dos casos mais urgentes de todas as habitações integrantes neste projecto, só comparável à Casa do Penedo, na freguesia de Geraz do Minho.

Situada na margem direita do Rio Ave, este é um exemplo de arquitectura de raiz medieval. Não possui grandes especificidades arquitectónicas, mas a beleza e o encanto deste tipo de edifício está bem marcado.



Imagem 5 - Pedra de Armas - Torre da Mota; Fonte: Autor;

<sup>32</sup> Antiga armadura para protecção da cabeça;

<sup>33</sup>ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, Dir. - *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica, Famílias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000;

<sup>34</sup>NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da - *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

Este tipo de edifício é muito comum na Inglaterra e são bastante estudados. Uma Mota classifica uma colina natural ou artificial, sobre o qual se edificaria uma residência de madeira, adobe ou pedra. Geralmente é rodeada por fossos e protegida por paliçadas<sup>35</sup>. As Motas foram desde sempre associadas como símbolo de senhorio.

Em Portugal estas características são semelhantes, mas com um cariz mais provinciano, onde se insere a Torre da Mota, na freguesia de S. Martinho do Campo.

A Torre da Mota foi mandada edificar a 19 de Março de 1450, por D. Afonso V, certificando a honra da Quinta da Torre da Mota a João Veloso da Mota. Este primeiro edifício seria provavelmente de madeira.

O edifício actual tem uma planta quadrangular e de volumetria vertical. A cobertura do telhado é de quatro águas.

As fachadas são de cantaria, de aparelho pseudo-isódomo, de três registos, sendo o último separado por um friso simples, com pilastras toscanas nos cunhais, rematadas por cornija coroadas por merlões, com gárgulas nos ângulos. A fachada principal está voltada a Norte, com porta de verga recta. É nesta fachada que se encontra o primeiro dos brasões nesta propriedade, datado de 1722. O escudo deste brasão de granito é boleado de bico com o elmo voltado de perfil para a direita. A composição é esquartelada com as pedras de armas dos Mota e dos Coelho. Ao pesquisar no Armorial Lusitano<sup>36</sup> concluímos que se trata das armas mais usuais destas famílias, contudo ainda um pouco primitivas. Este brasão foi alvo de roubo, e actualmente só uma pequena parte superior ainda se encontra na fachada.

As fachadas laterais são compostas por janelas rectangulares. A fachada virada a Oeste tem uma porta de verga recta, que tem como acesso uma escadaria de pedra com quinze degraus.

O interior da torre é composto por paredes rebocadas e pintadas de branco e janelas conversadeiras. O pavimento do primeiro piso é em terra batida e o dos outros dois pisos são em madeira. A comunicação entre os pisos é feita através de uma escada de dois lanços.

O edifício que hoje ainda persiste pouco subsiste do original. Isto justifica-se através das variadas restaurações que se fizeram ao longo do tempo, muito por causa da degradação que o edifício possuía.

---

<sup>35</sup>Estacada de varas ou troncos fincados no solo, ligados entre si, para servir de defesa contra ataques;

<sup>36</sup>ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, Dir. - *Armorial Lusitano, Genealogia e Heraldica, Familias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000;

Em 1706 há registos que dão a Torre da Mota em ruínas. Em 1722 a Torre da Mota sofreu obras de restauração, como comprova a inscrição patente na fachada principal, *ESTA TORRE MANDOV REDEFICAR MANOEL COELHO DE VASCONCELOS E MOTA CAVALEIRO DA ORDEM DE XPº COM A PEDRA DA ANTIGA TORRE Q ESTAVA NESTE LVGAR POR SER O SOLAR DOS MOTAS AO NOBILIARIO DO CONDE D(OM) P(EDRO) E SEV ADICCIONADOR O MARQ(UES) DE M(ONTE) BELO E A COROGRAFIA PORTVG(UESA) ANNO 1722.*

Esta obra foi mandada lavrar por Manuel Coelho de Vasconcelos e Mota Prego.

Em 1758, o senhor da Torre da Mota é João António de Vasconcelos Mota.

A Torre é a recordação dos tempos dos senhorios, das batalhas constantes por território, era o elemento vital de defesa das populações envolventes. Estas mudanças verificaram-se no edifício, as esquinas vivas, mata-cães<sup>37</sup> ou as seteiras foram substituídas por pilastras, cornijas e óculos.

Como refere Carlos Azevedo na sua obra<sup>38</sup> “(...) a história da casa senhorial começa com a torre, e é no Norte, na região de Entre Douro e Minho – berço da nacionalidade, onde vamos encontrar os primeiros exemplos deste tipo de construção, que tanta influência havia de exercer no ulterior desenvolvimento da casa portuguesa”.

Também nesta vasta propriedade podemos encontrar a denominada Casa da Mota que possui mais um brasão. Este brasão é datado de 1614. É um escudo peninsular devido à sua ponta redonda. A composição é esquartelada com as pedras de armas dos Vasconcelos, os Brito, os Pinheiro e os Coelho. Destas quatro pedras de armas, apenas a dos Coelho é primitiva.

Este brasão encima a porta central deste edifício, situada na fachada principal e que tem como acesso um conjunto escadório de sete degraus.

O corpo deste edifício é revestido nas fachadas por amplas janelas que concedem ao interior do edifício a luminosidade suficiente.

Actualmente este edifício está quase na sua totalidade abraçada pela vegetação, sendo muito difícil aproximar da entrada principal.

Nas imediações da casa, ainda podemos encontrar vários edifícios, para habitação dos trabalhadores, armazenamento de produtos agrícolas e animais.

---

<sup>37</sup>Abertura no chão entre as mísulas que sustentam as ameias ou os balcões das fortificações medievais, através da qual se podia observar os atacantes que se encontravam na base da muralha;

<sup>38</sup>Azevedo, Carlos – Solares Portugueses-Introdução ao Estudo da Casa Nobre, Ed.Livros Horizonte, Lisboa, 1969;

Junto da casa, existe também a Capela da Mota, consagrada a Nossa Senhora da Conceição. É uma capela particular pertencente à Quinta da Mota e data da primeira metade do séc. XVII.

A encimar o portal desta capela, encontramos mais um brasão, de escudo peninsular, com o elmo aberto, posto de frente. A sua composição é cortada, com as pedras de armas dos Prego, dos Sarmiento e dos Mota.

Este exemplo da arquitectura religiosa tem apenas uma nave. Do que podemos ver actualmente, teria um altar bem trabalhado. No solo é podemos ver vários túmulos com a inscrição identificativa, por exemplo *SEPULTURA DE DONA LVCRECIA COELHA DE VASCONCELOS E DE SVA MAI D. FELIPA DE ARAVIO DE VASCONCELOS E D. ISABEL COELHA DA SILVA E D. CATERINA DE MEIRA FALECEO A 7 DE FEVEREIRO DE 1613 SEV FILHO FR. BENTO DE MEIRA A MANDOV FAZER 1647.*

O corpo da capela encontra-se actualmente como toda a Quinta da Mota em ruínas e envolvida pela natureza, tendo um acesso complicado. Encontra-se num elevado estado de degradação, contudo ainda é visível que o tecto de madeira castanha foi pintado com variados motivos florais.

Já no século XX, em 1945, D. Maria António Coelho da Mota Prego e o Dr. Raúl Alves da Cunha, mandaram restaurar a Torre da Mota, sob a coordenação do Director da Biblioteca Pública de Braga na época, o Dr. Alberto Feio de Azevedo.

Neste século trabalhavam cerca de 30 pessoas no local. Essas pessoas ou viviam nas casas existentes na propriedade, ou então deslocavam-se das freguesias vizinhas. Conseguimos esta informação através de uma pessoa que trabalhou nesta época na propriedade. Actualmente a propriedade da Torre da Mota pertence às filhas do Dr. Raúl Alves da Cunha.

Como já referimos actualmente, este é dos casos mais urgentes a ser resolvido, porque encontra-se em muito mau estado de conservação e com a vegetação a dominar toda a propriedade.

A colina onde está situada a Torre da Mota é circundada por vastos terrenos agrícolas maioritariamente destinados à viticultura, eram fecundados pelo Rio Ave, ainda límpido nesta região. Actualmente estes terrenos estão a ser aproveitados para a produção de frutos.

Esta propriedade tem variadas hipóteses para tornar-se um espaço viável e aprazível. A primeira medida passa pela limpeza da envolvente que está quase a dominar por completo a Torre, a Capela e a casa principal. Esta limpeza teria poucos custos, já que com a colaboração

dos serviços de acção social da Câmara Municipal é possível a utilização de munícipes que usufruem desse serviço para trabalhos de limpeza.

Os maiores custos seriam com a restauração dos edifícios, mas apostar apenas na preservação dos actuais edifícios já era uma acção muito importante.

A propriedade estende-se até ao rio Ave, onde podia ser utilizado para actividades e desportos aquáticos.

A existência de várias espécies florestais criam um belo ambiente para percursos pedestres e um cenário ideal para os amantes de fotografia.

## 6 – Casa do Bárrio (Moure)

A actual proprietária desta casa chama-se Aurora da Conceição de Sousa Almeida e Silva Neto, uma das primeiras mulheres licenciadas da Póvoa de Lanhoso, e casou-se com Abílio Neto. Ambos advogados escreveram várias obras relacionadas com a organização e administrativa e financeira do estado, e anotações do código civil, que ainda hoje em dia são referência.



Imagem 6 - Pedra de Armas - Casa do Bárrio; Fonte: Autor;

A Casa do Bárrio é uma casa em que a capela e o edifício principal estão ligados por um muro. A figura central é o portal armoriado, é esse brasão de granito que define todo o conjunto arquitetónico.

A fachada principal que está virada a norte, é característica das habitações do séc. XVII, com uma planta em U. Contudo, a Casa do Bárrio foi edificada por volta de 1736. A referência às características das habitações do séc. XVII são ainda mais reforçadas com a sua disposição, que já não se encontra em voga no séc. XVIII.

A Casa do Bárrio é ambígua no sentido em que é mais simples na sua construção, apenas os dois braços em U, a capela e o corpo habitacional, e é mais complexa na decoração, que é obviamente mais tardia.

O proprietário da Casa do Bárrio, Constantino de Araújo Cerveira, foi a quem as armas foram concedidas por Carta de 12 de Maio de 1736.

Como já referido anteriormente, é esta pedra de armas que define todo o conjunto arquitetónico. O escudo do brasão é esquartelado e tem presente as armas dos Araújo,

Cerveiras, Farias e Guimarães. O timbre é uma pitoresca interpretação do timbre dos Araújo «busto de mouro vestido e com turbante».

A capela é consagrada a N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Carmo, como revela a inscrição em latim *VIRGIN MARIAE DECORI/CARMELI CONSECRATA*, cuja efígie está colocada na fachada. A capela tem uma abóboda de madeira em berço.

No interior da capela existe um retábulo com um frontal decorado num brocado florido pintado em trompe-l'oeil<sup>39</sup>.

Existe também um sistema que facilita a passagem e que leva do andar nobre da residência ao coro da capela. O habitual na arquidiocese de Braga era a exigência que as capelas semipúblicas fossem separadas das habitações.

Já no exterior encontra-se algo usual nas habitações deste concelho, um relógio de sol com cabeça de anjo, com uma posição central na passagem já referida.

Quando estamos no local denotamos facilmente que a casa estende-se ao longo de um muro de grandes dimensões que para Anne de Stoop<sup>40</sup> faz lembrar uma muralha, e de um portal brasonado. Aliás, é o portal a figura central deste edifício. É a partir do mesmo que toda a habitação se estende pela propriedade.

As linhas verticais conferem um efeito que equilibra a decoração de todo o edifício que possui elementos barrocos.

Salientamos a presença de uma pequena estátua que segundo Anne de Stoop é da mesma inspiração da existente no Palácio do Raio, em Braga. Segundo a mesma autora estas formas esculpidas não têm apenas uma função ornamental.

No interior da propriedade após a subida de uma pequena escada em esquadria que nos leva para o piso superior. Aqui encontramos outra pequena estátua de um servidor em pedra. Para Anne de Stoop esta pequena figura recorda as existentes no Palácio dos Biscainhos, em Braga.

O interior da habitação caracteriza-se pelo vasto número de divisões, com um belo tecto octogonal de castanho.

Esta habitação situa-se a pouco mais de 10km do centro da vila da Póvoa de Lanhoso, e encontra-se ao longo da via que liga a freguesia de Moure à freguesia vizinha de Águas Santas.

---

<sup>39</sup> Técnica artística que com truques de perspetiva, cria uma ilusão ótica;

<sup>40</sup> STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo I*, Editora Civilização, Porto, 1993.

A propriedade encaixa-se perfeitamente no arvoredo que a rodeia, tornando-a num local muito reservado, apesar da proximidade com a estrada municipal. Os sons mais audíveis são os inerentes aos trabalhos agrícolas e o da água a percorrer os jardins da casa.

Para além de arborizada, a propriedade possui também vastos terrenos ocupados por vinha, algo usual na região.

Concluindo salientamos que esta propriedade possui uma licença para no local se efectuar eventos particulares, como por exemplo, casamentos. Os eventos não são a única solução para esta habitação, podendo também aqui apesar de ser habitada a prática de turismo de experiências, em que os interessados podem usufruir de actividades ligadas à agricultura e à viticultura.

## 7 – Casa do Couço (Louredo)

Segundo Artur Vaz-Osório<sup>41</sup> Nóbrega foi Domingos de Leiva e Areias quem mandou esculpir a pedra de armas. Data o brasão de granito da primeira metade do séc. XVIII.

O brasão tem um escudo francês, devido ao seu formato aproximadamente quadrado, mas com dois cantos inferiores arredondados e com uma pequena porta na base. O elmo está aberto, gradeado e voltado de perfil para a direita. A composição é partida, com as pedras de armas dos Leiva, dos Guimarães e dos Peixoto. O timbre é de Leiva, encimado pelo timbre de Peixoto.



Imagem 7 - Pedra de Armas - Casa do Couço; Fonte: Autor;

Esta habitação situa-se rodeada de vastos campos agrícolas, que na sua maioria pertencem à propriedade da Casa do Couço.

A casa do Couço já não pertence à família dos seus senhores, sendo comprada em hasta pública pela família de Maria Emília Ribeiro que casou com António Carvalho. São estes os actuais donos da nobre Casa do Couço.

O acesso a esta casa é complicado, porque não há nenhuma placa informativa e rapidamente passamos de um caminho público para propriedade privada.

---

<sup>41</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso, Junta Distrital de Braga, 1974;*



Está abandonada actualmente e parte do corpo do edifício encontra-se quase em ruínas. O corpo habitacional está repleto de janelas e algumas com sacada.

De frente para o portal brasonado podemos encontrar uma capela, consagrada a S. António. Esta capela é propriedade privada dos proprietários da Casa do Couço, possui apenas uma nave e o seu portal é ladeado por duas pequenas aberturas gradeadas.

A encimar o portal da fachada principal encontra-se num nicho uma pequena imagem branca de Santo António. Esta capela tem a característica única de todas as Casas Brasonadas que fazem parte deste projecto, é a única que se situa fora da propriedade delimitada pelo portal brasonado. O mais usual nas casas integrantes deste projecto é este exemplo de arquitectura religiosa encontrar-se contíguo à casa.

Ainda no recinto da propriedade existe um espigueiro de grandes proporções e que ainda se encontra em boas condições.

As soluções que apresentamos para esta habitação passam pela colocação de uma placa informativa sobre o brasão e o local, a inclusão da capela numa rota de capelas e a aposta no turismo de experiências, de vivências, com a participação dos visitantes na produção de vinho e em desfolhadas, tão típicas nesta região.

É um local com uma vista privilegiada para o Vale do Ave, um espaço ideal para a criação de eventos ou para turismo de habitação, após o restauro da habitação.

## 8 – Casa da Comenda (Garfe)

A Casa da Comenda dista da sede do concelho cerca de 7km, situando-se na freguesia de Garfe, uma das duas freguesias povoenses que se localizam na margem esquerda do Rio Ave.

É uma habitação que sofreu alterações ao longo do tempo.

O brasão presente nesta casa data de 1745. Quem o mandou lavrar foi D. Maria Francisca Coutinho de Lacerda, como podemos aferir na inscrição presente na padieira<sup>42</sup> do portão *MANDOU FAZER D.MARIA COUTO DE LACERDA NO ANNO DE 1745.*

O brasão é de elmo aberto, gradeado, posto de frente, com



Imagem 8 - Pedra de Armas - Casa da Comenda; Fonte: Autor;

<sup>42</sup> Verga de porta ou janela, que firma as duas ombreiras;

timbre. O timbre são duas costas passadas em aspa, atadas. Assemelham-se a machados.

A pedra de armas é dos Costa. Segundo Artur Vaz-Osório Nóbrega<sup>43</sup>, é o brasão de armas passado, em 1571, a Francisco da Costa da Casa da Costa em Geraz do Minho, irmão de Domingos Nunes da Costa, antepassado de D. Maria Francisca Coutinho de Lacerda.

Esta casa tem uma ligação especial à Casa da Costa em Geraz do Minho, também presente neste projecto.

D. Maria Francisca Coutinho de Lacerda era filha de Amaro Barbosa Pinheiro de Lacerda, senhor da Casa da Costa pelo seu casamento com D. Ana da Silva e Costa, casou com o senhor da Casa da Comenda, Jordão Tinoco da Silva, a 21 de Agosto de 1724.

Como a Casa da Comenda ainda é habitada, condiciona as actividades delineadas para esta habitação. É um espaço ideal para o turismo de charme e para a realização de eventos.

A proximidade com o Rio Ave tem que ser aproveitada para a prática de desportos aquáticos e percursos pedestres ao longo da margem.

A colocação de uma placa informativa sobre o brasão e a história da casa também seria uma solução viável.

A casa encontra-se em bom estado de conservação, tem um espaço amplo, calmo, com muita luminosidade. É esta característica que certamente levou a que o edifício actual não possuía muitas janelas.

Rodeada por vegetação, podemos ver com alguma dificuldade a entrada principal para a habitação, com um conjunto de nove degraus.

No espaço envolvente são visíveis dois espigueiros em bom estado de conservação e outro espaço de armazenamento. Neste local seria certamente onde se concentravam as pessoas para as desfolhadas e para as celebrações referentes às colheitas, tão usuais nesta região minhota.

---

<sup>43</sup>NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

## 9 – Casa do Pomar (Taíde)

Apenas 6.5km de distância da sede concelhia a Casa do Pomar situa-se na freguesia de Taíde.

Quem mandou lavrar o brasão de granito presente nesta habitação foi João António da Costa de Paiva Leite Brandão<sup>44</sup>. Datado da segunda metade do séc.XVIII tem o escudo boleado em bico, com o elmo aberto, voltado de perfil para a direita, com paquife e

timbre. A composição é esquartelada e tem representado as pedras de armas dos Paiva, dos Brandão, dos Leite e dos Costa. Segundo a obra de Afonso Zúquete<sup>45</sup> todas as pedras de armas são as mais usuais em cada família, sendo que a pedra de armas da família Leite aqui representada é a mais moderna da dita família.

São inúmeras as habitações na região minhota com planta em U, e a Casa do Pomar não é excepção.

A casa pode-se dividir em duas alas, a ala direita que segundo Anne de Stoop<sup>46</sup> data do final do séc. XVII, ou início do séc. XVIII e a ala esquerda foi reconstruída na década de 50 do séc. XX pelo comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão. O intuito de reconstruir a planta em U, tão ao gosto do séc.XVII foi a razão que o levou a tal, segundo Anne de Stoop.<sup>47</sup>

Nesta habitação podemos ver a presença no mesmo edifício a existência da parte pertencente aos senhores e outra referente às instalações agrícolas.<sup>48</sup>

A casa actualmente encontra-se em bom estado de conservação. Todo o corpo habitacional em forma de U é caracterizado pelas inúmeras janelas quadrangulares e rectangulares de vários tamanhos.<sup>49</sup>

Na fachada principal, para além das janelas podemos ver também uma porta que concede o acesso ao andar superior que possui uma varanda de boas proporções.

A fechar o corpo habitacional encontra-se uma parede na qual no centro está um portal que é encimado pelo brasão já descrito. Esta parede liga as duas extremidades do edifício concedendo um ambiente fechado que lhe confere uma privacidade invejável.

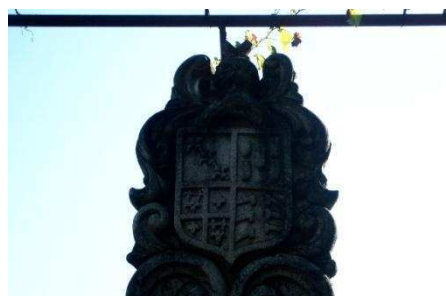


Imagem 9 - Pedra de Armas - Casa do Pomar; Fonte: Autor;

<sup>44</sup>(1717-1792);

<sup>45</sup>ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, Dir. - *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica, Famílias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000;

<sup>46</sup>STOOP, Anne de - *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo I*, Editora Civilização, Porto, 1993;

<sup>47</sup>Idem;

<sup>48</sup> FERREIRA, Luís Velloso - *Antigas Casa e Famílias do Concelho da Póvoa de Lanhoso, III Casa do Pomar*, Univ. Moderna, Porto, 2001;

<sup>49</sup> Idem;

Neste lugar campestre o silêncio é apenas quebrado pelo som constante e regular da água a correr pelo pequeno aqueduto que existe na propriedade. Este monumento abastece uma fonte de água corrente e duas pias de pedra.

A casa pertence ainda à família de João António da Costa de Paiva Leite Brandão, já na sexta geração, a dois dos filhos de Filipe de Paiva Brandão, João Filipe de Paiva Brandão e de Luís de Paiva Brandão. A continuação da família Paiva Brandão já está assegurada.

Esta propriedade é um local ideal para a prática de turismo de charme, um local privado e de uma beleza muito singular.

O turismo de experiências também é uma solução muito viável para esta habitação, conjugando a vasta quantidade de vinha e também de oliveiras em que os visitantes podiam efectuar essas actividades agrícolas. Estas actividades eram reforçadas com a existência de um lagar e uma adega. Ainda na propriedade existe um lagar de azeite que segundo Anne de Stoop<sup>50</sup> foi transformado em residência por um membro da família.

A proximidade ao Rio Ave facilita também a prática de actividades relacionadas com desportos aquáticos. Para além disso é fundamental salientar a proximidade para com o Santuário de Nossa Senhora de Porto D'Ave que atrai todos os anos a esta freguesia milhares de visitantes.

A criação de percursos pedestres para quem gosta da natureza, é possível devido à existência de um ambiente calmo e relaxante.

## 10 – Casa do Recobello (Águas Santas)

A pouco mais de 10km da sede concelhia a Casa do Recobello está inserida num local campestre, com uma calma apenas perturbada pela via rodoviária que percorre a freguesia de Águas Santas.

O primeiro proprietário desta casa foi António Faria, que com a sua mulher Paula dos



Imagem 10 -Pedra de Armas - Casa do Recobello; Fonte: Autor;

<sup>50</sup>STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo I*, Editora Civilização, Porto, 1993;

Guimarães, nos finais do séc.XVI mandou edificar o edifício primitivo em forma de U, muito usual na época.

Já no séc.XVII, mais propriamente em 1617, época em que Portugal estava sob o domínio dos Filipes de Espanha, Marcos de Faria Rebelo Peixoto, filho do primeiro proprietário, e a sua mulher, construíram uma capela junto à casa consagrada a Nossa Senhora do Pilar, popularmente designada como padroeira de Espanha.

As fachadas da capela são rebocadas e pintadas de branco, enquadradas por cunhais toscanos apilastrados, coroados por pináculos e rematadas em cornija.

Na fachada principal é visível o portal de verga recta encimada por um frontão triangular e uma cartela rectangular com uma inscrição *ESTA CAPELA É DE N. S. DO PILAR FUNDADA NA ERA DE N. S. JESUS CRISTO 1617 POR MARCOS DE FARIA E SUA MULHER MARIA DE ANDRADE PEIXOTO.*

O interior é pintado a branco, com azulejos azuis, castanhos e amarelos, que foram colocados em 1924. A cobertura do interior da capela possui ao centro o brasão da família pintado em abóboda de madeira. Em 1986 foi restaurada, com a colocação do retábulo-mor em talha pintada de branco, com uma decoração dourada.

Há também a construção de um coro alto. Estas construções do séc. XIX possuem características do neogótico flamejante.

O filho de Marcos de Faria, Francisco Rebelo Peixoto, participou nas Guerras da Restauração, como capitão de infantaria. Em 1659 justificou a sua nobreza.

Os cargos familiares que herdou foram transmitidos aos seus descendentes durante três gerações, segundo Artur Vaz-Nóbrega<sup>51</sup>. Seguiu-se Belchior Rebelo de Azevedo, João Rebelo Peixoto de Azevedo e Castro e Belchior Rebelo Peixoto de Andrade e Castro. Foi com João Rebelo Peixoto de Azevedo e Castro no já no séc.XVIII que se construiu o portal brasonado e o jardim.

Quanto a Belchior Rebelo Peixoto de Andrade e Castro foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo da Ordem de Cristo, em 1809 distingue-se nas guerras contra os exércitos de Napoleão Bonaparte.

Depois a sua filha D. Bárbara Albina Rebelo Peixoto de Andrade de Azevedo e Castro, que com o seu casamento com Plácido António Vaz Maldonado Teixeira de Melo, senhor das Casas das Portelas e das Eiras, ela dilatou exponencialmente o domínio familiar.

---

<sup>51</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

O portal principal de fácil percepção a quem passa no local, é esculpido com muito pormenor<sup>52</sup>. Possui uma altura considerável e é pintado de branco e enquadrado por pilastras. É de estilo Barroco, com fogaréus e estatuária e decoração rococó de concheados. É encimada por uma cartela com armadura rodeada por panóplias militares e é coroado por uma figura que representa a Fama<sup>53</sup>. Todas as esculturas presentes neste portal possuem uma vivacidade considerável envolvidas nas volutas de rococó.

Este portal possui muitos pormenores e é claramente barroco, com uma coroação de urnas com fogaréus e estatuária e decoração rococó de concheados. Rematado por uma cornija, é aqui onde assentam os dois brasões de armas que vamos referir posteriormente.

A parte que se situa no interior da casa encontra-se totalmente revestida por plantas trepadeiras.

Este portal possui dois brasões. O brasão que se situa do lado esquerdo para quem está no exterior é datado da segunda metade do séc. XVIII. O escudo tem o elmo aberto, gradeado, voltado a três quartos para a sinistra, com viral e timbre. Tem uma composição partida de um traço e cortado de dois. Tanto o escudo como o elmo estão assentes numa cartela decorativa.

As armas presentes neste brasão são dos Magalhães, dos Guimarães, dos Faria, dos Rebelo, dos Andrade e dos Peixoto.

Artur Vaz-Osório Nóbrega refere a incerteza que há na identificação de uma das armas, sendo que ele afirma com alguma dúvida que é dos Freitas. Não conseguimos certificar que é dos Freitas, contudo podemos discernir parte de uma inscrição "Ave Maria". O timbre é dos Guimarães.

Já o brasão da direita, também este datado da segunda metade do séc.XVIII. O escudo tem o elmo aberto, voltado a três quartos para a direita, com timbre. O escudo assenta numa cartela decorativa.

A composição é esquartelada e as armas presentes são dos Guimarães, dos Peixoto, dos Farias, dos Castro e dos Freitas. O timbre é dos Peixoto. Estas são as armas mais usuais de cada família, segundo Afonso Zúquete.

No centro encontra-se uma porta de verga recta, com picotados e flores estilizadas.

Actualmente este portal necessita de uma pequena limpeza, para que atrase os efeitos provocados pelo desgaste dos anos.

---

<sup>52</sup> STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo 1*, Editora Civilização, Porto, 1993;

<sup>53</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

Ainda no interior da casa na parte integrante de um tanque existe também um brasão. Este brasão é anterior aos outros dois, sendo do séc.XVII.

Segundo Artur Vaz-Osório Nóbrega estas armas faziam parte da tampa de uma sepultura rasa da antiga capela da Casa do Recobello, sepultura que foi inutilizada quando em 1896 procedeu-se a obras de reconstrução da capela.

As armas presentes neste brasão de composição esquartelada são as dos Farias, dos Guimarães, dos Magalhães, dos Peixoto e dos Freitas.

Também em 1896 por cima de um portal secundário é construído um espigueiro para armazenar as produções agrícolas, nomeadamente as espigas de milho.

Este espigueiro de grandes dimensões, possui uma planta rectangular, de granito e madeira pintada a vermelho e está assente em cinco pares de pés prismáticos com chanfro.

No início do séc.XIX, em 1810, ocorreu uma nova adição ao corpo habitacional, um passadiço no primeiro piso, que serve de acesso às cavalições e estruturas de apoio.

O complexo habitacional está assente sob uma planta em U, muito usual desde o séc.XVII, com um dos braços mais comprido do que o outro.

A fachada a norte, no interior do pátio, existem umas amplas arcadas em granito que assentam uma varanda simples com colunelos. No centro a escadaria em pedra, com arranques de voluta está assente num patamar de cinco degraus.

Esta fachada é rasgada por duas janelas de forma rectangular e uma porta com moldura em pedra. Ainda nesta fachada, mas virada para o jardim, encontra-se uma porta de verga recta no piso inferior, e no superior cinco janelas rectangulares de sacada, com uma moldura de pedra. Nesta fachada também podemos encontrar um relógio de sol.

A fachada a sul é rasgada no piso inferior por uma porta de verga recta, claramente maneirista, e no piso superior por uma janela de sacada com guarda de ferro.

Estas fachadas voltadas para o exterior têm uma vasta proporção que permite uma harmonia e uma luminosidade ao corpo habitacional.

No corpo habitacional salienta-se as arestas de granito, a presença dos cunhais desenhados nas pilastras e uma cornija em «papo de rola» a remarcar o telhado em declive suave. Já as janelas apesar de em grande número, possuem uma elevada noção de estética.

O interior é composto por espaçosas divisões, salões ricamente decorados e uma cozinha no primeiro piso, e vários quartos, salões e mais uma cozinha no segundo piso.

Em volta do corpo habitacional existe um jardim de boas dimensões construído muito geometricamente e com uma variedade de plantas considerável.

Este jardim concede a toda a propriedade um local calmo e agradável, ideal para pequenos passeios. No centro do jardim encontra-se uma fonte espaldar, e que no séc.XX foi colocada uma pedra de armas do séc.XVII que se encontrava na capela.

A Casa do Recobello é caracterizada pelo detalhe, pela decoração maneirista e elementos barrocos. As janelas providas de alizares de bossagem é um aspecto raro nesta região.

Esta habitação em 1990 foi recuperada com o intuito de alojar pessoas para turismo de habitação, contudo, actualmente já não se encontra nessas funções.

É um espaço agradável, calmo e harmonioso situado numa zona ideal para a prática de turismo.

## **11 – Casa do Penedo (Geraz do Minho)**

A Casa do Penedo, ou casa de Santa Ana do Penedo, como se diz em alguns documentos antigos, no lugar do penedo, da freguesia de Santo Estevão de Geraz, inicialmente não tinha capela, nem a sua bonita fachada teria, certamente, a configuração que apresenta actualmente.

Por casamento, o primeiro senhor da Casa do Penedo foi Manuel da Mota e Silva, Juiz Ordinário do Concelho do Castelo de Lanhoso<sup>54</sup>.

Nasceu em Braga, no Largo da Senhora a Branca na freguesia de S. Vitor, a 23 de Janeiro de 1711 e casou em Geraz do Minho, em 27 de Maio de 1748, com Maria Teresa da Silva, Senhora da Casa do Penedo.<sup>55</sup>

Os pais de Maria Teresa da Silva, haviam-na dotado em vida com a Casa do Penedo, para casar com Manuel da Mota e Silva<sup>56</sup>.

Como dissemos inicialmente a Casa do Penedo não possuía capela. A Capela foi construída a pedido de Manuel da Mota e Silva ao pároco da freguesia. Manuel da Mota e Silva



Imagem 11 - Pedra de Armas - Casa do Penedo; Fonte: Autor;

<sup>54</sup> FERREIRA, Luis Velloso – Antigas Casa e Famílias do Concelho da Póvoa de Lanhoso, II Casa do Penedo, Univ. Moderna, Porto, 2001;

<sup>55</sup> Idem;

<sup>56</sup> Idem, ibidem;



vivia com a sua esposa, com a sogra e com mais quatro cunhadas, sendo uma delas cega. Justificou-se com a distância que existia entre a sua Quinta e a Igreja Paroquial, e a existência de uma ribeira que em época de chuvas torrenciais não permitia a passagem para irem assistir à celebração da missa.<sup>57</sup>

O pedido foi aceite pelo pároco, e em 1752 a capela em honra de Santa Ana foi concluída. Nesta capela passaram-se a poder ser ali celebradas missas e outros actos religiosos. Nas ombreiras da porta da capela encontra-se esta inscrição *ESTA CAPELA A MANDOU FAZER MANOEL DA MOTA SILUA E SUA MOLHER MARIA THEREZA DA SILUA E SUA CUNHADA FRA DA COMSEISAÕ 1752.*

Manuel obteve a carta de brasão de armas a 29 de Junho de 1767. O brasão foi construído entre 1767 e 1779. O material usado para a construção é como o de todos os brasões presentes neste trabalho, granito. O escudo é ovalado e o elmo é aberto, gradeado e voltado a três quartos para a direita, com timbre.

As pedras de armas representadas são dos Mota, dos Azevedo, dos Almeida, dos Pereira, e o timbre é dos Mota, segundo Artur Vaz-Nóbrega<sup>58</sup>.

Francisco de Assis Vaz Mota Vieira, o sexto senhor da Casa do Penedo casou com Isabel Fonseca da Silva.

Apesar de serem os proprietários, a Casa do Penedo já está há muito tempo devoluta, o que a levou ao estado em que se encontra actualmente. Está hoje em dia completamente abraçada pela vegetação, sendo quase impossível identificar a sua grandiosidade. A capela já referida está em ruínas, sem cobertura e também abraçada pela vegetação. As habitações que estão nas imediações da Casa do Penedo também encontram-se em mau estado.

No início de 2012 com o falecimento de Francisco de Assis Vaz Mota Vieira e já há alguns anos a viver em Braga, a propriedade passou para as suas três filhas, Ana Paula, Isabel Margarida e Francisca Micaela.<sup>59</sup>

Este local com uma vastíssima propriedade tem uma vista magnífica para o vale do baixo concelho.

O primeiro passo para esta propriedade era a limpeza da vegetação que está a arruinar tanto a casa como a capela. Depois deste passo, e devido à extensa propriedade repleta maioritariamente de vinha, seria um local excepcional para a criação de uma adega que

---

<sup>57</sup> FERREIRA, Luís Velloso – *Antigas Casa e Famílias do Concelho da Póvoa de Lanhoso, II Casa do Penedo*, Univ. Moderna, Porto, 2001;

<sup>58</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

<sup>59</sup> FERREIRA, Luís Velloso – *Antigas Casa e Famílias do Concelho da Póvoa de Lanhoso, II Casa do Penedo*, Univ. Moderna, Porto, 2001;

possibilitava a criação de empregos e a promoção desta região. Esta criação seria reforçada com a prática das vindimas por parte dos visitantes.

Para além da vinha, a propriedade possui uma vasta percentagem florestal que permite caminhadas e percursos pedestres de uma beleza e privacidade excepcionais.

## 12 – Casa da Pedreira (Lanhoso)

A pouco mais de 2km do centro da vila, situada na freguesia de Lanhoso, rodeada de campos agrícolas e de vastas vinhas do famoso vinho verde minhoto, a Casa da Pedreira surge-nos num caminho de terra secundário, aos poucos mostrando a sua grandeza.

A inscrição presente na frontaria da casa permite-nos datar o brasão presente nesta casa do ano 1774<sup>60</sup>.

O escudo do brasão é claramente francês, o elmo é aberto, gradeado, voltado de perfil para a direita, com paquife<sup>61</sup> e timbre.

Estão presentes as armas dos Rocha, dos Carvalho, dos Faria e dos Silva, que segundo Afonso Zúquete<sup>62</sup> são as mais usuais de cada família.

Quem mandou lavrar a pedra de armas foi Francisco José da Silva Rocha, capitão-mor do Concelho de Lanhoso e senhor da Casa da Pedreira.

No escudo, e segundo Artur Vaz-Osório Nóbrega<sup>63</sup> juntou as armas dos seus apelidos às armas dos apelidos da sua mulher, D. Cecília Maria de Faria Carvalho.

Após a morte de Francisco José, um dos seus filhos, Custódio Manuel foi nomeado pelo pai como o sucessor da Casa da Pedreira.

A vizinha Casa do Barro é segundo Anne de Stoop<sup>64</sup> semelhante, típica, mas única nas redondezas tal como a Casa da Pedreira.

Ambas as casas assemelham-se porque parecem ser concebidas em redor de um portal principal. A autora refere que o portal situa-se entre as pilastras que conferem harmonia a todo o



Imagem 12 - Pedra de Armas - Casa da Pedreira; Fonte: Autor;

<sup>60</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

<sup>61</sup> Figuras de mantos, capas, ou apenas correias, folhagens e plumagens desenhadas acima e ao derredor do elmo e que se espalha pelo escudo. A sua origem vem dos mantos que eram usados para proteger o elmo do calor e do frio, e dos golpes de espada. Eram, habitualmente, feitos de linho;

<sup>62</sup> ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, Dir. - *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica, Famílias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000;

<sup>63</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

<sup>64</sup> STOOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo I*, Editora Civilização, Porto, 1993;

conjunto e sob o entablamento que corre todo o comprimento do telhado. Esta entrada possui características grandiosas e majestosas que como por magia confere uma sensação de movimento e continuidade. A dimensão da porta leva a quebrar o ritmo das aberturas sobrepostas da fachada, como defende Anne de Stoop<sup>65</sup>.

Esta habitação é genialmente esculpida, tanto no frontão, na pedra brasonada e sem esquecer as janelas e as portas.

A Casa da Pedreira não possui capela, contudo no lintel<sup>66</sup> da casa a existência de uma cabeça de anjo esculpida. Este anjo é tanto simbólico como decorativo.

Por trás da fachada nobre encontra-se a parte rústica. Essa construção, completada por uma ala em ângulo recto, abriga um pátio, voltado para sudoeste-noroeste, para o qual dá uma pequena varanda com uma escadaria encostada à parede.

A Casa da Pedreira, que já não pertence à família dos fundadores, foi comprada em 1988 por António Pires da Silva. Encontra-se actualmente em fase de restauro. No local vemos facilmente que tanto as janelas como as portas encontram-se seladas, impossibilitando a visualização do interior.

A localização da Casa da Pedreira a pouco mais de 2km do centro da vila da Póvoa de Lanhoso favorece a sua visita.

Um local muito calmo, onde apenas se ouve as conversas e os barulhos das pessoas que trabalham na agricultura. Esta actividade domina a área com os vastos campos agrícolas. Estes campos dividem o espaço entre a cultura do vinho e do milho.

Contudo, a relevância do vinho é superior. António Pires da Silva é o actual proprietário da Casa da Pedreira, sendo o mesmo senhor da Casa da Barro, separadas por uns meros 300 metros.

Este é um local ideal para a prática de turismo de natureza, um ambiente edílico com características naturais essenciais para a prática de turismo de experiências ligadas à natureza e à agricultura, com as vindimas e as desfolhadas minhotas.

A proximidade à Casa do Barro e à Casa do Souto cria um circuito próximo que só pode ganhar com esta proximidade e com tudo para dar certo.

---

<sup>65</sup> STOOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo 1*, Editora Civilização, Porto, 1993;

<sup>66</sup> Peça dura que assenta nas ombreiras;

### 13 – Casa do Barro (Lanhoso)

A data do brasão presente nesta casa é entre 1787 e 1794. João Carvalho de Araújo, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, foi-lhe concedido a Carta de Brasão de Armas a 25 de Agosto de 1759.<sup>67</sup>



Imagem 13 - Pedra de Armas - Casa do Barro; Fonte: Autor;

Após a morte de João Carvalho de Araújo em 1787, o seu filho, João António de Carvalho e Araújo construiu a Casa do Barro onde colocou o brasão do seu pai. O brasão feito de granito a 2m de altura situado na fachada nobre possui um escudo, com o elmo aberto, gradeado, voltado de perfil para a direita.

Na pedra de armas estão presentes os Araújo e os Carvalho. Segundo Afonso Zúquete<sup>68</sup> estas são as armas mais usuais de cada família. O timbre é Araújo

A luta contra o tempo levou a que actualmente a cobertura da Casa do Barro tenha desabado e só as paredes externas subsistiram, paredes essas revestidas de amplas janelas dispostas muito regularmente.

Contudo ainda podemos visualizar a magnificência do edifício, em especial da entrada principal, que segundo Anne de Stoop<sup>69</sup> parece que todo o corpo habitacional foi construído em volta deste portal brasonado.

No início da década de 90, ainda existia um pátio com duas varandas com colunelos e parapeito de pedra. Apesar de a habitação encontrar-se em ruínas é impressionante que as pedras esculpidas, as conchas e as folhagens de estilo rocaille presentes no edifício a emoldurar as portas e janelas ainda se encontrem em muito bom estado.

Outra curiosidade acerca desta casa é que João António de Carvalho e Araújo, o homem que a mandou construir, segundo Anne de Stoop<sup>70</sup>, não dispôs de dinheiro ou de tempo para concluir o projecto. No local podemos ver que se o projecto tivesse sido concluído teria uma dimensão invejável, pressupondo que o portal brasonado estivesse situado no centro da fachada principal.

<sup>67</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

<sup>68</sup> ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, Dir. - *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica, Famílias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000;

<sup>69</sup> STOOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo 1*, Editora Civilização, Porto, 1993;

<sup>70</sup> Idem;

A cerca de 2km do centro do concelho, a Casa do Barro tem uma localização excelente para uma maior percentagem de visitantes.

O actual proprietário, António Pires da Silva, o mesmo da vizinha Casa da Pedreira, explora as vinhas existentes na proximidade de ambas as casas. Com o nome Quinta do Minho, a produção vinícola é a principal actividade caracterizada pela notoriedade, reconhecimento, excelência e sucesso dos seus produtos.

O alojamento turístico é também uma das apostas deste empreendimento. O turismo activo com experiências relacionadas com a produção vinícola seria uma alternativa para atrair visitantes a este local.

A proximidade com a Casa da Pedreira e a Casa do Souto tem de ser aproveitada.

A Casa do Barro era ainda há poucos anos habitada por um membro da família, D. Maria Teresa de Carvalho e Melo Tinoco da Silva Coutinho de Lacerda Abranches. Vendida depois a José Novais, foi em 1988 comprada por António Pires da Silva.

## 14 – Casa de Vicente (Frades)

Localizada na freguesia de Frades a 5km do centro do concelho, a Casa de Vicente está situada num ambiente rural, onde a paz é apenas perturbada pela via que percorre a freguesia pelos sons inerentes às práticas relacionadas com a agricultura e com o turismo.

Esta é a casa com a maior pedra de armas do Concelho da Póvoa de Lanhoso. É datada do terceiro quartel do séc.XVIII e o escudo é francês, com elmo aberto ornado com lambrequins, gradeado, voltado de perfil para a direita, com paquife, virol<sup>71</sup> e timbre.

As armas presentes neste brasão são dos Vieira e dos Brito. O timbre é dos Vieira. Quem mandou lavrar a pedra de armas foi João Vieira e Brito, senhor da Casa de Vicente, que teve Carta de Brasão de Armas em 1745.<sup>72</sup>



Imagem 14 - Pedra de Armas - Casa de Vicente;  
Fonte: Autor;

<sup>71</sup> Peça de tecido, colocada sobre o elmo e a coroa;

<sup>72</sup> STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo I*, Editora Civilização, Porto, 1993;

O brasão foi construído segundo as normas contidas na dita carta. Segundo Afonso Zúquete as armas representadas são as mais usuais dos Vieira e dos Brito.

A concessão das armas em 1745 e instituição em 1752 do vínculo da capela de Sto. António marcam a influência e as obras implementadas pelos Vieira e Brito, principalmente o portão brasonado, a capela e segundo Anne de Stoop<sup>73</sup> com toda a certeza, do corpo central da casa. Mas vamos recuar ao início da Casa de Vicente e deixamos o vínculo da capela de Sto. António para uma fase posterior.

Quem mandou construir nos começos do séc.XVI a Casa de Vicente foi Vicente Gil, um armador da Flandres que comandava o seu navio, o «Nossa Senhora da Graça». Este armador faz constantemente entre 1519 a 1542 comércio com as Índias.

Na obra de Anne de Stoop<sup>74</sup> podemos ver que em Março de 1539 partiu de Lisboa e chegou a Goa em Setembro do mesmo ano. Também nesta obra podemos ver que em 1542 naufragou na costa de Melinde, contudo, consegue salvar quase toda a tripulação.

A Casa de Vicente com a tonalidade de amarelo ainda persiste actualmente permitindo uma bela imagem quando o sol a meio da manhã ilumina a sua fachada principal.

A habitação sofreu alterações ao longo do tempo, principalmente no aumento da dimensão. Apresenta uma linha arquitectónica muito recta que divide o andar inferior do andar superior. Esta linha é apenas quebrada pelo frontão que encima uma porta secundária na fachada principal.

A porta principal brasonada atrai todas as atenções. É ladeado por duas volutas esculpidas mais espessas na base e mais elegantes no topo. A cornija<sup>75</sup> liga o conjunto à fachada.

No interior da casa salientamos a vasta sala de jantar que contém uma beleza particular em relação às outras divisões da casa que também emanam classe de uma casa nobre. Os tectos são pintados com motivos ornamentais.

Anne de Stoop<sup>76</sup> considera que um outro tecto ostenta o escudo policromo de D. Maria Genoveva de Sousa Vieira e Brito. O pintor inspirou-se na iluminura que ilustra a Carta de 1745 em que são concedidas as armas dos Vieira e Brito.

A família do dito marinheiro estabeleceu-se na região em definitivo, como corrobora o casamento da sua neta, D. Isabel Vicenta Gil de Brito com Gonçalo Francisco Vieira,

---

<sup>73</sup> STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo 1*, Editora Civilização, Porto, 1993;

<sup>74</sup> Idem;

<sup>75</sup> Faixa horizontal que se destaca da parede;

<sup>76</sup> STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo 1*, Editora Civilização, Porto, 1993;

caracterizado como um «homem rico e honrado» que serviu nos cargos nobres no concelho já extinto de Ribeira do Soaz. Em meados do séc.XVII, dois dos seus descendentes, Pedro Francisco Dias Vieira e Brito e Francisco Vieira e Brito, pai e filho, sucedem-se como juizes no mesmo concelho.

A Casa de Vicente volta a ter um novo impulso também no séc.XVIII, com o Padre António Vieira e Brito e João Vieira e Brito.

Passando seis gerações de Vicente Gil estes dois irmãos instituem o vínculo da Casa de Vicente, com o intuito certamente por parte do Padre António Vieira e Brito<sup>77</sup> de unir o património ao do irmão para garantir a perenidade da família através da fundação de uma capela.

O Padre António Vieira e Brito desempenha várias funções, abade, professor, reitor, visitador eclesiástico, familiar e mais tarde comissário do Santo Ofício. É também o autor da Genealogia dos Vieira e Brito.

Quanto ao seu irmão, João Vieira e Brito, teve vários cargos no concelho da Póvoa de Lanhoso, como por exemplo almotacé, vereador e juiz ordinário.

O vínculo foi pedido em 1751 e um ano depois a autorização eclesiástica foi obtida. Foi o irmão mais velho António, como padre, comprometeu-se com o futuro da capela, garantir que a mesma fique separada da casa, para estar dentro da regulamentação em vigor na época, e com uma porta para a rua, não pode ser vendida separadamente da casa, só pode ser gerida por apenas uma pessoa, e a celebração anual de uma missa pelos fundadores e pelos sucessores. É de salientar que a Casa de Vicente situa-se a uns meros 150m da Igreja Paroquial de Sto. André de Frades.

A capela consagrada a Sto. António tem estatuto de semipública para que no local se possa celebrar baptismos, casamentos ou funerais. A título de curiosidade, os proprietários da habitação podem aqui sepultar aqui os seus familiares, se assim for a sua vontade. Durante a execução deste projecto, já em 2012 D. Maria Henriqueta Corte-Real Teixeira da Mota faleceu e foi sepultada no interior da capela. Como forma de honrar a vida de quem morre, durante o período de um ano o brasão é tapado.

O primeiro administrador escolhido foi a filha única de João Vieira e Brito, D. Maria de Araújo Vieira e Brito que casou em Março de 1751 com Domingos Rodrigues da Silva. Outra das premissas é que teriam de manter «para sempre» o nome de Vieira e Brito.

---

<sup>77</sup> (1700-1786);

Já no séc.XIX em Maio de 1809 aquando da 2ª Invasão Francesa, as tropas francesas em retirada destruíram e pilharam todos os locais por onde passaram, inclusive a Capela da Casa de Vicente que foi queimada e ficou em ruínas.

Segundo Anne de Stoop<sup>78</sup> é provável que a Capela foi reconstruída talvez em 1817, para o casamento da herdeira da casa, D. Maria Genoveva de Sousa Vieira e Brito com Francisco Machado de Barros Araújo Castelo Branco.

Esta nova capela que renasceu das ruínas da anterior mas esta já contígua à casa, contudo continua com a porta principal direccionada para a via pública.<sup>79</sup> De ambos os lados da porta há duas pequenas janelas que Anne de Stoop caracteriza como quadrifoliadas e que uma delas tem como função receber as oferendas de quem passava. Possui uma característica pouco vista, uma janela com varanda.

No topo deste exemplo de arquitectura religiosa, encontra-se ao centro uma imagem esculpida de Nossa Senhora do Ó, e á direita na óptica de quem está no exterior, uma imagem de Santo António, munido do bordão de peregrino. Esta imagem funciona como uma celebração a todos os peregrinos que durante o ano todo com os seus passos entoam o interior da capela e da habitação.

Do lado esquerdo existia outra imagem, da Santa Senhorinha, que actualmente encontra-se no Mosteiro dos Refojos em Cabeceiras de Basto. Ainda no exterior mas já dentro da propriedade é a existência de duas pequenas janelas quadranguladas que concedem ao edifício iluminação necessária.

O interior desta capela com apenas uma nave, mas com uma vastidão considerável.

A obra-prima do interior é sem dúvida o retábulo, que apesar de simplificado e sóbrio concedido pela cor branca, remete para a transição da estrutura do séc.XVIII, mas com uma decoração moderna. É de estilo neoclássico com um arco triunfal e ainda apresenta traços de rococó.

Aqui os elementos distinguem-se pela altura, secundadas pelas colunas coríntias de fuste direito. O retábulo é decorado de guirlandas e de ornatos de folhagens.

Anne de Stoop<sup>80</sup> afirma que este conjunto lembra modelos de inspiração renascentista. A autora tentou datar o retábulo e devido à falta de informação comparou-o com um retábulo

---

<sup>78</sup> STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo 1*, Editora Civilização, Porto, 1993;

<sup>79</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

<sup>80</sup> STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo 1*, Editora Civilização, Porto, 1993;



anterior mas estilisticamente semelhante, o da Igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, do Porto, executado em 1797-1798.

Ainda no interior existem duas imagens que foram salvas das pilhagens francesas em 1809. Representam como as do telhado, Santo António e Santa Senhorinha. Contém também uma sacristia de grandes dimensões e uma balaustrada de madeira para a comunhão que prece a capela-mor, o que é invulgar nestas capelas.

A existência de uma tribuna permite o acesso directo ao andar nobre da Casa de Vicente, e um púlpito colocado numa das fachadas.

Ainda na propriedade existe um espigueiro datado dos finais do séc.XVIII, 1794, que ainda se encontra em boas condições.

Juntamente com o espigueiro existe também, uma eira, estábulos, celeiros, adega e diversos alojamentos para todos os serviços inerentes a uma casa senhorial. O jardim é muito harmonioso, geométrico com várias espécies de plantas e que dá acesso a uma horta onde são cultivados produtos biológicos.

Estes equipamentos ganharam uma nova preponderância com a utilização da Casa do Requeixo como local de T.E.R.<sup>81</sup> Esta casa faz parte das dependências da Casa de Vicente e conseqüentemente tem o mesmo proprietário.

O proprietário actual da Casa de Vicente é o Dr. Manuel Artur de Fraga Norton, que após o falecimento da sua esposa D. Maria Henriqueta Corte-Real Teixeira da Mota já em 2012 no decorrer deste projecto passou a ser o único dono da habitação. É também o proprietário da Casa do Requeixo aproveitada para turismo desde 1985 que está sob a gestão da sua filha D. Ana Teixeira da Mota Norton e do genro Eng. Luís Silva.

A Casa do Requeixo data do séc.XVI e mantém as características principais, apenas restaurando e executando a manutenção do necessário. É um espaço muito acolhedor e confortável onde o visitante se sente em casa. A cozinha localizada no piso inferior remota ainda da época da construção da habitação. Também no piso inferior podemos ver um pequeno museu com instrumentos agrícolas antigos, trajes também antigos e outros objectos que actualmente não vemos com muita frequência.

Apreciamos principalmente a sala no piso superior que concede um charme e conforto ao edifício. Nesta divisão podemos ver uma pequena pintura que retrata a pedra de armas presente na Casa de Vicente.

---

<sup>81</sup> Turismo em Espaço Rural;

A actividade turística trouxe movimento a este local. Para além do ambiente campestre, dos edifícios e dos serviços aqui disponibilizados a existência de animais ajuda a criar um ambiente familiar.

Para além dos animais domésticos habituais que são tratados como membros família, os proprietários possuem vários exemplos de cavalos da raça garrana, autóctones desta região. A Casa do Requeixo disponibiliza pequenos passeios com estes cavalos. A necessidade desta raça ser divulgada para que não desapareça está a ser exercida pela ACERG<sup>82</sup> e pelo IPVC<sup>83</sup> para que a raça garrana seja considerada património nacional.

Nos meses de verão, o caminho que passa pelo meio da Casa de Vicente e da Casa de Requeixo é movimentado pelos peregrinos que se deslocam ao santuário do S. Bento da Porta Aberta. A Casa de Requeixo podia utilizar este movimento para se tornar um posto de auxílio ao peregrino.

Para além de ter uma função social e assim contribuir para uma boa imagem da empresa, consegue assim alcançar outro tipo de público-alvo.

## 15 – Casa de Passos (Geraz do Minho)

A 6km da sede concelhia, a Casa de Passos é vizinha da já referenciada Casa da Costa. A distância entre ambas é inferior a 50m.

Actualmente já não possui muitas características do edifício original, apenas o portal brasonado é que continua fiel aos tempos idos.

O corpo habitacional esta totalmente descaracterizado, não possuindo qualquer característica que possa identificar a antiguidade do edifício. A justificação para tal é provavelmente devido a que a Casa de Paços já não pertence à família inicial.

O portal brasonado que Artur Vaz-Osório Nóbrega<sup>84</sup> data com algumas reservas no terceiro quartel do séc. XVIII, tem um escudo peninsular com o elmo aberto voltado três quartos



Imagem 15 - Pedra de Armas - Casa de Passos; Fonte: Autor;

<sup>82</sup> Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana;

<sup>83</sup> Instituto Politécnico de Viana do Castelo;

<sup>84</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

para a direita. A composição é esquartelada e tem as pedras de armas dos Sobrinho duas vezes representada, os Teixeira e os Vasconcelos. Todas as pedras de armas presentes neste brasão, na obra de Afonso Zúquete<sup>85</sup> são consideradas as mais usuais de cada família.

Nesta obra também há a referência a Manuel de Sousa da Silva, genealogista minhoto, que deixou os seguintes versos à família dos Teixeira: “Para a honra de Teixeira/ Os de Lanhoso vieram/ Ahi seus filhos viveram/ Que o nome da primeira/ Deixaram, este tiveram”.

A Casa de Paços já existia antes da construção do brasão. Segundo Artur Vaz-Osório Nóbrega<sup>86</sup> a pedra de armas foi mandada lavrar por Henrique Jerónimo Barbosa de Vasconcelos Teixeira e Mascarenhas, senhor da Casa de Paços, que então juntou as armas passadas em 1575 a Francisco Sobrinho Teixeira, irmão do seu quarto-avô António Sobrinho Teixeira. Esta casa habitada actualmente, surge no lado direito da via que liga Geraz do Minho a Ferreiros.

Devido à descaracterização actual que já referimos anteriormente, é necessário estarmos com atenção para podermos usufruir deste exemplo do passado no presente.

Para podermos disfrutar da paisagem do vale do baixo concelho e ao mesmo tempo encontrar facilmente a Casa de Passos é necessária uma placa informativa essencialmente sobre o brasão mas também sobre o antigo edifício.

Para além da placa informativa, os vastos terrenos que circundam o edifício deviam ser aproveitados para a prática de um turismo activo, de experiências, em que os turistas/excursionistas fizessem actividades que geralmente não têm acesso.

Este sector é cada vez mais importante porque o turista/excursionista recorda muito mais facilmente aquilo que vivencia do que aquilo que apenas vê.

## 16 – Casa da Bandeira (Ferreiros)

A 8km da sede do concelho, a Casa da Bandeira situa-se na freguesia de Ferreiros. Uma freguesia de características rurais com vastos terrenos agrícolas e extenso território florestal deixa num papel secundário esta habitação. Esta situação pode ser devido à falta de interesse das entidades competentes ou então à facilidade com que podemos passar nas imediações da



Imagem 16 - Pedra de Armas - Casa da Bandeira; Fonte: Autor;

<sup>85</sup> ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, Dir. - *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica, Famílias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000;

<sup>86</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

habitação sem a discernimos.

O que podemos concluir é que após o contacto com a população local, na sua maioria após algumas indicações da nossa parte conseguiram identificar a casa, contudo, ninguém aferiu a existência do brasão.

O brasão teve a época de construção no terceiro quartel do séc. XVIII e segundo Artur Vaz-Osório Nóbrega<sup>87</sup> foi mandado lavrar por Brás Rebelo Marinho Falcão, que foi coronel de cavalaria e infantaria e cavaleiro da Ordem de Cristo.

Possui um escudo ovalado, com elmo aberto, gradeado, voltado três quartos para a direita e possui timbre.

O escudo é esquartelado e abraçado por dois ramos, um de palmeira e outro de oliveira. As pedras de armas representadas são as dos Falcão, dos Rebelo, dos Marinho dos Vieira, e o timbre é dos Falcão, segundo Artur Vaz-Nóbrega.<sup>88</sup>

Todas as pedras de armas presentes são as mais usuais de cada família, segundo Afonso Zúquete<sup>89</sup>.

Como a casa se situa num local de baixa altitude, rodeada por vastos terrenos agrícolas repletos de vinha e cercada por um muro de grandes proporções, torna a sua visibilidade quase mínima.

Contudo, podemos que na fachada principal é revestida por janelas que concedem certamente a luminosidade à habitação. Ainda na fachada principal é visível um pequeno conjunto escadório que dá acesso a uma porta do primeiro andar que é encimada pelo brasão já referido.

Como tem dois andares, o rés-do-chão é dedicado ao armazenamento de produtos relacionados à agricultura. O primeiro andar é destinado para a habitação.

No geral a habitação está bem conservada, apenas na cobertura é necessária uma pequena restauração como também a pedra de armas.

Por entre pequenas aberturas no portão principal podemos observar o local que funciona como armazém das alfaias agrícolas e das viaturas particulares dos proprietários.

Na segunda década do séc.XX a Casa da Bandeira foi adquirida por Manuel Tinoco de Faria.

---

<sup>87</sup>NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

<sup>88</sup> Idem;

<sup>89</sup>ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins, Dir. - *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica, Famílias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000;

Manuel Tinoco de Faria teve uma família numerosa e que ainda hoje em dia é senhora desta casa. Um dos seus filhos, Francisco Tinoco de Faria, ilustre advogado, esteve ligado à política nacional sendo um dos fundadores de um partido nacional. Esta ligação à política também teve preponderância na política concelhia.

Como ainda é habitada condiciona as actividades que podiam ser aqui efectuadas.

A história ligada à família que adquiriu esta propriedade no séc. XX é mais do que suficiente para a criação de um museu que mantivesse viva e para o futuro a importância desta família.

Outra das alternativas seria a colocação de uma placa informativa sobre a história da casa, das famílias presentes na pedra de armas e da família que adquiriu a propriedade no séc.XX.

Esta casa também possui uma extensa propriedade, maioritariamente ocupada por vinha. É um local propício para o turismo de experiências.

## 17 – Casa do Outeiro (Moure)

Situada na freguesia de Moure a quase 10km da sede do concelho, este exemplo de como esculpir a pedra de forma genial, está actualmente abandonada e rodeada por restos de uma obra de restauração inacabada.



Imagem 17 - Pedra de Armas - Casa do Outeiro; Fonte: Autor;

Situada no lugar do outeiro da freguesia de Moure, este corpo habitacional tem uma vista panorâmica para o vale do Cávado e a freguesia vizinha de Águas Santas.

A pedra de armas existente é provavelmente do terceiro quartel do séc.XVIII. O brasão é esquartelado e estão presentes as armas dos Malheiro, dos Sousa, dos Araújo e dos Barriga.

Segundo Artur Vaz-Osório da Nóbrega<sup>90</sup> quem mandou construir esta pedra de armas foi Francisco de Xavier Malheiro Barriga de Araújo.

Já no séc.XX o proprietário desta habitação era Alberto de Sousa Machado de Magalhães e Meneses que nasceu em Braga na freguesia de S. Vitor.

<sup>90</sup>NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974;

Actualmente a casa pertence a uma sociedade anónima no ramo da imobiliária que adquiriu este imóvel no intuito de criar neste local um espaço para eventos.

A capela que hoje em dia está sem telhado no interior já com alguma vegetação, tem um portal ladeado por duas colunas esculpidas encimadas por um friso que ostentava a imagem do orago a quem esta capela foi consagrada.

A nave da capela é iluminada por dois janelões na fachada principal e também nas fachadas laterais.

No interior da capela está totalmente descaracterizado, abraçado pela vegetação ainda é perceptível a existência de túmulos no chão, sendo um datado de 1616.

O altar teria grandes proporções e tinha como acesso um pequeno conjunto de escadas. No espaço contíguo à capela há um espaço que seria a sacristia. Este espaço também era bastante iluminado com a presença de um janelão na fachada principal.

A existência de um conjunto de dois escadórios que quase em formato de caracol permite actualmente uma perspetiva superior do corpo da capela. Com os vestígios que ainda actualmente podemos ver é verosímil que esta sacristia teria dois andares.

No espaço da propriedade existe um cruzeiro. Este cruzeiro bem trabalhado, aumenta a certeza que neste local era celebrada missa ou outra festividade cristã.

Ainda no espaço pertencente à habitação é visível numa pequena elevação a existência de um edifício que à primeira vista não conseguimos descortinar a sua função, mas com a aproximação ao local e a entrada no mesmo, podemos concluir que é um pombal. É uma construção rara no concelho e que merecia mais atenção.

A entrada está hoje em dia descaracterizada com materiais actuais, contudo, ainda persiste um belo escadório ladeado por ornamentações esculpidas que lhe concede beleza e estatuto de raridade no concelho.

O espaço como já referimos anteriormente começou a ser restaurado com o intuito da criação de um espaço para eventos. É uma boa solução para este espaço que precisa urgentemente de restauração. Todo o espaço envolvente desta propriedade concede um ambiente calmo e bucólico propício a caminhadas e a desportos de aventura.

A existência de um pombal com as características arquitectónicas que este possui seria certamente um bom local para a prática de columbofilia.

## 18 – Casa das Agrads (Nossa Sr.<sup>a</sup>. Do Amparo)

A grandiosidade, a beleza e a magnificência desta casa é algo a conter e a preservar durante muitos anos. O estado de conservação que esta vive faz-nos alertar ainda mais para a importância desta habitação.

Nesta casa existem dois brasões, um na casa e outro num portal no exterior.

O que se situa na casa é datado do terceiro quartel do séc. XIX, tem o escudo francês, o elmo é aberto, gradeado, posto de frente, com timbre e plumas, segundo Artur Vaz-Osório Nóbrega.<sup>91</sup> O escudo está rodeado por motivos vegetais e troféus.

Na pedra de armas estão representados os Ferreira e os Melo. Segundo Afonso Zúquete estas são as armas mais usuais destas famílias. O timbre é dos Ferreira.

O escudo está rodeado por motivos vegetais e troféus.

O brasão presente no portal lateral é mais antigo e é datado de 1775.

O escudo francês, gradeado, voltado de perfil para a direita e com timbre. Está assente numa cartela decorativa. As armas presentes são dos Ferreira e dos Melo. O timbre é dos Ferreira. Esta pedra de armas foi mandada construir por Manuel Ferreira Pacheco de Melo, o primeiro senhor da Casa das Agrads.

Esta casa está intimamente ligada à história de uma família, com as Invasões Francesas e com a Revolução da Maria da Fonte.

O primeiro proprietário da Casa das Agrads foi Manuel Ferreira Pacheco de Melo, que nasceu no Brasil e veio muito cedo na sua vida para Portugal onde foi viver para a casa do seu avô, Baltasar Ferreira de Melo. Foi o avô de Manuel Ferreira de Melo que mandou lavar o brasão, para a Casa do Carmo, na freguesia de Sto. Estevão de Barrosas, no termo de Guimarães, actual concelho de Lousada.



Imagem 18 - Pedra de Armas fachada principal - Casa das Agrads; Fonte: Autor;



Imagem 19 - Portal mais antigo - Casa das Agrads; Fonte: Autor;

<sup>91</sup> NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso, Junta Distrital de Braga, 1974;*

Manuel Ferreira Pacheco de Melo, Bacharel formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, adquiriu a Casa das Agradas em 1752 justificou a sua nobreza em 1775 para poder usar as armas dos seus ascendentes que o avô tinha mandado lavar.<sup>92</sup>

Dois anos antes de adquirir a habitação casou em Coimbra com D. Custódia Silva, da Póvoa de Lanhoso.<sup>93</sup>

A 22 de Setembro de 1798 faleceu e foi sepultado no vizinho Mosteiro de Fontarcada.<sup>94</sup> Começa aqui a ligação desta família e desta casa com o Mosteiro de Fontarcada.

Do casamento com D. Custódia, Manuel Ferreira Pacheco de Melo teve cinco filhos. Quem seguiu na sucessão da Casa das Agradas foi o seu terceiro filho, Luís José de Ferreira Pacheco de Melo.

Foi durante a estadia de Luís José que já no século XIX, em 1809 aquando da 2ª Invasão Francesa, as tropas napoleónicas incendiaram a capela e a casa, ficando tudo em ruínas.

Luís José Ferreira Pacheco de Melo faleceu a 22 de Fevereiro de 1835 na Casa do Lodeirô na freguesia de Rossas no concelho vizinho, Vieira do Minho.

O terceiro senhor da Casa das Agradas, sobrinho de Luís José e neto de Manuel Ferreira Pacheco de Melo, José Joaquim de Ferreira de Melo e Andrade decidiu construir no mesmo espaço uma nova residência, arrasando assim com as ruínas da antiga casa que foi dilacerada pelos franceses.

José Joaquim de Ferreira de Melo e Andrade, foi Procurador à Junta Geral do Distrito de Braga, Administrador do Concelho da Póvoa de Lanhoso, Presidente da Câmara, Juiz de Direito, Cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa nasceu em Vieira do Minho na Casa do Lodeirô.<sup>95</sup>

Este foi um homem de muita sabedoria e com um talento considerável que o levou a arquitectar a actual Casa das Agradas.

Era um grande apreciador de música, da poesia, das belas-arts, botânico, possuía nos jardins da Casa das Agradas raras e belas colecções de plantas e arbustos, escritor e engenheiro amador que o levou a estudar a directriz da estrada de Braga à Póvoa de Lanhoso, que, segundo ele, seria muito mais abrigada, curta e barata do que aquela que ainda hoje podemos ver já inutilizada.

---

<sup>92</sup> FERREIRA, Luis Velloso – *Antigas Casa e Famílias do Concelho da Póvoa de Lanhoso, I Casa das Agradas*, Univ. Moderna, Porto, 2000;

<sup>93</sup> Idem;

<sup>94</sup> Idem, ibidem;

<sup>95</sup> Idem, ibidem;



Construiu então a Casa das Agrads, grande e um tanto austera. É caracterizado pela larga quantidade de janelas, quantificando-as em 365. A fachada e a parte de trás são muito semelhantes, e o José Joaquim coloca na fachada um relógio em ponto de referência a substituir o tão usual relógio de sol. É também de salientar a existência de uma Torre ameada de merlões quase da altura e imponência da casa.

Da antiga Casa das Agrads destruída pelos franceses apenas resta a pedra de armas que José Joaquim colocou num portão lateral.

A fachada principal encontra-se um pouco degradada, com a maioria das janelas partidas e com a vegetação a não permitir uma visualização merecedora de tão magnífico monumento.

No interior da casa podemos encontrar uma inscrição que comprova a data da construção da casa actual em 1830. Há também referência à existência de um oratório na casa.

Há poucos anos foi retirado o recheio existente na casa, foi deixado para trás documentos antigos da propriedade e dos proprietários. Estes documentos foram recuperados pela divisão da cultura da Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso. Esta acção permitiu o acesso a informação que nos levou a conhecer melhor esta casa.

Como já referimos anteriormente, a Casa das Agrads e o proprietário José Joaquim estão intimamente ligados à Revolução da Maria da Fonte que teve o início nas Terras de Lanhoso, e que se propagou por todo o país.

A medida do governo de Costa Cabral para que os enterramentos no interior das igrejas terminassem, despoletou uma revolta popular. Consta-se que a figura da Maria da Fonte que liderou as mulheres contra esta medida, trabalhava na Casa das Agrads. Por esta razão, e por José Joaquim, na época administrador do concelho não conseguir conter as mulheres, o governo insurgiu-se contra ele.

José Joaquim sofreu a ameaça de ficar sem a casa, por esta possuir muitas janelas e ser considerada património histórico. Sendo assim, foi obrigado a tapar uma das janelas. Segundo a tradição dizem que escolheu a qual por onde viu passar a revolução que o destruiu.

A grandiosidade, a beleza e a magnificência desta casa é algo a conter e a preservar durante muitos anos. O estado de conservação que esta vive faz-nos alertar ainda mais para a importância desta habitação.

Este é um local para peças de teatro ou para uma pousada. Aproveitar os vastos campos para a criação de um jardim ou para uma Quinta Pedagógica com animais e produtos agrícolas

locais. Como é bastante próxima da vila, atraía certamente muitos visitantes. A figura central continua a ser a Casa, com a criação de um museu sobre a história da casa e dos seus proprietários. Neste local seria bastante interessante criar um espaço onde a informação sobre as figuras importantes povoenses pudesse estar disponível para todos os interessados.

## CAPÍTULO III

### Definição de Turismo

O conceito de Turismo é complexo como o termo turista. Isto deve-se à constante evolução da actividade turística.<sup>96</sup>

Consideramos que o turismo é uma conquista do espaço por pessoas que chegam a uma determinada localidade onde não possuem lugar fixo de residência. Esta acção leva à definição do turismo como movimento de pessoas que abandonam temporariamente o lugar da sua residência permanente por qualquer motivo psíquico, físico ou profissional.

«O Turismo, como fenómeno económico e social, reflecte os avanços e as conquistas da humanidade e, como acto voluntário do homem, determina e caracteriza o modo de vida das sociedades modernas». O Turismo é uma actividade horizontal que exerce influência em vários sectores.<sup>97</sup>

Em 1937 a definição de turista defendida pela liga das nações “é aquele que viaja por um período de 24 horas ou mais de um país para outro (...)”<sup>98</sup>

Só em 1954 é que surgiu a primeira definição de turismo, como “um conjunto de relações e manifestações que se originam com uma viagem e com uma estadia temporal do visitante, sempre que desta estadia não resulte uma actividade lucrativa”. Este conceito surgiu no Congresso de Palermo organizado pela A.I.E.S.T.<sup>99</sup>

Nove anos depois, uma conferência internacional de turismo, organizada também em Itália, em Roma, define turista como “a pessoa que vai a um outro país por qualquer razão menos a de exercer uma profissão remunerada”.<sup>100</sup>

Também em 1963 a Declaração de Manila reconhece a importância do turismo para o equilíbrio das relações económicas internacionais, considerado um instrumento de promoção para os países em vias de desenvolvimento.<sup>101</sup>

Em 1970, o C.I.T.I.<sup>102</sup> em conjunto com a OCDE<sup>103</sup> definiu o conceito de férias, como uma estadia de pelo menos quatro noite seguidas fora do local de residência apenas por lazer, aqui excluem motivos profissionais, motivos patológicos ou por a morte de um familiar.

---

<sup>96</sup> KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIWAN, Iwan – Marketing 3.0, Actual Editora, Lisboa, 2011;

<sup>97</sup> COUTO, João; FAIAS, Carlos; FAIAS, Cláudia – Marketing Turístico: Conceitos e Tendências, Univ. dos Açores, 2009;

<sup>98</sup> MARQUES, Maria Olinda – *Turismo e Marketing Turístico*, Publicações Europa-América, Lisboa, 2005;

<sup>99</sup> Associação Internacional de Técnicos de Turismo;

<sup>100</sup> HOLLOWAY, J. Christopher – *The Business of Tourism*, Prentice Hill, Londres, 1989;

<sup>101</sup> CUNHA, Licínio – *Economia e Política do Turismo*, McGraw-Hill, Lisboa, 1997;

<sup>102</sup> Centro de Investigação Turística Internacional;

Em 1989, na Declaração de Haia sobre o Turismo, considerando-o como um meio de ajuda internacional e de partilha de tradições e costumes.

Segundo a OMT<sup>104</sup> para serem considerados turistas, os visitantes têm de permanecer pelo menos 24 horas e no máximo 1 ano. Os que ficam num período inferior a 24 horas são denominados de excursionistas.

Para autores como Holloway<sup>105</sup> as viagens pelo país de residência não são consideradas como turismo.

Em 1997 a OMT definia o turismo como «as actividades das pessoas viajando para e permanecendo em lugares fora do seu ambiente usual por não mais do que um ano consecutivo, por lazer, negócio ou outra razão».

Outros autores, como Fernando Vera<sup>106</sup> consideram o turismo não uma actividade económica, mas uma prática social colectiva, que aí sim gera actividade económica.

József Borocz<sup>107</sup> determina o turismo como uma fuga temporária à rotina diária.

Para autores como Goeldner, Ritchie e McIntosh<sup>108</sup>, o turismo resulta da interacção dos turistas, com os prestadores de serviços, do governo do país de acolhimento e das comunidades de acolhimento. Estabelecem três objectivos essenciais: Maximizar a experiência psicológica dos turistas, maximizar os lucros das empresas prestadoras de bens e serviços aos turistas e maximizar os seus efeitos numa comunidade ou região.

Em turismo o actor principal é o turista, ou seja, o que define o turismo são as pessoas, passando os recursos turísticos para um segundo plano, considerando que só existe uma prática turística se houver uma vivência emocional e pessoal.

As primeiras definições sobre Turismo centram-se na sua dimensão espacial, porque o turismo só acontece quando alguém muda de lugar físico.

O turismo não é uma actividade isolada, pois está relacionado com as várias actividades humanas.

As regiões que têm o turismo como actividade principal, é necessário que estejam criadas as estruturas e os serviços que apoiem esta acção. Como o poder está do lado da procura, as regiões turísticas têm de desenvolver a oferta de forma a abranger as tendências, motivações e necessidades do mercado.

---

<sup>103</sup> Organização de Cooperação do Desenvolvimento Económico;

<sup>104</sup> Organização Mundial de Turismo;

<sup>105</sup> HOLLOWAY, J. Christopher – *The Business of Tourism*, Prentice Hill, Londres, 1989;

<sup>106</sup> VERA, Fernando - *Análisis Territorial del Turismo*, Tirant lo Blanch, Barcelona, 1997;

<sup>107</sup> BOROCZ, József – *Leisure Migration, A Sociological Study on Tourism*, Pergamon Press, s.l., 1996;

<sup>108</sup> GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert, W. – *Tourism, Principles, Practices, Philosophies, Twelfth Edition*, s.ed., s.l., 2011.

Determinar a época na história, ou o momento em que a actividade designada actualmente como turismo.

Para Cunha<sup>109</sup> não é possível determinar no tempo o início das viagens do homem. Contudo este autor atribui aos Sumérios o crédito, por terem inventado a moeda e o comércio há cerca de seis mil anos.

Consideramos que o desejo e a necessidade de deslocamento está intrínseca no homem, pelas mais variadas motivações, quer sejam religiosas, políticas ou em lazer.

A invenção da roda, da escrita cuneiforme e abertura de vias são preponderantes para a realização dessas viagens. O exemplo de uma dessas viagens aconteceram há mais de 5000 anos, no Egipto, onde se organizavam deslocações pelo Rio Nilo, para disfrutar dos templos que se encontravam ao longo da margem.

Outros autores concedem aos Jogos Olímpicos na Grécia no ano de 776 a.C. como a primeira manifestação turística. Durante o período dos jogos, os povos paravam os confrontos hostis, a denominada trégua sagrada.

Já na Idade Média, Santiago de Compostela, Roma e Jerusalém, três pontos religiosos importantíssimos, aumentaram o fluxo populacional para esses destinos. É nesta época, que pela primeira vez para além da hospedagem gratuita, passa a existir a que é necessário pagamento.

No século XIII, em 1271, as viagens de Marco Polo desde Veneza até à china, são dadas por alguns autores, exemplos da vontade da procura de novas terras e novas tradições.

Contudo, apenas os Descobrimientos Portugueses e Espanhóis novos mundos foram dados a conhecer ao mundo.

No Renascimento surgiram as deslocações de indivíduos isolados e não em grupos como era habitual. Os principais motivos das deslocações são de cariz cultural, tendo Itália como principal destino.

O hábito de viajar proliferou por toda a Europa e pelo mundo, muito por causa da criação de férias pagas, do aumento das férias e da massificação do transporte ferroviário, o que facilitou os deslocamentos.

Nesta época onde houve um aumento da massificação da deslocação das populações por motivos de lazer, surgiu aquele que é considerado o primeiro agente de viagens do mundo. Thomas Cook, um empresário inglês fretou um comboio em 1841 onde levou 500 pessoas.

---

<sup>109</sup> CUNHA, Licínio – *Economia e Política do Turismo*, McGraw-Hill, Lisboa, 1997;

A importância que o turismo começou a obter, levou à criação em França em 1895 os primeiros sindicatos deste fenómeno.

Durante a primeira guerra mundial as deslocações populacionais por razões turísticas foram quase nulas.

Após esse período, a crise económica de 1929 podia levar a uma época de baixos fluxos turísticos, mas isso não veio a acontecer, muito por causa do fortalecimento da classe média. A melhoria nos transportes tornou as viagens menos dispendiosas e mais rápidas.<sup>110</sup>

Uma região turística pode ter excelentes recursos patrimoniais e acessos de excelência, contudo, se o turista não tiver uma visita agradável que o faça querer voltar, esse mesmo destino terá muitas dificuldades em consolidar-se como um marco de turismo de excelência.

Surgindo a vontade de tornar uma localidade como destino turístico, é necessário dinamizar, potencializar e consolidar o mesmo como um local de excelência.

Tem que surgir a vários níveis, sociais, económicas, demográficas, tecnológicas, entre outros.

O desenvolvimento turístico tem de produzir importantes efeitos culturais, sociais e económicos, com um importante papel dos intervenientes na actividade turística. Para além disso quem tem de utilizar os meios humanos, naturais e físicos desfrutados ou utilizados pelos turistas. O turismo pode contribuir para o desenvolvimento potenciando os factores de competitividade entre regiões e entre países, proporcionando a existência de estruturas sociais e colectivas como por exemplo, escolas e hospitais, e gerar mais conhecimento com um convívio entre culturas.

A OMT define o desenvolvimento turístico sustentável como sendo aquele que «satisfaz as necessidades dos turistas e das regiões de acolhimento ao mesmo tempo que protege e potencia novas oportunidades para o futuro».

O turismo pode ser avaliado como justificação para a recuperação, renovação, reestruturação e exploração de áreas urbanas ou naturais abandonadas.

Contudo, como qualquer outra actividade, o turismo tem os seus impactos positivos e negativos na área envolvente.

Autores como Holloway<sup>111</sup>, Mathieson e Wall<sup>112</sup> consideram que estes impactos não se devem à quantidade de turistas, mas também o tipo de turistas que se deslocam para o destino turístico.

---

<sup>110</sup> HOLLOWAY, J. Christopher – *The Business of Tourism*, Prentice Hill, Londres, 1989;

Para Ruschmann<sup>113</sup> estes impactos devem-se a excessos, a má gestão e a mau planeamento. Este autor considera que é difícil medir os impactos no meio ambiente, porque o homem vive e modifica-o à milhares de anos.

## **Impactos Positivos e Negativos do Turismo**

Elaboramos então uma consideração daqueles que consideramos ser os impactos tanto positivos como negativos, tanto a nível ambiental, económico e sócio-cultural.

Na vertente ambiental consideramos como positivos essencialmente a criação de programas que preservem e conservem as áreas naturais, sítios arqueológicos e monumentos históricos.

Salientamos também o contacto com a natureza através da descoberta de áreas até então inacessíveis.

Para além disto favorece a descoberta e acessibilidade a regiões naturais até então não exploradas, dando valor ao contacto com a natureza.

Os impactos negativos têm mais relevância a poluição do ar e da água e a poluição sonora. Não podemos descartar a destruição da paisagem, da fauna e da flora. Os monumentos históricos e sítios arqueológicos também sofrem estes impactos, devido a uma maior afluência de turistas ou visitantes ao local.

Na vertente económica consideramos como impactos positivos a criação de postos de trabalho e os impostos que provêm das despesas dos turistas.

Este aumento das receitas estimula o investimento que melhoram a qualidade de vida das populações e favorece a criação de equipamentos para a preservação ambiental.

Os impactos negativos concentram-se na estadia do turista numa unidade hoteleira que lhe proporciona todos os serviços e visitas organizadas, isto asfixia os negócios locais.

A criação de infraestruturas que significam um grande investimento, tornam-se na maioria grandes despesas para os governos locais que devido aos benefícios financeiros não têm o retorno esperado.

A saturação em pouco espaço de tempo de um destino turístico confere uma sobrecarga aos serviços e às infra-estruturas. O interesse pelo sector turístico em demasia num determinado local põe em causa outras actividades da região, como a agricultura ou a pesca.

---

<sup>111</sup> HOLLOWAY, J. Christopher – *The Business of Tourism*, Prentice Hill, Londres, 1989;

<sup>112</sup> MATHIESON, A.; WALL, G. – *Tourism, Economic Physical and Social Impacts*, Longman, Londres, 1982;

<sup>113</sup> RUSCHMANN, Doris – *Turismo e Planeamento Sustentável, A Protecção do Meio Ambiente*, 3ª edição, Papyrus Editora, s.l.,1999;

A subida de preços no destino turístico nas épocas de maior fluxo turístico leva ao aumento dos preços, afectando assim o custo de vida da população local.

Na vertente sócio-cultural o turismo confere à região o cultivo daquilo que é regional e tradicional, como por exemplo o artesanato e a gastronomia. A realização de eventos que incluam a população local também é uma medida importante. Para além disto, o turismo pode ser considerado como um efeito e uma causa para a diminuição do êxodo rural, criando novos postos de trabalho, acessos, serviços e infra-estruturas.

Negativamente é de salientar o aumento da procura de artesanato pode vir a alterar o meio de produção, acabando assim com algo com muitos anos de tradição, como defende o autor Ignarra.<sup>114</sup>

Outro dos aspectos a tomar em consideração é a chegada ao local devido ao interesse que essa região obteve relacionado à actividade turística de etnias ou povos que a população local veja como alguém indesejável. Isto pode criar conflitos a várias escalas.

O ambiente está cada vez mais actualmente no centro das atenções e das preocupações das entidades reguladoras do turismo. O Ecoturismo tem que ser desenvolvido com a população local e os turistas para que a biodiversidade e os recursos naturais perdurem para as gerações futuras.

O Turismo tem de ter um cariz social, criar hipóteses para que todos possam usufruir deste fenómeno, e de forma a auxiliar a população de determinada região turística.

Nas décadas de trinta e quarenta do séc.XX surgiu o conceito de Turismo Social.

Este conceito está ligado com a necessidade de criar as “férias para todos”. Em alguns países europeus surgem a aprovação de legislação sobre férias subsidiadas, fazendo com que viagens turísticas estivessem assim ao alcance da generalidade dos trabalhadores.

Esta forma de turismo só foi possível devido à massificação da utilização do automóvel, do aumento do orçamento familiar e a crescente necessidade de fuga ao stress dos grandes centros urbanos.

Para além deste aspecto social de homogeneização das oportunidades para qualquer pessoa ter acesso a vários destinos turísticos, consideramos que o turismo tem de ter uma função social para apoiar a comunidade que os seus serviços abrangem.

Não vemos isto como um meio de despendar os lucros obtidos, mas sim uma certa reciprocidade por qualquer alteração à localidade, originária da actividade turística.

---

<sup>114</sup> IGNARRA, Luiz Renato – *Fundamentos do Turismo*, 2ª edição, Thomson, Brasil, 2004;



É necessário intervir na comunidade, proporcionar formas de ocupação nos tempos livres, intercâmbio de culturas, valorização pessoal e educacional à população local, bem como em actos de beneficência, como por exemplo apoio a famílias desfavorecidas ou a catástrofes relacionadas com o ambiente, como por exemplo os incêndios, tão usuais nesta região.

O que muitas pessoas podem considerar de uma espécie de publicidade quase abusiva por parte da entidade turística, é na nossa perspectiva, uma acção que visa a melhorar tanto a qualidade de vida da população local, como os espaços da localidade, tanto físicos como ambientais.

Para concebermos melhor a Póvoa de Lanhoso como recurso turístico, é obrigatório estudar a região em que o concelho está inserido. Um destino turístico não pode isolar-se, porque isso leva à decadência do mesmo. É necessário que consiga comunicar-se com as populações e entidades de concelhos vizinhos.

## **Estudo Sobre Turismo**

Sendo assim dissecamos o seguinte estudo. O IPDT<sup>115</sup>, juntamente com a ERTPNP<sup>116</sup> e o Aeroporto Sá Carneiro, elaborou um estudo sobre o perfil dos turistas que visitam o Porto e/ou o Norte de Portugal e que deixam este destino via Aeroporto do Porto no 1º trimestre de 2012.

Os turistas foram subdivididos em dois grupos, os que vinham em Lazer/Férias e em Negócios/Trabalho. Dos turistas inquiridos, 69,4% vieram por motivos de lazer e 30,6% por motivos de negócios.

No segmento de Lazer a maior percentagem, 44,9% vem ao grande Porto e ao norte de Portugal visitar familiares ou amigos, seguido por férias, 43,3% e por estudos, 7,3%.

Já o segmento de Negócios o principal motivo é a reunião de negócios/trabalho, com 71,0%. As vendas e outros serviços também são relevantes, com 12,4%, e a participação em feiras remete para 8,9%.

No grande Porto, a cidade com o mesmo nome é o principal local tanto sector de lazer e no de negócios onde os turistas ficam hospedados.

No norte de Portugal, Braga é cidade com maior percentagem de ocupação dos turistas inquiridos, tanto no sector de lazer como no de negócios. Para além de Braga, salientamos Guimarães e Viana do Castelo.

---

<sup>115</sup> Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo;

<sup>116</sup> Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal;

No grande porto e no norte de Portugal o hotel é o alojamento mais procurado no segmento de lazer e no de negócios, em que passam em média 2 noites e geralmente são duas pessoas. Em lazer o gasto médio é 514€ e em negócios é de 521€. As principais actividades que os turistas de ambos os segmentos mais procuram é a gastronomia.

Os turistas que mais visitam o grande porto e o norte de Portugal são espanhóis e franceses.

A Ryanair é a companhia aérea com mais influência no segmento de lazer, já a TAP, é a mais relevante no segmento de negócios.

Quando um turista vem em negócios, quase na totalidade dos casos é a empresa em que trabalham que trata de tudo para a viagem. No caso do lazer, a grande percentagem remete para a internet.

Quando já estão em solo português, os turistas inquiridos no segmento de lazer na sua maioria deslocam-se a pé, já em negócios, o meio de transporte dominante é o táxi.

Na maioria dos turistas presentes neste estudo revelam intenção de regressar, contudo, em comparação com igual período do ano passado os valores foram mais baixos. É de salientar, que apesar desta descida, o 1º trimestre de 2012 teve melhores resultados que o trimestre anterior.

A hospitalidade, a gastronomia, o alojamento, a paisagem e natureza, a relação qualidade/preço e os parques naturais foram os aspectos mais elogiados pelos inquiridos.

De 1981 até 2001 a população da Póvoa de Lanhoso aumentou de 21092 até 22772. Nos últimos dez anos a população desceu para 21886.

Juntando a esta descida da população, este factor é agravado com o envelhecimento da população, característica comum ao país. O índice de envelhecimento é de 85,9 (permilagem), contudo, a maioria da população do concelho encontra-se nos grupos etários entre os 15-24 e 25-64 anos.

Actualmente com 29 freguesias este concelho situado entre as bacias do Cávado e do Ave possui um ambiente campestre e rural, onde a indústria têxtil é predominante, juntamente com a agricultura, onde a produção vitivinícola está em evidência.

A exploração de granito é também um sector importante no concelho.

O turismo e a filigrana ligam-se na aposta da Câmara Municipal de fazer da Póvoa de Lanhoso a Terra do Ouro. Esta vontade deve-se à existência ancestral da tradição de trabalhar

em ouro, a ourivesaria, presente principalmente em duas freguesias, Sobradelo da Goma e Travassos, esta última onde existe o Museu do Ouro.

A Filigrana é actualmente a marca principal do concelho e o motivo de maior notoriedade deste concelho minhoto.

A actividade turística aumentou exponencialmente na oferta de alojamento e no surgimento de empresas de animação turística.

Segundo o Decreto-Lei 39/2008, entretanto alterado pelo Decreto-Lei 228/2009, o concelho dispõe de 13 unidades de alojamento perfazendo um total de 265 camas licenciadas para o turismo.

A maioria das unidades de alojamento é de T.E.R.<sup>117</sup> nas suas diferentes modalidades.

Existem também 78 camas na modalidade de hotel.

Segundo um estudo feito pela divisão de turismo da Póvoa de Lanhoso, determina que entre 2005-2009, o ano com o maior registo de hóspedes estrangeiros, perfazendo um total de 10135 hóspedes.

Até 2009 a tendência é a descer, contudo, 2007 foi o ano com mais hóspedes estrangeiros, 1354, num total de 9850 hóspedes.

A justificação que encontramos para que 2005 fosse o ano com um maior número de hóspedes, deve-se certamente ao ano anterior, com o Euro 2004 da UEFA, Portugal esteve nos olhos da europa e do mundo.

Em relação à origem dos turistas que visitam a Póvoa de Lanhoso, provêm da Espanha e da Alemanha.

O T.E.R na Póvoa de Lanhoso tem verificado um aumento expressivo de turistas provenientes da região europeia do BENELUX.

Um aspecto a ter em conta são os mercados como o do Reino Unido e da França tão habituais na região minhota, têm menor incidência na Póvoa de Lanhoso.

---

<sup>117</sup> Turismo em Espaço Rural;

## **Análise SWOT**

Para tratarmos da melhor forma todas as intervenções na Póvoa de Lanhoso elaboramos uma Análise SWOT.<sup>118</sup> Detectamos os pontos fortes, as fraquezas, as oportunidades e as ameaças.

Os pontos fortes da Póvoa de Lanhoso começam na sua localização, situada entre Braga, Guimarães e Gerês. Este triângulo turístico é fulcral para o turismo na região minhota.

Segundo o PENT<sup>119</sup>, a Póvoa de Lanhoso possui dois dos dez produtos denominados estratégicos para o turismo, Gastronomia e Vinhos e o Touring Cultural e Paisagístico. Para além do PENT a E.R. do Turismo do Porto e Norte de Portugal reforçou essa importância classificando-os essenciais para a região.

A existência de um estabelecimento de ensino superior, ISAVE<sup>120</sup>, reforça o desenvolvimento local, justificado pela deslocação de população jovem.

A ruralidade que este concelho possui favorece a existência de espaços de T.E.R.

Os acessos rodoviários estão presentes e em bom estado, como por exemplo, as auto-estradas A3 e A7 e as estradas nacionais que percorrem o concelho.

Todo o património existente no concelho gere motivação para a deslocação de visitantes. Neste aspecto englobamos os usos, costumes e tradições, monumentos e a gastronomia.

O concelho possui infra-estruturas, como por exemplo piscinas, bibliotecas, teatro, auditório, entre outros, que permitem a realização de eventos de várias temáticas, concedendo uma melhor qualidade de vida aos habitantes locais e aos visitantes.

Em relação às fraquezas incidem principalmente na indústria. A indústria têxtil é a indústria preponderante neste concelho, contudo, a situação económica que o país atravessa levou ao fecho de muitas dessas estruturas. Para além do fecho destas estruturas, a deslocalização destas para países com mão-de-obra mais barata ou com mais benefícios fiscais traz consequências negativas directas e indirectas ao concelho.

Directamente provoca desemprego numa região tão assolada com este flagelo. Indirectamente reduz os novos investimentos e provoca dificuldades a outras empresas que dependem dessas indústrias.

---

<sup>118</sup> Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats;

<sup>119</sup> Plano Estratégico Nacional de Turismo;

<sup>120</sup> Instituto Superior de Saúde do Alto Ave;

O abandono escolar precoce principalmente nas áreas mais rurais do concelho, concede uma baixa qualificação dos recursos humanos existentes. Os recursos humanos qualificados dificilmente permanecem no concelho, já que não criadas as condições necessárias de empregabilidade.

Para além desta baixa qualificação, a emigração jovem qualificada e não-qualificada provoca o envelhecimento da população, marcas já visíveis no concelho.

O comércio tradicional é frágil e pouco diversificado, o que leva à procura por parte da população aos centros comerciais nos centros urbanos mais próximos.

Juntamente às dificuldades do comércio tradicional, a dependência de investimentos externos condiciona o concelho e o seu desenvolvimento sustentável, o que mostra uma incapacidade em criar novas oportunidades.

As oportunidades da Póvoa de Lanhoso assentam nos seguintes parâmetros, o QREN<sup>121</sup> 2007-2013 aponta o Turismo como um ponto essencial para a economia nacional. Para a Póvoa de Lanhoso aproveitar de melhor forma os fundos integrados no QREN tem que gerar oportunidades e criar competências para delinear candidaturas consistentes à realidade e escada do concelho.

Como já referimos, a existência de um estabelecimento de ensino superior, ISAVE, concede a oportunidade através de pesquisa e de investigação para fins medicinais de produtos locais, como por exemplo o vinho verde.

Para aniquilar as carências da economia local é necessário dinamizar os recursos patrimoniais existentes de forma a atrair visitantes e por conseguinte gerar receitas.

A proximidade a centros urbanos, faz com que a Póvoa de Lanhoso se possa tornar um destino complementar a esses centros urbanos.

A criação de empresas de animação turística é essencial para que a visita seja complementada com uma experiência diferente que os visitantes possam usufruir e recordarem-se mais tarde.

A par destas empresas, a criação de estabelecimentos vocacionados para o turismo é um importante passo a tomar para definir a Póvoa de Lanhoso como um local de turismo de eleição.

---

<sup>121</sup> Quadro de Referência Estratégico Nacional;

O norte de Portugal beneficia da imagem de uma população acolhedora, este aspecto é fundamental, já que a impressão com que o visitante fica e as recordações que leva quando torna a casa, são muito relevantes para que possam voltar.

A posição estratégica face a Braga, Guimarães e Gerês, torna a Póvoa de Lanhoso um local privilegiado para a prática turística. O ano a decorrer, 2012, é fulcral para o fortalecimento e confirmação da Póvoa de Lanhoso como destino turístico, tanto em Portugal como para a Europa. A importância deste ano deve-se aos eventos Braga Capital Europeia da Juventude e Guimarães Capital Europeia da Cultura.

O já referenciado património cultural, histórico, e paisagístico presente no concelho é um factor de atracção considerável.

Para além do QREN é necessário que as candidaturas a fundos comunitários sejam bem estruturadas, para que a economia local seja beneficiada.

A contínua deslocalização das já mencionadas indústrias, com especial atenção à têxtil, diminui consideravelmente a qualidade de vida das populações. Esta perda de poder de compra afecta directa e indirectamente o turismo. Intimamente ligado à deslocalização das indústrias está a crise económica que asfixia o mercado interno.

Os principais entraves ao turismo provem dos concelhos limítrofes. Dos concelhos vizinhos advém um crescimento da oferta turística e muito semelhante ao do concelho da Póvoa de Lanhoso. No entanto como as Terras de Lanhoso, esses concelhos, sofrem de uma forte sazonalidade. No exemplo do concelho em questão, os meses de Julho, Agosto e Setembro são os meses com maior fluxo de turistas, atingindo quase a percentagem total de ocupação de camas em regime de T.E.R. e hotel.

Um dos aspectos onde é necessário uma intervenção mais urgente é a fragmentação nas estratégias de promoção turística. É essencial uma estratégia conjunta, que favoreça o concelho.

A rede viária municipal é um dos aspectos negativos que as autoridades locais estão a tentar melhorar, contudo, em alguns locais o acesso continua a ser muito difícil, prejudicando as populações locais e os visitantes.

O clima é também um factor preponderante para os fluxos de turistas. A região Minhota tem um verão muito quente e um inverno muito frio, condicionando um fluxo de turistas contínuo.

A última ameaça que detectamos é o aumento da criminalidade. A segurança dos visitantes é dos aspectos mais importantes na actividade turística.

Portugal possui a imagem de uma país seguro, contudo, desde há uns anos a criminalidade violenta tem vindo a aumentar.

Pela positiva salientamos na Póvoa de Lanhoso a existência de estruturas e equipamentos necessários para uma prática turística de elevada qualidade.

Os locais de extrema beleza natural que são pouco conhecidos tanto pela população como pelos turistas, concede características naturais excepcionais.

Salientamos também a variedade de pontos de interesse. Neste caso referenciamos o Castelo de Lanhoso, situado no topo do maior monólito granítico da península ibérica, recebeu entre 1996-2006 cem mil visitantes. Para além de toda a importância histórica o Castelo é também o palco de muitas das peças de teatro criadas pelo Centro de Criatividade, oriundo do concelho. Relacionado ainda com teatro desde há uns anos acontece na Póvoa de Lanhoso o Festival Nacional de Teatro Amador.

O DiverLanhoso, considerado um dos maiores Parques de Aventura da Europa, atrai muitos visitantes ao concelho.

Os estabelecimentos de diversão nocturna, como bares e discotecas conseguem manter a população mais jovem no concelho e atraem população dos concelhos vizinhos.

A criação por parte da ATPL<sup>122</sup> de eventos como por exemplo o Moda Lanhoso, é considerado de extrema importância para a divulgação da indústria têxtil povoense e que atrai todos os anos muito espectadores.

Outro dos eventos criados, o Verão Com (n) vida torna o centro da vila um palco de actividades e espectáculos que conjuga vários grupos e associações povoenses fazendo um evento homogéneo e de interesse a todo o concelho.

Para além destes eventos, outros foram criados pelo concelho, como por exemplo a Noite Gerações que teve a primeira edição em 2009, é já um marco de interesse que reúne população de todo o concelho e não só. Por outro lado reavivou e reanimou a Romaria em que este evento está associado, a Romaria de Nossa Senhora de Porto D' Ave.

Outro evento com a primeira edição no ano de 2012, o Festival Póvoa de Lanhoso, com a ACJP<sup>123</sup> como entidade promotora, dinamizadora e organizadora.

---

<sup>122</sup> Associação de Turismo da Póvoa de Lanhoso;

<sup>123</sup> Associação Cultural Juventude Povoense;

A criação de presépios por parte de uma freguesia do concelho tomou proporções que são dignas de registo. Este projecto que já acontece há alguns anos, começou por ser apenas alvo de visita por parte da população das freguesias vizinhas, mas de ano para ano cresceu e já teve direito à presença num bloco informativo de uma televisão nacional. Todos os anos na época de Natal a freguesia de Garfe é alvo de visita por uma quantidade considerável de pessoas. É de notar que este movimento de pessoas está inserido nos três meses com menor ocupação hoteleira na Póvoa de Lanhoso, novembro, dezembro e janeiro.

A presença de eventos à escala nacional na Póvoa de Lanhoso, ajuda consideravelmente o sector turístico, como por exemplo, a Volta a Portugal em Bicicleta, que na edição de 2012 passou pelo concelho, mostrando em directo para o país e para o mundo quase durante uma hora, imagens do concelho de uma forma interessante e gratuita, que actualmente é um factor muito importante.

A uma escala regional a suspensão em 2011 por falta de verbas do Grande Prémio de Ciclismo do Minho promovido pela Associação de Ciclismo do Minho, veio retirar mais uma oportunidade de promoção da região, onde desde 2006 a Póvoa de Lanhoso já não participava.

De negativo no concelho salientamos a deficiente coordenação entre os equipamentos e estruturas municipais e turísticas, e ainda a falta de formação em alguns elementos envolvidos nos mesmos.

Salientamos também a desactualização de algum material presente no Posto de Turismo, sendo o caso mais visível os postais com imagens do concelho com mais de dez anos certamente.

A sazonalidade turística presente no concelho é um dos principais problemas. Este problema é agravado com o desaparecimento de eventos à escala nacional, como o início do Campeonato Nacional de Rally que trazia durante dois dias ao concelho milhares de pessoas, que lotavam quase na totalidade a oferta hoteleira do concelho.

A aposta na Filigrana, uma aposta de sucesso, que leva o nome da Póvoa de Lanhoso a todo o país e ao resto do mundo, denominada pela Câmara Municipal, como a Terra do Ouro, estrangula a grande maioria dos pontos de interesse do concelho. É necessário saber como, onde e quando actuar para que a actividade turística tenha os seus efeitos positivos na maior percentagem possível do concelho.

Já o DiverLanhoso, que salientamos pela positiva a sua actividade, falta apenas uma presença mais activa no concelho, apostando mais na divulgação dentro do concelho.



Por fim, mas não menos importante é a pouca presença nas redes sociais, e a existente não é suficientemente atractiva e informativa para que tenha relevância na população em geral, mas principalmente na mais jovem, que actualmente passa cada vez mais tempo na Internet.

É necessário uma aproximação à população, para que tomem conhecimento da importância do sector turístico na região e no país. Para criar uma região turística de excelência é de extrema importância um desenvolvimento sustentável. Numa primeira fase é preponderante que a presença esteja mais do que reconhecida e fortalecida no concelho. Depois o próximo passo é alargar a influência para os concelhos vizinhos, consolidando a marca como algo de qualidade e positiva para a região.

Desde sempre a região em que a Póvoa de Lanhoso está inserida, é reconhecida como uma região em que os interesses próprios de cada concelho são colocados em primeiro lugar em detrimento aos interesses comuns. Um dos exemplos que corrobora esta afirmação, é a Rota do Património Industrial do Vale do Ave, sob a alçada da ADRAVE<sup>124</sup>, que apesar dos vários investimentos feitos no projecto está condenada ao insucesso devido ao que foi referido anteriormente e a questões políticas. Para além destas questões políticas que asfixiam quase na totalidade, a repetição dos erros a nível estrutural e dinamizador.

Perto da região minhota, a Rota do Românico do Vale do Sousa que engloba 21 monumentos divididos por seis concelhos dessa região. Em março de 2010 alargou-se a rota à sub-região do tâmega, aumentando assim a presença de seis para doze concelhos.

Esta rota foi crescendo e é actualmente um caso de sucesso e da colocação em primeiro lugar dos interesses comuns da região à frente de interesses próprios, tendo ganho prémios nacionais e internacionais.

Ainda sobre as Rotas, em Abril de 2012 cinco autarquias do Norte de Portugal que estão historicamente ligadas a este metal iniciaram a denominada Rota do Ouro.

Em Vila Pouca de Aguiar, Paredes e Valongo destaca-se a exploração do ouro, e em Gondomar e na Póvoa de Lanhoso está instalada a actual indústria da ourivesaria.

Esta junção dos cinco concelhos é benéfica porque assim o valor de investimento de cada um é menor.

O objectivo desta rota é encaminhar o visitante desde a época da exploração romana até à actual indústria da ourivesaria.

---

<sup>124</sup> Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave;

Os principais pontos de visita são as Minas de Ouro da Serra de Santa Justa em Valongo, o complexo mineiro romano de Tresminas, considerado o primeiro museu ao ar livre do país, o Museu do Ouro na Póvoa de Lanhoso, e as minhas de Jales em Vila Pouca de Aguiar que fecharam em 1992, foram as últimas onde se extraiu ouro em Portugal, vão reabrir em 2012 com o investimento de uma empresa canadiana.

A estratégia em relação ao turismo consiste até 2022 atingir os 300 mil turistas e gerar a riqueza na ordem dos 30 milhões de euros.

Para além da Rota do Ouro, a Póvoa de Lanhoso está também inserida na Rota do Linho e do Ouro, de forma a promover esta actividade tão característica do concelho.

O dia 27 de Setembro é considerado pela OMT como o Dia Mundial do Turismo.

O tema de 2012 é “Turismo e Energia Sustentável: Ligando o Desenvolvimento Sustentável”, consciencializando os intervenientes do Turismo sobre iniciativas de energia sustentável aplicando-as ao sector turístico.

## **Proximidade com a População**

A Póvoa de Lanhoso inseriu várias nas actividades para a comemoração do dia mundial do turismo. Entre estas acções salientamos uma que consideramos muito interessante, a limpeza de monumentos do concelho através de pessoas que estivessem interessadas. Para além de diminuir consideravelmente os custos, aproxima a população povoense aos monumentos que lhe pertencem. Para além das actividades, entre o dia 27 e o dia 30 alguns monumentos tiveram entrada gratuita.

Na intenção de criar elos de ligação com a população e em colaboração com a ESPL<sup>125</sup> leccionamos algumas aulas sobre Marketing Turístico ao Curso Profissional de Técnico de Turismo e coordenamos o estágio de quatro jovens do mesmo curso. O projecto que coordenamos consistiu na inventariação, localização e métodos de promoção de pontos de interesse turísticos nas 29 freguesias do concelho.

A entidade responsável pelo turismo na Póvoa de Lanhoso auxiliou-nos na coordenação do estágio, e passou assim a tomar conhecimento do nosso projecto e das ideias que queremos implementar na actividade turística concelhia.

---

<sup>125</sup> Escola Secundária da Póvoa de Lanhoso;

## CAPÍTULO IV

### Definição e Evolução de Marketing

O Marketing é simultaneamente uma das áreas mais conhecidas globalmente, mas também uma das menos compreendidas.<sup>126</sup>

No início o Marketing não tinha um papel importante, actualmente qualquer empresa de renome tem um departamento dedicado exclusivamente ao Marketing.

Para Jean Jacques Lambin<sup>127</sup> o marketing é uma disciplina de gestão que é, simultaneamente, um sistema de pensamento e um sistema de acção.

Segundo a AMA<sup>128</sup> o Marketing é uma actividade organizacional e um conjunto de processos para criar, comunicar e entregar valor e gerenciar relacionamento com os clientes.

Marketing é mais do que vender, é uma forma de pensar os negócios.<sup>129</sup>

Ainda em 1973, Drucker<sup>130</sup>, define Marketing como a sua função principal agradar ao consumidor.

Consideramos que a aceção do marketing deve ser generalizada a todas as organizações e não apenas a empresas com fins lucrativos.

Em 2004 Lindon<sup>131</sup> considera que o Marketing é um conjunto de métodos e de meios de que uma organização dispõe para promover, nos públicos pelos quais se interessa, os comportamentos favoráveis à realização dos seus próprios objectivos.

Para Kotler<sup>132</sup> o Marketing é um processo social e gerencial através do qual pessoas e grupos obtêm aquilo que necessitam e o que desejam através da criação, da oferta e livre negociação de produtos e serviços de valor.

A definição de marketing é muito complexa.<sup>133</sup>

O objectivo do marketing é o de conhecer e compreender se o comprador e o produto ou serviço estão adaptados às necessidades de cada um.

---

<sup>126</sup> OGDEN, James R.; CRESCITELLI, Edson – *Comunicação Integrada de Marketing, Conceitos, técnicas e práticas, 2ª Edição*, Pearson Prentice Hall, São Paulo, 2007.

<sup>127</sup> LAMBIN, Jean-Jacques – *Marketing Estratégico, 4ª edição*, Mcgraw-Hill, Lisboa, 2000.

<sup>128</sup> American Marketing Association;

<sup>129</sup> FERREIRA, Manuel Portugal; REIS, Nuno Rosa; SERRA, Fernando Ribeiro – *Marketing para Empreendedores e Pequenas Empresas, 3ª Edição*, Lidel, Lisboa-Porto, 2009.

<sup>130</sup> DRUCKER, P. – *Management, Tasks, Responsibilities, Practices*, Harper & Row, Nova Iorque, 1973;

<sup>131</sup> LINDON, Denis – *Mercator XXI Teoria e Prática do Marketing, 10ª edição*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2004.

<sup>132</sup> KOTLER, Philip – *Marketing para o século XXI, 3ª edição, Editora Presença*, Lisboa, 2006.

<sup>133</sup> LAMBIN, Jean-Jacques – *Marketing Estratégico, 4ª edição*, Mcgraw-Hill, Lisboa, 2000.

Para Kotler e Armstrong<sup>134</sup>, a gestão de marketing consiste em saber escolher os mercados-alvo, manter e fazer crescer o número de clientes, através da criatividade, da entrega e da capacidade de comunicação.

O interesse fulcral do marketing nas empresas reside na criação e atribuição de valor ao produto. Tem que evidenciar as vantagens em comparação com a concorrência, o que facilita a decisão do consumidor no momento da compra.

Consideramos o Marketing como publicidade, promoção e venda, ou seja, conquistar os mercados existentes com meios de venda que tenham impacto e sejam originais.

Para Kotler<sup>135</sup> a empresa necessita em primeiro lugar de definir a sua missão.

Para o mesmo autor o modelo de gestão estratégica de marketing engloba o estudo, que contém a pesquisa de mercado, a segmentação, objectivos e posicionamento. O marketing mix engloba o produto, preço, distribuição, promoção e implementação.

Por fim o modelo de gestão inclui também o controlo, que consiste em ouvir opiniões, avaliar resultados, a revisão e a melhoria da estratégia.

Relativamente às perspectivas do posicionamento do produto, tem que identificar o género e o que distingue dos outros produtos do mesmo género.

Para Jean Jacques Lambin<sup>136</sup> a satisfação das necessidades do comprador é o principal objecto de uma empresa.

As mudanças ocorridas nos últimos anos, como por exemplo o desenvolvimento da educação e da cultura, contribuem para tornar o consumidor mais experiente e mais profissional no momento da compra.

O aumento do número de pessoas que vivem sozinhas também veio modificar os comportamentos dos consumidores.<sup>137</sup>

Numa sociedade em que a flexibilização laboral é uma tendência, já não existem empregos estáveis para toda a vida.

Manuel Portugal Ferreira, Nuno Rosa Reis e Fernando Ribeiro Serra<sup>138</sup> consideram que o empreendedorismo estimula a economia, diminui o desemprego e responsabiliza cada indivíduo na geração do seu rendimento.

---

<sup>134</sup> KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary – *Princípios de Marketing*, 12ª Edição, Prentice-Hall, s.l., 2008;

<sup>135</sup> KOTLER, Philip – *Marketing para o século XXI*, 3ª edição, Editora Presença, Lisboa, 2006;

<sup>136</sup> LAMBIN, Jean-Jacques – *Marketing Estratégico*, 4ª edição, Mcgraw-Hill, Lisboa, 2000;

<sup>137</sup> Idem;

<sup>138</sup> FERREIRA, Manuel Portugal; REIS, Nuno Rosa; SERRA, Fernando Ribeiro – *Marketing para Empreendedores e Pequenas Empresas*, 3ª Edição, Lidel, Lisboa-Porto, 2009;

Estes autores defendem que factores como o envelhecimento da população, a maior participação da mulher no mercado de trabalho, modificam as motivações dos consumidores.

Para Jean-Pierre Jeannet e H. David Hennessey<sup>139</sup> é necessário desenvolver uma mentalidade global e novos produtos para o mercado global.

O autor Terence A. Shimp<sup>140</sup> considera que conhecer o consumidor é uma obsessão. O objectivo desta obsessão consiste em facilitar a compra ao consumidor, dando importância à imagem, à cor e à mensagem.

Esta importância deve-se à proliferação dos meios de comunicação e à competição global interna e aumento das oportunidades.

Terence A. Shimp<sup>141</sup> considera a publicidade, as promoções, eventos e a venda pessoal são considerados fundamentais, ou seja, aumentou a importância da comunicação em marketing.

As ligações de produtos a marcas, lugares ou pessoas consideradas relevantes ou reconhecidas mundialmente são cada vez mais usuais, como também, a presença em revistas, jornais e outdoors.<sup>142</sup>

Para Chris Fill<sup>143</sup> no marketing é importante a interactividade. É necessário criar as ferramentas entre os media e o público-alvo.

O mesmo autor defende os processos de gestão que as organizações têm de fazer para avançar em vários públicos. Muitos desses processos utilizam a imagem de locais conhecidos mundialmente para os associar a uma marca.

A credibilidade da informação é um factor preponderante nos processos de gestão.<sup>144</sup>

Para Michael J. Baker e Susan J. Hart<sup>145</sup> as relações no marketing têm de envolver parcerias.

Para James R. Ogden e Edson Crescitelli,<sup>146</sup> Mercado-alvo engloba as pessoas que estão dispostas a comprar o produto, as que podem comprar o produto, tanto física como monetariamente, e as que são consumidoras finais no mercado.

---

<sup>139</sup> JEANNET, Jean-Pierre; HENNESSEY, H. David – *Global Marketing Strategies, Third Edition*, Houghton Mifflin Company, Boston, 1995;

<sup>140</sup> SHIMP, Terence A. – *Promotion Management & Marketing Communications, Third Edition*, The Dryden Press, Florida, 1990;

<sup>141</sup> Idem;

<sup>142</sup> Idem, ibidem;

<sup>143</sup> FILL, Chris – *Marketing Communications, Interactivity, Communities and Content, Fifth Edition*, Pearson Education Limited, Edinburgh, 2009.

<sup>144</sup> FILL, Chris – *Marketing Communications, Interactivity, Communities and Content, Fifth Edition*, Pearson Education Limited, Edinburgh, 2009.

<sup>145</sup> BAKER, Michael J.; HART, Susan – *The Marketing Book, Sixth Edition*, Elsevier Ltd., Burlington, 2008.

<sup>146</sup> OGDEN, James R.; CRESCITELLI, Edson – *Comunicação Integrada de Marketing, Conceitos, técnicas e práticas, 2ª Edição*, Pearson Prentice Hall, São Paulo, 2007;

Para os mesmos autores, a oferta tem de criar as possibilidades e as condições de atracção da procura. O papel do marketing neste aspecto é muito importante.

Considerando a área em que se insere este projecto, o marketing turístico orienta a oferta turística de uma forma activa, desenvolvendo novos serviços que possam criar novas oportunidades, ou então numa atitude mais reactiva, adaptando-se à vontade dos consumidores e às alterações dos mercados.

## **Marketing Turístico**

O marketing turístico é direccionado para a promoção de produtos ligados ao turismo.

É bastante maleável, já porque pode aplicar-se a um país, a uma região, cidade, empresa, ou qualquer outro serviço ligado à actividade turística.

Como o turismo é uma área em constante modificação, o marketing turístico tem que se adaptar a essas mudanças, para que o produto em questão seja dado a conhecer da melhor forma. Cada serviço turístico tem a autonomia para criar e desenvolver campanhas das suas actividades de forma a obter lucro.

Uma campanha de marketing de uma pequena empresa pode ter sucesso, desde que aposte em acções de nível regional e até nacional.

O governo de uma região ou de um país ou os importantes operadores turísticos são fundamentais como meios de promoção e divulgação de cada serviço.

Em suma, é essencial que cada serviço ligado ao turismo promova o seu serviço de uma forma extensa e intensa.

A actividade turística esteve desde o início ligada à classe económica média/alta, que possui os meios para suportar os gastos destinados ao turismo. Contudo, com a massificação do turismo, todas as pessoas podem actualmente usufruir da actividade turística.

Esta massificação permite o desenvolvimento e consolidação de várias regiões turísticas, cria novos postos de trabalhos e dinamiza a economia local.

Para um campanha tornar-se um sucesso é fulcral que as entidades maiores e os pequenos empresários estejam presentes, isso influenciará o número de turistas nas regiões alvo dessa promoção.

Consideramos que uma grande campanha de marketing não se pode esquecer das acções a nível local, porque corre o risco dos seus serviços locais não serem conhecidos.

Isto pode levar a um falhanço da campanha, por não apresentar um serviço de qualidade ao cliente ou consumidor, independentemente do local onde mora.

Todas as campanhas têm de ter em conta a constante evolução e mudança no mercado. Isto envolve uma maior e melhor gestão para que a qualidade seja cada vez maior.

Em 1960, a American Marketing Association, designa que a Marca é um nome, um termo, um sinal, um desenho, ou uma combinação destes elementos, para identificar os produtos e os serviços inerentes à mesma.

Em 1989, Kapferer<sup>147</sup> considera que construir uma Marca não é apenas pôr um rótulo ou um nome num determinado produto, é em primeiro lugar juntar as condições necessárias para uma abordagem de marketing.

Actualmente a Marca é um conceito de difícil delimitação. Este conceito engloba várias disciplinas, como o direito comercial e a gestão de marketing.

### **Internet como meio difusor**

A Internet é a única invenção do homem que este não pode controlar. As barreiras geográficas ou político-administrativas não existem na Internet.

Outras das vantagens é que podemos visualizar qualquer página independentemente da presença física do servidor. Isto possibilita um acesso fácil a informação em qualquer parte do globo.

A internet concede um conjunto de recursos ao utilizador, sendo informal e interactiva.

Concluimos como vantagens da Internet a fuga à rotina e ao quotidiano. Com a internet o consumidor pode analisar e experimentar o produto pretendido das várias marcas pretendidas. Isto torna a compra do cliente muito melhor planeada de forma a não cometer erros.

Também há vantagens para as empresas, já que confere uma imagem de modernidade. Para além disso, reduz os custos, principalmente nas comunicações com o estrangeiro.

Para a sobrevivência de uma empresa, ela tem que criar uma rede entre si, os consumidores e os fornecedores. A internet confere interactividade a essa rede, melhorando o serviço ao cliente, o teste a novos produtos e o acesso permanente ao mercado.

---

<sup>147</sup> KAPFERER, Jean-Noel – *New Strategic Brand Management: Creating and Sustaining Brand Equity Long Term*, The Free Press, New York, 1989;

Para concluir as vantagens, a internet possibilita que uma empresa procure, inicie e dinamize novas oportunidades de negócio em novos locais, até à época inatingíveis, melhora o tempo das transacções e reduz os erros de processamento.

Já os problemas da internet centram-se na confusão e desorganização da informação, a necessidade de aumento da largura de banda, os vírus, a autenticidade e a veracidade da informação e a falta de controlo.

Em 2008, a empresa Technorati contabilizou 13 milhões de blogues activos em todo o mundo. Já o número de leitores dos media impressos, varia de país para país.

Redes Sociais como o Facebook e Twitter aumentaram exponencialmente nos últimos anos, e fazem parte actualmente do dia-a-dia de muitas pessoas em todo o mundo.

O quotidiano actual rege-se muito pelas emoções humanas. Estas são fulcrais no processo de marketing. O marketing centra-se actualmente em três grandes campos de estudo, gestão de produto, gestão de cliente e gestão de marca.

## **O Marketing e o Futuro**

O futuro do marketing é horizontal e não vertical, ou seja, colocar todos os aspectos num mesmo grau de importância.

Esta tão importância dada ao consumidor, coloca os consumidores como novos proprietários das marcas. Pessoas consideradas influentes têm um papel muito importante nas atitudes dos consumidores.

Escassez de recursos, a terra tem um limite. Consciência do marketing para o ambiente. Para uma empresa é necessário estimar os clientes e respeitar a concorrência. Numa época tão susceptível a mudanças, é necessário adaptar-se à mudança e estar preparada para a transformação.

A empresa tem que estar ciente da sua identidade e abordar os clientes que mais irão interessar-se pelos seus produtos. O preço e a variedade dos produtos é um aspecto muito importante na relação com os consumidores. É preciso conquistá-los, mantê-los e cultivá-los.

O processo na empresa relativamente à qualidade, custo e distribuição tem de ser constantemente aperfeiçoado.

Todas estas acções têm como principal função, facilitar a decisão final do consumidor.



O produto turístico tem como componentes os clientes turísticos, autoridades oficiais, agentes operadores, promotores financeiros imobiliários, recursos turísticos, habitantes não envolvidos/envolvidos, gestores e proprietários, transportes e outras entidades.

## **Oferta Turística**

Defendemos que a oferta é a quantidade de bens que são postos à venda no mercado, pelo conjunto de produtores/vendedores. Na área da oferta turística há uma extensa ideia de pluralidade, ou seja, na oferta turística é composta por actuações naturais e artificiais, e pelos bens e serviços que levam as pessoas a visitar um país ou uma região.

Gunn<sup>148</sup> confere às atracções de um destino o componente mais importante na oferta turística. Para ele as atracções são propriedade e gerida pelos três sectores, governo, organizações sem fins lucrativos e sector privado.

Autores como Lewis, Chambers, Witt e Moutinho alertavam já em 1989, para a necessidade de estabelecer vários segmentos de mercado de uma forma mais especializada, deixando apenas de se apostar em turismo de massas.

Para Hall<sup>149</sup> o principal objectivo do desenvolvimento sustentado do turismo é criar um projecto que seja capaz de minimizar o esgotamento dos recursos, ambientais, culturais e sociais. É importante conservar as qualidades actuais para as gerações futuras.

Para que estas medidas funcionem é necessário que todos os agentes presentes na actividade turística as pratiquem.

O turismo tem-se revelado em muitos países e regiões, como um sector importante de desenvolvimento económico e de transformações sociais.

As escalas internacionais, nacionais, regionais, locais e sectoriais também devem ser trabalhadas, para desenvolver, implementar, avaliar o desempenho e o cumprimento dos objectivos planeados.

Para João Martins Vieira<sup>150</sup> o Turismo é considerado em Portugal, um sector de importância estratégica para o desenvolvimento nacional.

Como Portugal é dependente do turismo, é necessário um processo de planeamento estratégico para potenciar e consolidar a sua contribuição para o desenvolvimento do país.

---

<sup>148</sup> GUNN, C. – *Tourism Planning, 2ª edição*, Taylor and Francis, Nova Iorque, 1988;

<sup>149</sup> HALL, C. Michael – *Tourism Planning, Policies, Processes and Relationships*, second edition, Pearson Prentice Hall, s.l., 2007;

<sup>150</sup> VIEIRA, João Martins – *Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo, Uma perspectiva estratégica*, Ed. Verbo, Lisboa, 2007;

O planeamento em turismo é um instrumento de poder. Quem planeia prevê o futuro, quantifica-o, porque a importância do futuro é demasiada para ser deixada ao acaso.

Butler<sup>151</sup> define o processo de desenvolvimento turístico em seis etapas, exploração, envolvimento na base da economia local, desenvolvimento, consolidação, estagnação e rejuvenescimento ou declínio.

Estas etapas revelam a necessidade que após a estagnação do projecto, é preponderante uma reestruturação para que o projecto não desapareça.

Para Inskeep<sup>152</sup> o desenvolvimento turístico tem como objectivos económicos o rendimento, o emprego e servir de catalisador para outras actividades económicas, como por exemplo a agricultura e a indústria.

A estratégia é um aspecto fundamental no sucesso de qualquer empresa. Na estratégia inclui-se o pensamento, a comunicação, motivação, coordenação e o controlo.

As acções que queremos realizar serão distribuídas em vários níveis e áreas de intervenção. Para dinamizar um recurso abundante no concelho, temos de criar uma imagem moderna, actualizada à sociedade em que vivemos.

## **Rota das Casas Brasonadas da Póvoa de Lanhoso**

O principal activo e tema da tese/projecto são as Casas Brasonadas na Póvoa de Lanhoso. O estudo, promoção e divulgação destas casas são os principais objectivos.

Depois do estudo minucioso que fizemos às 18 casas que identificamos no concelho, o passo a seguir era apostar na sua promoção.

Para dinamizar o projecto, é necessário em primeiro lugar promover nos agentes locais, mais precisamente os presidentes de junta de freguesia. São estes agentes os mais próximos deste recurso patrimonial, permitindo assim um mais fácil acesso às propriedades, mesmo que pertencem a privados.

Para a criação deste projecto foi necessário visitar as 29 freguesias que pertencem ao concelho da Póvoa de Lanhoso. Procedemos á visita a todas as freguesias, mesmo as que não possuíam Casas Brasonadas, porque consideramos importante um destino turístico forte, não apenas no local em que se insere a habitação, mas também na sua envolvência, tornando o produto mais atractivo ao visitante ou turista.

---

<sup>151</sup> BUTLER, Richard – *Tourism Alternative: The thin edge of the wedge*, s.e.,s.l., 1980;

<sup>152</sup> INSKEPP, Edward – *Tourism Planning: na integrated and sustainable development approach*, s.e., s.l., 1991;

Após visitar todas as casas inseridas no projecto, denotamos o facto de pertencerem a privados, como entrave ao sucesso do mesmo. Contudo, verificamos também uma aceitação ao ideal representado pelo projecto, um ideal de homogeneização turística no concelho, para que todos os envolvidos promovam aquilo que há de valor nas Terras de Lanhoso, tirando consequentemente dividendos de tal actividade.

### **Estratégias de promoção e viabilização da rota**

Um dos principais pontos fortes da Rota de Casas Brasonadas é que os proprietários dessas casas não têm de despende qualquer valor monetário para a criação da mesma, contudo, se preferirem investir desde o início do projecto, terão certamente um papel de maior destaque quando a rota estiver a funcionar a 100%.

Os donos das casas brasonadas apenas têm de disponibilizar os locais, para que como já apresentamos durante o trabalho, a prática de turismo de experiências, tornando mais rica a experiência do visitante ou turista.

Estas experiências estarão relacionadas com a agricultura, viticultura e a prática de desporto intimamente ligado com a natureza.

Para além destas actividades consideradas mais físicas, a recriação do ambiente vivido na época áurea destas propriedades será também uma forte aposta. O turismo para nós não é só um aspecto económico, é também educar, formar as populações e dar a conhecer um recurso pouco desenvolvido na Póvoa de Lanhoso.

Outra das problemáticas que nos deparamos foi a questão da limpeza das propriedades e da envolvência das mesmas.

A solução que encontramos para este possível entrave, é tentar criar uma parceria com os serviços de acção social da câmara municipal, porque permitem que pessoas que são alvo desse apoio possam compensar essa ajuda através de serviços de limpeza municipais. Cada freguesia possui também serviços de limpeza que também podem auxiliar nestas acções.

Podemos também através de voluntariado reforçar a preservação do património, porque por exemplo, no dia 27 de Setembro, Dia Mundial de Turismo, a divisão de turismo da câmara municipal promoveu a limpeza a alguns monumentos através de pessoas que voluntariamente inscreveram-se para tal acção.

O problema mais grave que discernimos é a degradação de algumas habitações, como por exemplo a Torre da Mota, a Casa do Penedo e a Casa do Outeiro.

O restauro destas estruturas depende do sucesso da Rota das Casas Brasonadas, ou seja, tentaremos atrair o investimento de possíveis interessados para assumirem a salvaguarda deste património.

Relativamente a medidas para divulgar o projecto, a medida lógica foi a criação de um perfil na rede social Facebook. Numa sociedade em que cada vez mais as pessoas passam grande parte do dia ligadas à internet, consideramos este o nosso principal meio de comunicação para a população.



Imagem 20 - Página principal do perfil no Facebook; Fonte: Facebook;

A criação do perfil nesta rede social aconteceu no primeiro dia de Setembro.

Criamos a marca Conhecer Lanhoso, onde está inserida a Rota de Casas Brasonadas, principal activo do projecto, após três dias de existência, já mais de cem pessoas estavam ligadas ao nosso perfil. No final da primeira semana o número já passava os duzentos. Os números apresentados foram os que estávamos à espera.

Tudo neste projecto é pensado ao mais ínfimo pormenor, mesmo o horário das publicações. As primeiras não tiveram um horário definido, para testarmos a aceitação das pessoas. As seguintes já foram planeadas relativamente aos horários mais produtivos, relativamente ao número de utilizadores presentes na rede social.

No final do mês, o número já passava os quinhentos membros associados ao nosso perfil. Para além do número alcançado, os membros mostravam-se muito interessados no projecto e participavam no mesmo.

Segundo as nossas previsões de crescimento, no final do ano de 2012 vamos atingir os mil membros.

Percebemos pelas intervenções de muitos povoenses, tanto a viver em Portugal como no estrangeiro, bastante desconhecimento face a vários locais do concelho.

Para diminuirmos esta falta de conhecimento utilizamos o dia 25 de Setembro, dia do concelho, este ano perfazendo 720 anos de existência, para lançar mais dois programas inerentes à marca Conhecer Lanhoso, Excelência Natural para promover o património natural, e Monumentos Intemporais, para divulgar o património edificado povoense.

No início de 2013 lançaremos o programa “Tu Sabes?”, que consiste a dar a conhecer à população povoense as figuras do concelho, porque as pessoas também são património.

Os meios de promoção do projecto foram pensados de forma a atrair os vários escalões etários.

Para além da criação de um perfil na rede social Facebook, criamos também um canal na rede social Youtube, que vamos utilizar para publicar vídeos de promoção da Rota das Casas Brasonadas, da Póvoa de Lanhoso e de todo o património interessante existente no concelho.

A Rota das Casas Brasonadas não vai apenas ser algo fixo, sem cair na monotonia muito usual neste segmento de turismo.

Para dinamizar esta rota, incluindo o que já apresentamos anteriormente, como o turismo de experiências, as recriações do ambiente vivido nestas habitações e a prática de desporto, vamos apostar também na realização de eventos nestes locais, como por exemplo peças de teatro, sessões de cinema, amostras gastronómicas e reuniões de empresas.

A interactividade é algo a que damos muita importância, portanto nestas propostas que idealizamos para as propriedades, os visitantes que queiram usufruir das mesmas e que no momento da inscrição nos sigam nas redes sociais terão um desconto, com o valor a variar consoante a época do ano.

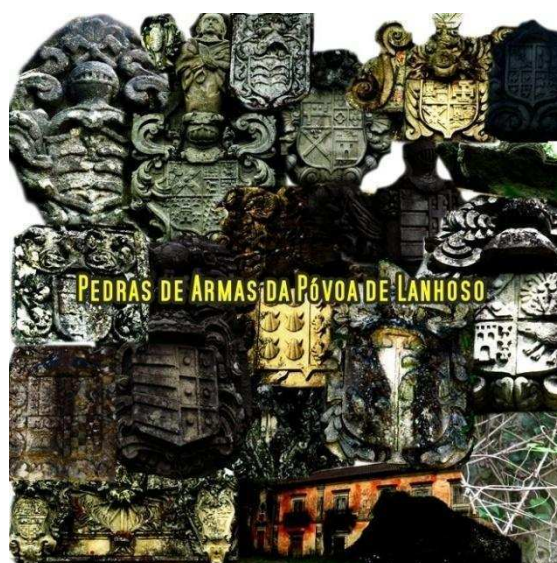


Imagem 21 - Imagem representativa das pedras de armas integrantes do projecto; Fonte: Autor;

Criamos também um Blogue que será utilizado para colocar informação mais pormenorizada de cada habitação, a sua história, a sua localização, informações como o património mais próximo a visitar, estruturas de restauração mais próximas e mais aconselháveis, e curiosidades pertinentes para uma melhor oferta turística.

Apostamos também na criação de um perfil na rede social Twitter, tendo em vista o mercado estrangeiro, já que em Portugal ferramenta ainda não é utilizada pela maioria da população.

Como podemos observar na ilustração 22 possuímos actualmente uma diversidade de plataformas na internet de forma a aumentar a abrangência do projecto tornando-o mais atractivo e actual.



Imagem 22 - Várias plataformas na Internet; Fonte: Autor;

Como já referimos anteriormente, todos os escalões etários são importantes, por isso apostaremos também na promoção e divulgação da Rota em jornais, revistas e na rádio. Esta aposta é determinada devido aos maiores hábitos de leitura dos escalões etários menos jovens.

Para termos um crescimento de uma forma sustentável, temos de solidificar a nossa imagem nos meios de comunicação locais e regionais. Após termos o projecto consolidado no concelho e no distrito, só neste momento é que podemos começar a idealizar estratégias de promoção e divulgação na região, alargando assim a influência do mesmo.

O objectivo final é desenvolver uma ligação na região norte entre os concelhos que possuam Casas Brasonadas, criando assim uma Mega-Rota que sirva como ferramenta de criação de emprego, restauração dessas casas mais degradadas



Imagem 23 - Localização das Casas no Mapa do Concelho; Fonte: Autor;

A ilustração 23 demonstra o quanto o concelho pode ganhar com o desenvolvimento deste segmento, porque abrange um número elevado de freguesias.

No processo de promoção do projecto vamos adoptar estratégias de divulgação mais tradicionais, como os flyers, naquilo que é denominado de Marketing Directo, para contactar mais proximamente com a população. Esta aproximação à população será efectuada através de acções de rua, em locais e dias específicos, com o intuito de aumentar o efeito pretendido.

A colocação de Outdoors, também será algo que iremos apostar, contudo, tem que ser bem estruturado, tanto no local em que ficará colocado, mas também na imagem que vai passar para o público.

Vamos apostar na inovação, através do denominado Marketing de Guerrilha, que tem como objectivo principal publicitar um produto, marca, serviço, de uma forma criativa e que “choque” as pessoas.

Ainda relacionado com a inovação, e defendendo a Rota de Casas Brasonadas como instrumento de projecção do concelho na região, no país e também no mundo, aproveitamos para divulgar novas formas de turismo que queremos estabelecer na Póvoa de Lanhoso.

O primeiro exemplo é o Couchsurfing. Foi criado em 2003 com o intuito de criar trocas educacionais, fomentar consciência colectiva, espalhar a tolerância e o entendimento cultural.

Em 2012 atingiu a marca de 1 milhão de membros em mais de 180 países. O slogan é “Participar na criação de um mundo melhor, um sofá de cada vez”.

O couchsurfing é uma alternativa aos estabelecimentos hoteleiros, já que permite ao turista não despende dinheiro em habitação, e concede ao turista uma experiência diferente e mais confortável, sentindo-se em casa.

Não consideramos que esta nova prática prejudique a actividade turística de uma região, porque a pessoa ou a família que recebe o turista, não o acolhe apenas, leva-o a visitar os locais mais interessantes da região, monumentos, museus e outros serviços ligados ao turismo, facilitando as escolhas do turista também nas decisões gastronómicas. Os proprietários dos grandes espaços hoteleiros e de hospedagem criticam esta actividade, porque prejudica em certa escala a percentagem de ocupação desses espaços.

Reforçamos na nossa perspectiva a presença do couchsurfing em regiões turísticas onde espaços hoteleiros reúnem em si todos os serviços que prestam aos turistas, enfraquecendo os outros serviços locais destinados ao turismo.

O segundo exemplo é o Rent a Local Friend, que faz com que os turistas experienciem uma nova localidade com alguém residente nesse local para que os faça sentir em casa. Esse residente local ajuda o turista a fazer as escolhas acertadas, porque por vezes ser turista é difícil e torna-se entediante.

O terceiro e último exemplo é o Trocacasa.com, que possui o maior número de ofertas de troca de casas online. Está presente em 146 países com mais de 41mil ofertas.

O único custo que tem é a deslocação. Na maioria dos casos, as famílias que recebem as pessoas em sua casa, oferecem os alimentos e tudo o que é necessário para uma óptima estadia. Um dos princípios é viver como um local, e não como turista.

Para concluir este capítulo falta regulamentar o orçamento inicial para o projecto. Consideramos 1000€ como um valor inicial bastante aceitável.

Podem assumir que este valor é bastante reduzido, que pode colocar em causa a qualidade do projecto e que demonstra uma falta de experiência e planeamento.

Contudo, rebatemos essas possíveis considerações com várias estratégias que vamos escrutinar de forma a viabilizar este projecto.

Acreditamos que a interacção entre várias empresas é crucial para o desenvolvimento e consolidação desta rota, ou seja, nas várias plataformas que colocamos disponíveis, colocaremos publicidade a eventos, empresas concelhias e regionais que paguem o tempo e



espaço disponibilizado, ou então, a troca de publicidade, exibindo o nosso projecto nas suas plataformas.

Para além disso através da criação de uma linha de merchandising, com postais e posters identificativos de locais de excelência do concelho, e também apostar na divulgação e fortalecimento do artesanato e da gastronomia da Póvoa de Lanhoso.

Por fim as Visitas Guiadas, serão desenvolvidas e estruturadas conforme o número em cada grupo e com os seus interesses. O objectivo das visitas guiadas é que cada uma seja diferente e única, e que proporcione momentos inesquecíveis ao visitante.

Relativamente a gastos, serão concentrados nos materiais para o marketing e publicidade.

Os gastos da limpeza das propriedades já foram solucionados neste capítulo, com o voluntariado e os serviços de acção social camarários.

A cooperação entre entidades é fundamental para um crescimento mais célere e consistente, caso não aconteça, serão usadas as mesmas estratégias, mas apenas com as plataformas em que estamos disponíveis.

## **CAPÍTULO V**

### **Conclusão**

Acreditamos verdadeiramente que o nosso projecto pode afectar positivamente a actividade turística na Póvoa de Lanhoso.

Com as ferramentas certas, e uma aposta forte na promoção e divulgação nos meios de comunicação, com forte incidência na Internet, sabemos que a Rota das Casas Brasonadas na Póvoa de Lanhoso tem tudo para ter sucesso.

Como a Rota abrange grande parte do concelho, a percentagem de sucesso e apoio às populações locais é bastante elevada.

Para termos sucesso, é fulcral uma aproximação à população local, dando a conhecer os benefícios de uma maior actividade turística, em que todo o concelho possa recolher esses benefícios de igual forma, e também informar a população sobre as formas como minimizar os aspectos negativos do turismo. As medidas que implementamos para aproximar o nosso projecto à população foram, a visita às 29 freguesias do concelho através da coordenação do estágio de 4 jovens do curso profissional de turismo da escola secundária, o que nos permitiu conhecer verdadeiramente o concelho e as pessoas.

Esta actividade teve o apoio da entidade reguladora do turismo na Póvoa de Lanhoso que assim ficou a conhecer as nossas perspectivas sobre o projecto e as soluções para uma melhoria do turismo no concelho.

### **Importância do Turismo em Portugal e no Mundo**

O turismo é uma actividade em crescimento e cada vez mais importante na economia mundial e portuguesa, sendo considerado em 2012 o 3º sector económico europeu.

Em 2005, e pela primeira vez, o número de chegadas turísticas internacionais passou a barreira dos 800 milhões, situando-se em 806 milhões, segundo a OMT<sup>153</sup>. No ano seguinte este número chega a 842 milhões. Este número em 2007 subiu para 903 milhões. Em 2008 foi atingido o número de 925 milhões de chegadas internacionais.

---

<sup>153</sup> Organização Mundial de Turismo;

Segundo a OMT a quebra que aconteceu em 2009 será reequilibrada com o crescimento em 2010. Este crescimento não foi substancial devido ao aumento do desemprego e a contenção de gastos dos turistas.

O continente africano foi o único que em 2009 denotou algum crescimento, no lado oposto o continente europeu e o norte-americano registaram as maiores quedas.

Um estudo de tendência “Turismo: Panorama 2020” aponta para 1,56 bilhões de chegadas turísticas internacionais.

Segundo um relatório do Euromonitor, o número de turistas provenientes da Índia que viaja para destinos internacionais vai duplicar até 2011, 16,3 milhões. Operadores turísticos como a Kuoni e a Thomas Cook aproveitaram este aumento de fluxo turístico. Este aumento está relacionado com o aumento dos salários, férias de baixo custo, rotas low-cost, e uma maior facilidade de obtenção de vistos para as viagens ao estrangeiro.

Segundo previsões da OMT para a Europa, em 2020, este continente receberá 717 milhões de chegadas internacionais, representando 46% da quota de mercado.

As mudanças sócio-culturais como o direito a férias pagas, redução do tempo de trabalho, repartição das férias, uma maior liberdade individual, tanto a nível económico como de tempos livres, uma maior facilidade de mobilidade, a Internet e as companhias de low-cost criaram novos tipos de turismo. Segundo Cunha<sup>154</sup> os novos tipos de turismo que surgiram foram o turismo cemiterial, de guerra, ufológico e espacial.

Os segmentos de mercado mais importantes até 2020 segundo a OMT são Sol e Praia, Desportos, Aventura, Natureza, Cultural, Urbano, Rural, Cruzeiros, Parques Temáticos, Reuniões e conferências.

Em relação a Portugal segundo dados de 2006 da OMT e do INE<sup>155</sup>, obteve 12 milhões de chegadas internacionais, 15,5 milhões de excursionistas e o total de 40 milhões de dormidas. Estes números representam 10% do PIB<sup>156</sup>, 15% do total de exportações de bens e serviços e 10% do emprego em Portugal.

Lisboa surge no top dez mundial elaborado pela editora norte-americana Shermans Travel e o Yahoo Travel de destinos a visitar em 2008, devido aos baixos custos e à cozinha inovadora.

---

<sup>154</sup> CUNHA, Licínio – *Economia e Política do Turismo*, McGraw-Hill, Lisboa, 1997;

<sup>155</sup> Instituto Nacional de Estatística;

<sup>156</sup> Produto Interno Bruto;

Os brasileiros visitam cada vez mais Portugal, o que justifica a presença da TAP<sup>157</sup> em oito aeroportos brasileiros.

Como já referimos durante o trabalho, o Turismo é dos principais sectores da economia portuguesa, perfazendo 11% do PIB, segundo dados de 2004.

Apesar de ter perdido alguma quota de mercado internacional, a relação qualidade-preço continua a ser uma das principais razões de visita dos turistas a Portugal.

As regiões do Algarve e da Madeira subsistem quase totalmente devido à actividade turística, sendo considerados destinos de excelência. Para um país pequeno como Portugal, este número de destinos tem de ser considerado algo extraordinário. A região do Norte têm ganho preponderância e futuro como região turística.

As principais dificuldades que Portugal encontra como destino turístico, são a elevada sazonalidade, as limitações que existem nas ligações aéreas tornam estes destinos mais atractivos apenas em determinadas épocas do ano.

Cabe às entidades responsáveis pelo turismo dessas regiões criar condições para que a visita seja alargada a maiores períodos durante o ano.

Segundo o PENT<sup>158</sup> Portugal tem que apostar nos factores e segmentos que diferenciem o país dos outros destinos concorrentes.

O “Clima e luz”, “História, Cultura e Tradição”, “Hospitalidade” e “Diversidade concentrada” qualificam Portugal com um leque de opções para os turistas, concedendo uma autenticidade moderna, segurança e uma qualidade competitiva.

Portugal tem como objectivo crescer anualmente 5% no número de turistas até 2015 atingindo 20 milhões de turistas. Para além disso quer aumentar cerca de 9% nas receitas provenientes do turismo, para ultrapassar os 15 mil milhões de euros, mais do dobro actual volume de receitas.

O PENT considera as regiões de Lisboa, Algarve e do Porto e Norte como as que mais vão contribuir para o crescimento, sem esquecer o Alentejo.

Consideramos que o Turismo irá contribuir de forma preponderante para o desenvolvimento da economia portuguesa. As perspectivas mais positivas encaram que em 2015 o turismo representará mais de 15% do PIB e do emprego nacional.

Portugal é um país excepcional para a prática de turismo, com condições climatéricas favoráveis, recursos naturais e culturais únicos e uma boa relação qualidade preço.

---

<sup>157</sup> Transportes Aéreos Portugueses;

<sup>158</sup> Plano Estratégico Nacional de Turismo;

As entidades responsáveis pelo turismo em Portugal estabeleceram os seguintes produtos turísticos, Sol e Mar, Touring Cultural e Paisagístico, City Break, Turismo de Negócios, Turismo de Natureza, Turismo Náutico, Saúde e Bem-Estar. Golfe, Resorts Integrados e Turismo Residencial, e Gastronomia e Vinhos.

Para que um destino aposte nestes produtos turísticos, é necessário que crie e desenvolva ofertas estruturadas e únicas, para que consigam atrair os interessados.

Consideramos que é válido referir que Portugal possui condições para que todos estes produtos turísticos tenham um destino de excelência associado a cada um.

O PENT considera que os que mais vão contribuir a um curto e médio prazo são os produtos Sol e Praia, Touring e City Break.

Douro, Serra da Estrela, Oeste, Alqueva, Litoral Alentejano e Porto Santo são os destinos que terão de ser estruturados e dinamizados, devido aos conteúdos distintivos de cada um, para a diversificar a oferta turística e homogeneizar a actividade turística por todo o país. Contudo, estas acções terão de ser bem planeadas e dinamizadas para se tornarem em segmentos sustentados e pontos de atracção, beneficiando assim a região em que se insere.

Para que estas acções resultem o reforço das acessibilidades é inevitável. Sendo Portugal um dos países da Europa com mais quilómetros de auto-estrada em relação à sua dimensão, o que está a dificultar o aproveitamento destes destinos turísticos é o aumento do valor das portagens e a implementação de outras em estradas secundárias.

Estas medidas tomadas para gerar riqueza aos cofres do estado, está na verdade a enfraquecer as regiões turísticas neste caso, já que por exemplo provoca uma diminuição das deslocações internas, e até de turistas provenientes de Espanha.

Numa época onde o país está assolado pela denominada crise económica, consideramos que os esforços têm que ser feitos em todos os sectores, mas porque não estabelecer dias, semanas ou meses da época alta de cada região e suspender essas cobranças para que as pessoas possam movimentar-se em maior escala e assim criarem mais receitas nessas regiões, revertendo parte das receitas em forma de impostos para o estado.

Em relações aos aeroportos, consideramos que estão dependentes da situação do turismo em Portugal. Ou seja, é difícil conseguir atrair companhias aéreas que criem ligações directas para Portugal, se o turismo interno for débil.

O grande objectivo dos aeroportos é conseguirem reduzir a sazonalidade. A solução passa na nossa perspectiva por um fortalecimento entre os mesmos e os mercados emissores

estabelecendo nas épocas baixas melhores preços e condições para os turistas visitarem o nosso país.

O PENT estabelece como mercados estratégicos Portugal, Reino Unido, Espanha, Alemanha e França. Estes mercados devem ser alvo de estratégias de promoção e divulgação para que contribuam de forma significativa para o turismo.

O PENT realça também os mercados a consolidar, os países escandinavos, Itália, Estados Unidos da América, Japão, Brasil, Holanda, Irlanda e Bélgica.

Nestes mercados as acções devem ser ainda mais frequentes e em locais ou eventos com uma dimensão elevada.

Estabelece também os mercados de diversificação e identifica-os, Áustria, Suíça, Rússia, Canadá, Polónia, República Checa, Hungria e China. A principal aposta nestes mercados é reforçar a quota e a notoriedade do Destino Portugal.

É necessário também a realização de um ou dois mega-eventos por década para reforçar a imagem e a notoriedade do país.

Eventos como a Expo 98 e o Europeu de Futebol em 2004 foram acontecimentos que marcaram o país e que trouxeram milhões de turistas a Portugal nos anos correspondentes e nos anos posteriores.

Nos últimos anos em Portugal os Festivais de música no Verão têm ganho muita importância já que dinamiza a economia da região em que se insere e também a visita de estrangeiros ao país. Esta proliferação dos festivais é positiva, porque abrangem grande parte do território e aumentam assim o movimento interno da população, principalmente a jovem.

Estes festivais podem ter também a função de inovar os conteúdos tradicionais portugueses que diferenciam dos outros países.

O país tem de reforçar a identidade nacional, partilhar com o turista a história, cultura, literatura e música de Portugal.

Estes elementos da oferta cultural possibilitam uma oferta diversificada ao turista. É necessário também melhorar o marketing da oferta dos museus e dos monumentos, adequando da melhor forma os horários de funcionamento, para que nos momentos de maior afluência a esses locais, esses espaços estejam abertos.

A gastronomia portuguesa é bastante rica e diversificada, contudo, é necessário que os pratos existentes se tornem referência para caracterizar essa riqueza.

Relativamente aos recursos humanos, é fundamental que sejam qualificados. É necessário que seja criado um programa de excelência turística, que crie uma escola especializada em turismo, para estimular a formação e fomentar a excelência.

A aposta da promoção e divulgação na internet é algo cada vez mais importante numa sociedade ligada constantemente às novas tecnologias.

A cooperação entre agentes privados públicos é fundamental para o sucesso do Destino Portugal. Esta interação é crucial para a adopção de práticas inovadoras e modernas, com o intuito de aumentar a competitividade.

A cooperação deve ter a orientação política do Ministério da Economia e da Inovação que faz parte da administração central, mas também entidades regionais e locais, associações do sector, empresariais e regionais, que estejam relacionadas directa ou indirectamente ao turismo.

Relativamente ao nosso projecto, ele está inserido no Turismo Cultural.

## **Património e Turismo Cultural**

Como o termo cultura, difere de pessoa para pessoa, ou seja, é muito complexo, é preciso saber actuar nesta área.

O turismo cultural foca a cultura, tanto nacional como regional. Este segmento tem uma forte relação com o património e com a população local, porque permite uma permanência prolongada. Não é apenas restrito às grandes cidades, mas também a outros locais que possuam elementos de interesse.

Estes elementos de interesse começaram a ter mais importância, após a 2ª Guerra Mundial, quando grande parte da Europa encontrava-se destruída. Nesta época aconteceu um grande número de reconstruções e restaurações do património edificado.

O conceito de património tem vindo a registar alterações consideráveis, sendo alvo de reflexões, colóquios e investigações diversas.

Para Jacques Capdevielle<sup>159</sup> o património pode contribuir, de certo modo, para que o indivíduo se liberte da finitude a que, pela sua natureza, está sujeito, e se inscreva na perenidade.

---

<sup>159</sup> CAPDEVIELLE, Jacques – *Le fétichisme du patrimoine, Essai sur un fondement de la classe moyenne*, Presse de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, Paris, 1986;

Esta preocupação para aquilo que provém do passado, Paul Connerton<sup>160</sup> considera que todos nós preservamos versões do passado, representando-o para nós próprios em palavras e imagens.

No caso europeu salientamos o ERIH<sup>161</sup>, que engloba em toda a Europa locais com instalações e vestígios industriais, preservando-os, conservando-os e promovendo-os. O TICCIH<sup>162</sup> é fundamental para a manutenção e conservação deste tipo de património.

Relativamente a Portugal, a entidade responsável pelo Património é o IGESPAR.<sup>163</sup> Com a actual inexistência de um ministério da cultura, a consequente desactualização da informação sobre o património é mais evidente.

Relativamente à legislação existente, a Lei de Base de 2001 contempla a preservação do património em geral. “A presente lei estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura. Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização.”

Nos últimos anos as entidades políticas têm-se esforçado para fortalecer as medidas que regulamentem e legitimem a actividade turística.

Destacamos a Declaração de Lubeque na Alemanha em 2007 que reconhece que o turismo é uma forma de investimento nos sítios Património Mundial, mas que necessita de se tornar sustentável para assegurar a protecção e reduzir ou anular os danos provocados pelo homem.

Contudo ao longo do tempo aconteceram convenções e reuniões que reforçaram a importância dos vários tipos de património em todo o mundo.

Salientamos relativamente ao Património Arqueológico, em 1990 a Carta Internacional sobre a protecção e a gestão do património arqueológico. Dois anos depois em Malta, a European Convention on the Protection of the Archaeological Heritage rectifica a importância da protecção dos vestígios arqueológicos.

A Carta de Atenas em 1931 estabelece os princípios gerais e doutrinas relativas à protecção de monumentos. Em 1986 a Carta Internacional para a salvaguarda das Cidades

---

<sup>160</sup> CONNERTON, Paul - *Como as Sociedades Recordam*, Celta Editora, Oeiras, 1993;

<sup>161</sup> European Route of Industrial Heritage;

<sup>162</sup> The International Committee for the conservation of the industrial Heritage;

<sup>163</sup> Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico;



Históricas complementa e defende a cidade histórica como um grande monumento e a necessidade de protecção. Neste aspecto incluímos a Carta Europeia do Património Arquitectónico em 1975.

A Carta de Veneza em 1964 defende a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios. A Carta de Cracóvia em 2000 estabelece os princípios para a conservação e o restauro do património construído.

Em 1994 a Carta de Vila Vigoni retrata também sobre a conservação, mas relativamente aos bens culturais eclesiásticos.

Em 2009 a Carta de Bruxelas e a Declaração de Viena falam sobre o papel do património cultural na economia, e o incentivo ao património em período de recessão económica.

Com a conjectura económica em que actualmente o país vive, é fundamental cada vez mais estar ciente da situação em que a cultura se encontra em Portugal.

Para tal é necessário gerar ideias, criar oportunidades e consolidar comportamentos para que o património existente não desapareça no tempo e persista para as gerações futuras.

Temos de tratar da cultura, do património, da identidade de um local, de uma região, de um país, do passado, mas com ferramentas e perspectiva do presente em relação ao futuro.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ALMEIDA, Álvaro Duarte de; BELO, Duarte; SOARES, Júlia Mateus - *Portugal, Atlas do Património*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2008.
- ALMEIDA, Duarte de; BELO, Duarte - *Portugal Património, Guia Inventário, VOL. II*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2007.
- ALVES, Vasco Lopes – *Direct Marketing em Portugal, conceitos para uma estratégia de sucesso*, Texto Editora, Lisboa, 1991.
- ARAÚJO, Ilídio de – *Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal*, Centro de Estudos de Urbanismo, Direcção dos Serviços de Urbanização, Lisboa, 1962.
- AZEREDO, Brigadeiro Carlos – *As Populações a Norte do Douro e os Franceses em 1808 e 1809*, Imprensa Portuguesa, Lisboa, 1983.
- AZEREDO, Francisco de – *Casas Senhoriais Portuguesas*, Livraria Cruz, Braga, 1978.
- AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses*, Livros Horizonte, Lisboa, 1969.
- BAKER, Michael J.; HART, Susan – *The Marketing Book, Sixth Edition*, Elsevier Ltd., Curlington, 2008.
- BELO, Duarte - *Portugal, Olhares sobre o Património*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2008.
- BOROCZ, József – *Leisure Migration, A Sociological Study on Tourism*, Pergamon Press, s.l., 1996.
- BRITO, Carlos Melo – *Os Horizontes do Marketing*, Ed. Verbo, Braga, 2000.
- BUTLER, Richard – *Tourism Alternative, The thin edge of the wedge*, s.e.,s.l., 1980.
- CAPDEVIELLE, Jacques – *Le fétichisme du patrimoine, Essai sur un fondement de la classe moyenne*, Presse de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, Paris, 1986.
- CONNERTON, Paul - *Como as Sociedades Recordam*, Celta Editora, Oeiras, 1993.
- COUTO, João; FAIAS, Cláudia; FAIAS, João - *Marketing Turístico Conceitos e Tendências*, Univ. dos Açores, 2009.
- CUNHA, Licínio – *Economia e Política do Turismo*, McGraw-Hill, Lisboa, 1997;

DRUCKER, P. – *Management, Tasks, Responsibilities, Practices*, Harper & Row, Nova Iorque, 1973.

DUBOIS, Bernard – *Compreender o consumidor*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1998.

FERREIRA, Luís Velloso – *Antigas Casa e Famílias do Concelho da Póvoa de Lanhoso, II Casa do Penedo*, Univ. Moderna, Porto, 2001;

FERREIRA, Luís Velloso – *Antigas Casa e Famílias do Concelho da Póvoa de Lanhoso, III Casa do Pomar*, Univ. Moderna, Porto, 2001;

FERREIRA, Luís Velloso – *Antigas Casas e Famílias do Concelho da Póvoa de Lanhoso, I Casa das Agradas*, Univ. Moderna, Porto, 2000;

FERREIRA, Manuel Portugal; REIS, Nuno Rosa; SERRA, Fernando Ribeiro – *Marketing para Empreendedores e Pequenas Empresas, 3ª Edição*, Lidel, Lisboa-Porto, 2009.

FILL, Chris – *Marketing Communications, Interactivity, Communities and Content, Fifth Edition*, Pearson Education Limited, Edinburgh, 2009.

FREITAS, Paulo Alexandre Ribeiro – *Maria da Fonte, a Heroína e o Mito, «Cadernos Culturais»*, Associação Cultural da Juventude Povoense, Póvoa de Lanhoso, 1991.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert, W. – *Tourism, Principles, Practices, Philosophies, Twelfth Edition*, s.ed., s.l., 2011.

GUNN, C. – *Tourism Planning, 2ª edição*, Taylor and Francis, Nova Iorque, 1988.

HALL, C. Michael – *Tourism Planning, Policies, Processes and Relationships, second edition*, Pearson Prentice Hall, s.l., 2007.

HOLLOWAY, J. Christopher – *The Business of Tourism*, Prentice Hill, Londres, 1989;

IGNARRA, Luiz Renato – *Fundamentos do Turismo, 2ª edição*, Thomson, Brasil, 2004.

INSKEPP, Edward – *Tourism Planning, na integrated and sustainable development approach*, s.e., s.l., 1991.

JEANNET, Jean-Pierre; HENNESSEY, H. David – *Global Marketing Strategies, Third Edition*, Houghton Mifflin Company, Boston, 1995.

KAPFERER, Jean-Noel – *New Strategic Brand Management: Creating and Sustaining Brand Equity Long Term*, The Free Press, New York, 1989.

KOTLER, Philip – *Administração de Marketing: análise, planejamento, implementação e controlo*, 3ª edição, Atlas, São Paulo, 2006.

KOTLER, Philip – *Marketing para o século XXI*, 3ª edição, Editora Presença, Lisboa, 2006.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary – *Princípios de Marketing*, 12ª Edição, Prentice-Hall, s.l., 2008.

KOTLER, Philip; KARTAJAYA, Hermawan; SETIWAN, Iwan – *Marketing 3.0*, Actual Editora Lisboa, 2011;

LAMBIN, Jean-Jacques – *Marketing Estratégico*, 4ª edição, Mcgraw-Hill, Lisboa, 2000.

LINDON, Denis – *Mercator XXI Teoria e Prática do Marketing*, 10ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2004.

LOVELOCK, Christopher; WIRTZ, Jochen – *Services Marketing, People, Technology, Strategy*, seventh edition, Pearson, Boston, 2011.

MACHADO, José de Sousa – *Últimas Gerações de Entre Douro e Minho*, op.cit., vol II, 1932.

MARQUES, Maria Olinda – *Turismo e Marketing Turístico*, Publicações Europa-América, Lisboa, 2005.

MATHIESON, A.; WALL, G. – *Tourism, Economic Physical and Social Impacts*, Longman, Londres, 1982.

MATTOS, Armando de – *Brasonário de Portugal*, 2 vols., Porto, 1940-1943.

MILHEIRO, Eva - *A Informação Turística e as Tecnologias da Informação e da Comunicação: o Caso Português*, Instituto de Turismo de Portugal, Lisboa, 2006.

NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da – *Pedras de Armas e Armas Tumulares do Distrito de Braga, Vol.IV, Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso*, Junta Distrital de Braga, 1974.

NORTON, Maria Henriqueta C. R. Teixeira da Mota – *Terras de Lanhoso, O Inquérito de 1758 do P.e Luís Cardoso*, Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso, 1987.

OGDEN, James R.; CRESCITELLI, Edson – *Comunicação Integrada de Marketing, Conceitos, técnicas e práticas*, 2ª Edição, Pearson Prentice Hall, São Paulo, 2007.

RICHARDSON, Paul – *Internet Marketing, Readings and Online Resources*, McGraw-Hill, Singapore, 2001.

- RUSCHMANN, Doris – *Turismo e Planeamento Sustentável, A Protecção do Meio Ambiente*, 3ª edição, Papyrus Editora, s.l.,1999.
- SAMPAIO, Alberto – *Estudos Históricos e Económicos, As Vilas do Norte de Portugal*, vol.1, Ed. Veja, 1979.
- SEMENIK, Richard J.; BAMOSSY, Gary J. – *Princípios de Marketing, Uma Perspectiva Global*, Ed. McGraw-Hill, São Paulo, 1996.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *História de Portugal*, Ed. Verbo, Lisboa, 1979-1980.
- SERRÃO, Joel, dir. de – *Dicionário de História de Portugal*, Livraria Figueirinhas, Porto, s.d.
- SHIMP, Terence A. – *Promotion Management & Marketing Communications, Third Edition*, The Dryden Press, Florida, 1990.
- SIMÕES, José Manuel; FERREIRA, Carlos Cardoso - *Turismo de Nicho, Motivações, Produtos, Territórios*, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 2009.
- STOOP, Anne de – *Palácios e Casas Senhoriais do Minho, Tomo 1*, Ed. Civilização, Porto, 1993.
- VERA, Fernando - *Análisis Territorial del Turismo*, Tirant lo Blanch, Barcelona, 1997.
- VIEIRA, João Martins – *Planeamento e Ordenamento Territorial do Turismo, Uma perspectiva estratégica*, Ed. Verbo, Lisboa, 2007.
- ZÚQUETE, Afonso – *Armorial Lusitano, Genealogia e Heráldica, Famílias Nobres, Suas Origens e suas Armas*, Edições Zairol, Lisboa, 2000.

## **LEGISLAÇÃO**

- Carta de Atenas – 1931
- Carta de Bruxelas – 2009
- Carta de Cracóvia – 2000
- Carta de Veneza – 1964
- Carta de Vila Vigoni – 1994
- Carta Europeia do Património Arquitectónico – 1975
- Carta Internacional para a salvaguarda das Cidades Históricas – 1986
- Carta Internacional sobre a protecção e a gestão do património arqueológico – 1990
- Declaração de Lubeque – 2007
- Declaração de Viena - 2009
- Decreto-Lei 228/2009
- Decreto-Lei 39/2008
- European Convention on the Protection of the Archaeological Heritage – 1992
- Lei de Base de 2001

## SITES

[www.acerg.net](http://www.acerg.net) – Associação de Criadores de Equinos de Raça Garrana  
[www.adrave.pt](http://www.adrave.pt) – Agência de Desenvolvimento Regional do Vale do Ave  
[www.aiest.org](http://www.aiest.org) – Associação Internacional de Técnicos de Turismo  
[www.ap-casas-antigas.pt](http://www.ap-casas-antigas.pt) – Associação Portuguesa de Casas Antigas  
[www.atpl.pt](http://www.atpl.pt) – Associação de Turismo da Póvoa de Lanhoso  
[www.casadorequeixo.com](http://www.casadorequeixo.com) – Casa do Requeixo  
[www.casasnocampo.net](http://www.casasnocampo.net) – Casas no Campo  
[www.ccdr-n.pt](http://www.ccdr-n.pt) - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional  
[www.couchsurfing.org](http://www.couchsurfing.org) - Couchsurfing  
[www.erih.net](http://www.erih.net) – European Route of Industrial Heritage  
[www.facebook.com](http://www.facebook.com) - Facebook  
[www.flytap.com](http://www.flytap.com) – Transportes Aéreos Portugueses  
[www.icn.pt](http://www.icn.pt) – Instituto Conservação da Natureza  
[www.igespar.pt](http://www.igespar.pt) – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico  
[www.ine.pt](http://www.ine.pt) – Instituto Nacional de Estatística  
[www.ipdt.pt](http://www.ipdt.pt) - Instituto do Planeamento e Desenvolvimento do Turismo  
[www.ipvc.pt](http://www.ipvc.pt) – Instituto Politécnico de Viana do Castelo  
[www.isave.pt](http://www.isave.pt) – Instituto Superior de Saúde do Alto Ave  
[www.leader.pt](http://www.leader.pt) - Liason Entre Actions pour le Développement de L'Economie Rurale  
[www.marketingpower.com](http://www.marketingpower.com)  
[www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt) - Monumentos  
[www.mun-lanhoso.pt](http://www.mun-lanhoso.pt) – Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso  
[www.nationaltrust.org.uk](http://www.nationaltrust.org.uk) – National Trust  
[www.portoenorte.pt](http://www.portoenorte.pt) – Porto e Norte  
[www.qren.pt](http://www.qren.pt) - Quadro de Referência Estratégico Nacional  
[www.rentallocalfriend.com](http://www.rentallocalfriend.com) - Rent a Local Friend  
[www.stately-homes.com](http://www.stately-homes.com) – Stately Homes  
[www.ticcih.org](http://www.ticcih.org) - The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage  
[www.trocacasa.com](http://www.trocacasa.com) - Trocacasa.com  
[www.turihab.pt](http://www.turihab.pt) – Turismo de Habitação  
[www.turismodeportugal.pt](http://www.turismodeportugal.pt) – Turismo de Portugal  
[www.twitter.com](http://www.twitter.com) - Twitter  
[www.unesco.org](http://www.unesco.org) - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation  
[www.unwto.org](http://www.unwto.org) – Organização Mundial do Turismo  
[www.visitportugal.com](http://www.visitportugal.com) – Visit Portugal  
[www.wordpress.com](http://www.wordpress.com) - Wordpress  
[www.youtube.com](http://www.youtube.com) - Youtube

## ANEXOS

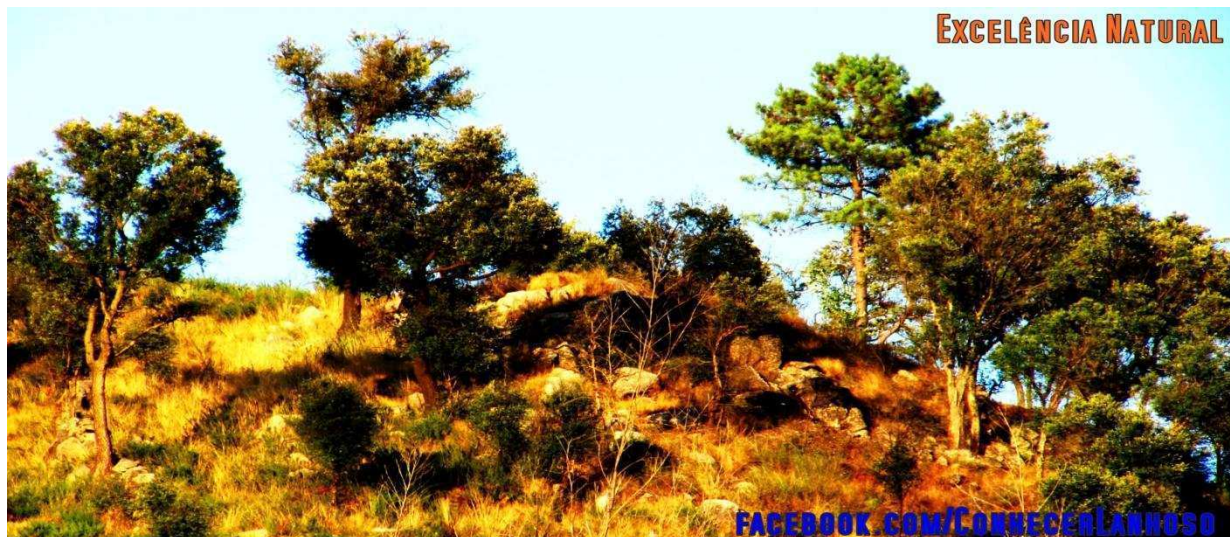


Ilustração 1 - Exemplo de outdoor publicitário; Fonte: Autor;



Ilustração 2 - Exemplo de outdoor publicitário; Fonte: Autor;



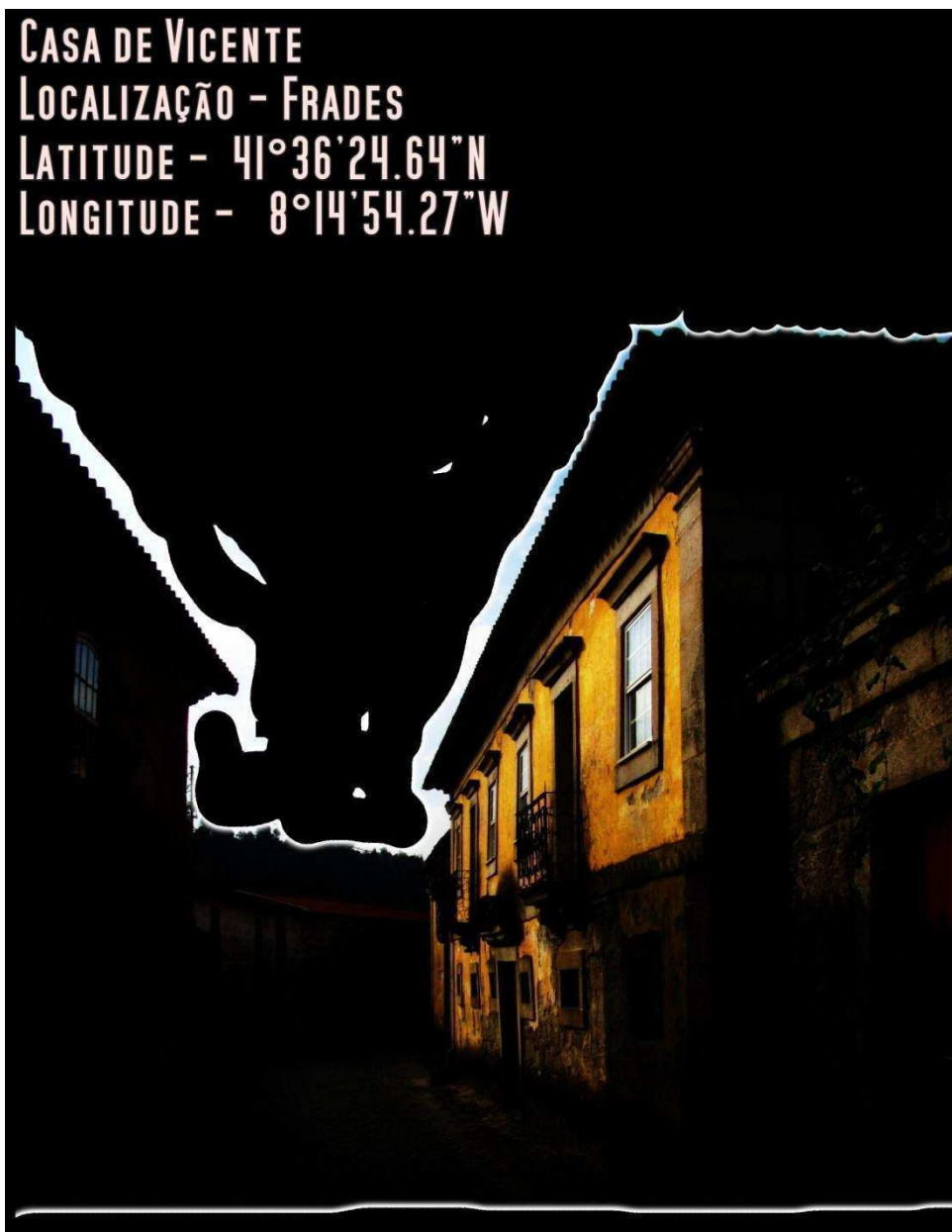


Ilustração 3 - Exemplo ficha individual de cada casa; Fonte: Autor;